



3 1761 06185807 2



2

4

5

1





**A TERCEIRA**  
**E**  
**A LIBERDADE**

**POEMA HISTORICO-POLITICO**

**POR**

**CARLOS AUGUSTO SCHIAPPA PIETRA**

Medico-cirurgião pela Escola de Lisboa;  
Socio correspondente da Sociedade das sciencias medicas;  
Cirurgião mór do exercito;  
Cavalleiro das ordens militares de Christo e de S. Bento de Aviz;  
Condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar.

---

**ANGRA DO HEROISMO**

96-IMPRESA DO GOVERNO CIVIL-1881



# A TERCEIRA E A LIBERDADE





A TERCEIRA  
E  
A LIBERDADE

POEMA HISTORICO-POLITICO

POR

CARLOS AUGUSTO SCHIAPPA PIETRA

Medico-cirurgião pela Escola de Lisboa;  
Socio correspondente da Sociedade das sciencias medicas;  
Cirurgião mór do exercito;  
Cavalleiro das ordens militares de Christo e de S. Bento de Aviz;  
Condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar.



ANGRA DO HEROISMO  
IMPRESA DO GOVERNO CIVIL  
1880



Δ

SUA Magestade Imperial

**O SENIOR D. PEDRO II**

IMPERADOR DO BRAZIL

**COMO FILHO DO DECANTADO HEROE  
DUQUE DE BRAGANÇA**

Off.

O auctor.



Senhor !

A circumstancia de ser Vossa Magestade Imperial filho do immortal D. Pedro IV, d'esse grande heroe a quem Portugal será sempre altamente grato porque Lhe deve, sem duvida, a liberdade que goza desde 1834 até hoje, e para obter a qual, já sob o simples titulo de duque de Bragança, foi Elle o primeiro soldado do exercito libertador, fazendo inauditos sacrificios e praticando actos de pasmoso heroismo, essa circumstancia, digo, ligada á de ser Vossa Magestade Imperial um monarcha eminentemente distincto pela sua sabedoria, virtudes e principios liberaes, leva-me naturalmente a dedicar a Vossa Magestade Imperial este meu humilde trabalho, como homenagem do mais subido respeito e admiração.

Ilha de S. Miguel,  
4 de Abril de 1879.

Carlos Augusto Schiappa Pietra.



## PROLOGO

Quando, em mil oitocentos e vinte oito, se travou na ilha Terceira a grande luta do partido liberal com os sectarios do despotismo do usurpador D. Miguel de Bragança, achava-me eu n'aquella ilha, na tenra idade de nove annos, no seio da minha familia, que para ali tinha ido de Lisboa, sua naturalidade, em mil oitocentos e vinte quatro, e para onde só regressou dez annos depois, quando aquella luta tinha terminado. Presenciei portanto, supposto que na infancia, aquelles acontecimentos politicos tão extraordinarios, aquellas peripecias maravilhosas e cavalheirescas, aquelles actos de um heroismo raro, que hão de ser eternamente admirados pelos nossos vindouros, do que resultou a conservação d'aquelle unico baluarte, onde jamais deixou de tremular a bandeira bicolor — o sympathico estandarte da liberdade. E as fortissimas e commoventes impressões, que recebi n'essa notavel epoca, de tal modo ficaram gravadas em minha memoria, que, longe de me terem esquecido, ao contrario se me pintam hoje mais vivas á imaginação, quando vejo incomparavelmente mais proxima de mim a campa onde hei de dormir o somno eterno, do que o berço em que me embalaram, ao entrar n'este labyrintho a que chamamos vida.

Virão essas recordações com as saudades da infancia, que nos são tão naturaes quando nos achamos a escorregar rapidamente por um plano inclinado, no fim do qual está o marco que nos ha de separar a existencia vital da eternidade? É possível, e mesmo provavel. Em todo o caso, a recordação d'essa immensa cadeia de maravilhas, que presenciei na ilha Terceira, fez-me nascer uma ideia pungente, e vem a ser: — que a maior parte dos portuguezes, que hoje se julgam felizes por gosarem de liberdade no seu paiz, estão longe de saber que a devem a esse abençoado torrão no meio do oceano, unico ponto de todos os dominios portuguezes que, á custa de esforços quasi sobrehumanos, de sacrificios verdadeiramente espantosos, de heroismo que assombrou o mundo inteiro, sustentou os direitos que tinha á corôa de Portugal o Senhor D. Pedro IV e sua Augusta filha, a Senhora D. Maria II, bem como o codigo liberal chamado *Carta Constitucional* com que aquelle monarcha havia dotado a nação portugueza.

É com effeito, se aquelle baluarte se não tivesse sustentado contra todos os esforços, contra todas as tentativas do governo usurpador, onde iriam reunir-se os emigrados liberaes dispersos pela Europa e pela America, que, tendo convergido pouco a pouco para aquella ilha, que os recebem á custa de tão enormes sacrificios, poderiam finalmente organizar uma força de sete mil e quinhentos bravos, que foram desembarcar nas praias do Mindello, para poderem depois libertar a sua patria? Onde se reuniriam elles? Perguntamos nós.

Logo é fóra de toda a duvida que á illha Terceira deveram e devem todos os liberaes do reino de Portugal a liberdade de que hoje gosam. Mas se, como ja disse, a maior parte da gente hoje ignora esta verdade, o que não acontecerá com o decorrer dos tempos, e quando ja não existir um unico coevo d'esses extraordinarios aconteci-



mentos? E não será muito para lamentar que se deixem envolver na obscuridade dos seculos esses actos de assombroso heroismo que devem sem duvida alguma immortalisar os portuguezes que os praticaram?

É certo que algumas memorias se escreveram ácerca de taes acontecimentos, mas, alem de se terem ellas pouco divulgado, ainda acrecece que por muito resumidas talvez, com quanto algumas fossem muito bem escriptas, têm ido successivamente desaparecendo das bibliothecas e das pequenas livrarias, a ponto de serem hoje rarissimos os seus exemplares. Alem d'isso, escreveram-se uns annaes da ilha Terceira, por Ferreira Drumonde, que eu muito consultei para este meu trabalho, mas que são hoje quasi inteiramente desconhecidos, particularmente fóra dos Açores. Foi por certo a lamentavel falta de escriptos d'esta ordem que me despertou a vontade de escrever alguma cousa sobre este importantissimo assumpto da historia patria. Foi essa falta que me aguçou o desejo de prestar um serviço publico, dando noticia verdadeira dos principaes acontecimentos politicos da ilha Terceira, aos quaes Portugal deve sem duvida os foros de paiz livre, e, como consequencia necessaria, todos os melhoramentos materiaes e politicos que hoje gosa, e que são, por assim dizer, o apanagio dos governos liberaes e progressistas.

A empreza é de sua natureza ardua e difficil, sobretudo para quem pela primeira vez se experimenta em trabalhos d'esta magnitude; mas o assumpto era realmente seductor, e eu lamentava que elle não tivesse sido aproveitado por nenhuma das habeis pennas em que tanto abunda o nosso pequeno paiz, e que tão brilhante lustre têm dado á litteratura patria.

Eu via de anno para anno, de dia para dia, desaparecerem infelizmente da arena litteraria as habilissimas pennas, os vultos respeitaveis que a morte ja ceifou,

sem que tivéssemos a felicidade de nos deixarem cantados por suas canoras e divinas tubas esses feitos verdadeiramente assombrosos — essa cadeia de maravilhas que tem o seu primeiro elo n'esse predestinado rochedo isolado no meio do oceano, chamado — Ilha Terceira — e o ultimo em Evora Monte, onde terminou essa ingente luta que por espaço de seis annos se viu com tanta consternação e espanto entre o partido liberal e o do infante D. Miguel, que havia usurpado a corôa de Portugal, e se tinha esforçado por sustental-a á custa dos maiores horrores que se podem exercer sobre os filhos da mesma patria. E eram precisamente esses vultos que eu ía vendo desaparecer de sobre a terra, os que, pondo mesmo de parte a sua elevadissima competencia, eu achava tambem mais proprios para cantarem esses gloriosos feitos, por haverem tomado n'elles uma parte importantissima, arriscando a sua vida nos combates, em que entraram como soldados, e nos quaes se distinguiram pelo seu valor, partilhando ao mesmo tempo todas essas provações tão amargas por que passaram os homens liberaes d'este paiz, em quanto não viram supplantado o partido dos escravos e plantada na patria a arvore da liberdade. Taes foram por exemplo os nossos grandes poetas e litteratos insignes Garret e Alexandre Herculano. Elles que presenciaram esses admiraveis factos, melhor do que ninguem podiam descrevel-os com toda a belleza, precisão e verdade. Mas quem sabe se não foi por essa mesma razão que elles não quizeram cantar aquelles feitos, aquellas admiraveis proezas em que tiveram uma parte tão importante, e deixaram a outros esse trabalho em que veriam até certo ponto offendida a sua modestia!

Muitas pennas habilissimas em que abunda este paiz, e nas quaes se não podem dar os mesmos escrúpulos, por isso que, ou não foram coevas d'essas lutas, ou

não tomaram parte n'ellas, podiam ter-se occupado d'este importante assumpto da nossa historia, e é de certo para lamentar que o não tenham feito, mas foi precisamente por esse motivo que eu, cedendo ao ardente desejo que nutria de tornar bem conhecidos todos aquelles acontecimentos politicos, me abalancei e me resolvi, mesmo conscio de minhas debeis forças, a emprehender este trabalho, embora imperfeito, mas que póde talvez ir despertar vantajosa ideia nos que têm a felicidade de possuir os elevados dotes que a natureza me negou, e que estão por isso no caso de tratarem do mesmo assumpto com a necessaria proficiencia.

Se uma ou outra vez pequei por minucioso em demasia sacrificando, por assim dizer, a poesia á historia, foi porque effectivamente predominou em mim o desejo de historiar, e com particularidade, os factos occorridos na ilha Terceira, theatro d'essas peripecias tão extraordinarias, ao conjuncto das quaes, como ja tive occasião de dizer, deve este paiz o gozo das instituições liberaes.

A minha producção abrange os acontecimentos politicos da ilha Terceira, desde a notavel epoca de mil oitocentos e vinte, até ao embarque do exercito libertador, que teve logar na ilha de S. Miguel, em vinte e sete de junho de mil oitocentos trinta e dois, e continúa desde o seu desembarque nas praias do Mindello, até á convenção de Evora Monte, com a qual terminou a grande luta entre a liberdade e o despotismo do usurpador infante D. Miguel.

Em um trabalho d'este genero seria impossivel mencionar todos os nomes que se tornaram recommendaveis por seus altos feitos e pelos importantes serviços que prestaram á causa da liberdade. Pedimos e esperamos que nos sejam a tal respeito relevadas todas as omissões em que tenhamos incorrido, na certeza de que o não fizemos intencionalmente, antes fôra nosso sincero desejo

fazer bem conhecidos e recommendar á posteridade todos os nomes dos benemeritos portuguezes que, por seus acrisolados serviços, por seus feitos grandiosos, se fizeram dignos da eterna admiração dos seus compatriotas.

Não tendo presidido ao emprehendimento do meu trabalho nem ao menos vislumbre de pretensões vaidosas, esperamos que todas as suas imperfeições nos sejam generosamente relevadas pelos nossos leitores. que, pela sua provada competencia, estiverem no caso de o fazer.

---

## Á ILHA TERCEIRA

Invicto baluarte dos Açores,  
Que tens a primazia em sua historia;  
Que soubeste mer'cer sempre louvores,  
Tão ricos de verdade e d'essa gloria  
Que te honra com justiça e sem favores,—  
A ti que estás gravado na memoria  
De quantos tem prezado a liberdade,  
Eu pago este tributo de saudade.

E a ti—cidade d'Angra do Heroismo—  
Que me viste brotar a tenra infancia,  
—Se não meu nascimento e meu baptismo,  
Que em Lisboa tiveram sua estancia—  
Eu vi-te supplantar o despotismo,  
Com valor sem igual, rara constancia,  
Que na historia o teu nome foi gravando,  
E teus brazões de louros enflorando.

Tendo aberto meus olhos em teu seio,  
Encontrei-te a luctar co' a escravidão;  
Era justo, era nobre esse torneio,  
Fundado na justiça e na razão;  
Não foi elle p'ra mim um devaneio,  
Mas forte e utilissima lição:  
Aprendi a ser livre em tenros annos,  
Detesto cada vez mais os tyrannos.

Em teu seio gozei a minha infancia;  
O ar puro de teus campos respirei;  
De teus rosaes senti bella fragrancia;  
Teus lindos laranjaes eu desfructei.  
Co'os olhos d'alma eu meço hoje a distancia  
D'esse tempo feliz que ahí passei,  
E d'elle, p'ra dizer toda a verdade,  
Sinto nascer em mim viva saudade.

Em teu gremio gozei dias ditosos;  
Em sonhos infantis eu me embalava,  
Que corriam felizes, presurosos,  
E a vida d'innocencia enfeitigava.  
Volver a esses tempos deleitosos  
Eu bem quizera hoje, pois gozava:  
Eu tinha então meus paes que me adoravam,  
Caricias mil dos meus me rodeavam.

Tu viste-me brincar em teus jardins.  
Tu viste-me correr em teus vergeis,  
Colher as tuas rosas, teus jasmíns;  
Vês-me hoje aqui tecer os teus laureis.  
Correr com ousadia a santos fins!  
Archanjo da poesia! Se podeis,  
Inspirai-me estro nobre e grandioso,  
Prestai-me em tudo auxilio generoso.

Fadou-te a Providencia para a gloria  
Que não quiz conceder a outras terras:  
Abriu-te ali ensejos p'r'a victoria,  
Talhando tão adrede as tuas serras;  
Quiz bem gravar teu nome na historia,  
Fazendo-te luctar em cruas guerras;  
Constituiu-te, em fim, em baluarte,  
E nos perigos quer exp'rimentar-te.

Mas se tu vives pobre n'esses mares,  
Que podem attestar o teu valor,  
E não menos os teus lindos pomares,  
Que a bella primavera goza em flor,  
Comprazes-te — Terecira — em imitares  
O guerreiro, o heroe, cujo esplendor  
Se esconde na modestia e na pobreza,  
Prefrindo illustre gloria á vã riqueza.

Baluarto solitario sobre as aguas,  
Rico das mais honrosas tradições,  
Fazendo-te olvidar as tuas magoas,  
Que se contam por teus bellos brazões,  
Que soubeste fundir em tuas fragoas,  
Ao som estrepitoso dos canhões;  
Foste-me doce leite, na infancia,  
E eu, grato, cantarei tua importancia.

Possues em cada pedra um monumento  
Que atteste á post'ridade o teu valor,  
Que patenteie ao mundo o juramento,  
Tão rico de nobreza e pundonor,  
Nem trahido sequer no pensamento,  
Mas provado das armas no fragor,  
De a vida sempre dar p'la liberdade,  
Mantendo firme e nobre lealdade.

Cantarei os teus feitos gloriosos  
Que deram liberdade ao reino inteiro;  
Louvarei os teus actos tão famosos,  
Que eu, abrindo meus olhos, vi primeiro,  
Do que gozasse os campos teus formosos,  
Onde me deleitei por derradeiro:  
Teus feitos cantarei humildemente,  
Mas ouça-os d'este reino toda a gente.



# CANTO I



## CANTO I

O nobre baluarte do heroismo,  
Ornado com os louros da victoria,  
Por seu acrisolado patriotismo;  
Por valor nunca visto em lusa historia;  
E derribando sempre o despotismo,  
Cobrimdo-se da mais honrosa gloria:  
A Terceira, essa illha tão formosa,  
Por altos feitos inda mais famosa:

Que á Hespanha mostrou quanto podia  
O amor á independencia, á liberdade,  
Quando aquella nação nos aggreidia,  
Com estranha e audaz severidade,  
Roubando-nos a chara autonomia;  
A Terceira, na prisca e nova idade,  
Ao mundo, no valor, causando espanto,  
Em verso humilde e grato eu hoje canto.

Cantarei tua historia gloriosa,  
Não desde era remota, em que luctaste  
E soubeste ficar victoriosa,  
Nas renhidas contendas em que entraste  
Contra essa Hespanha altiva e orgulhosa,  
Mas sim já desde quando começaste  
A luctar com irmãos degenerados,  
Que os pulsos seus quizeram algemados.

Por feitos assombrosos preparaste  
Um glorioso abrigo á liberdade;  
Com valor inaudito triumphaste  
De odiosa oppressão e da maldade,  
Em luctas tão gigantes que travaste,  
Arvorando o pendão da igualdade:  
Todo o mundo admirou teus sacrificios,  
Que á patria se tornaram tão propicios!

Altos feitos tambem eu louvarei  
Dos heroes que ao teu seio se acolheram,  
Emigrados da patria, cuja lei  
E a clara liberdade defenderam,  
E esse Pedro immortal eu cantarei,  
Que teus valentes filhos receberam  
No bastião que lhe tinham preparado,  
Com esforços que o tem maravilhado!

Gemia Portugal, curvando ao peso  
De pertinaz, ferrenho feudalismo,  
Que, orgulhoso, tratava com desprezo  
O saber, a virtude, o heroismo,  
Tendo sómente em nebre, em alto apreço,  
A oppressão, o rigor do despotismo,  
Negando sempre ao povo a instrucção,  
Fazendo-o vegetar na escravidão.

Mas um povo d'est'arte escravisado,  
Com direito a gozar a liberdade,  
Não podia em um sec'lo civ'lisado,  
Reprimir por mais tempo a heroicidade  
Que já mostrara em mais algum reinado,  
Não só em nova, mesmo em prisca idade.  
Luctando co'a oppressão em que jazia,  
Vai já limando os ferros noite e dia.

Que o diga a Hespanha altiva e orgulhosa !  
Quando algemas lançou a Portugal,  
Quando seu collo ergueu, mas tão vaidosa,  
Arrogancia mostrando sem igual,  
Viu ella então em lucta, mas pasmosa,  
Brios d'esta nação tão liberal  
E o amor á independencia acrisolado,  
Que lhe foi nobremente demonstrado.

Que o perguntem aos tumulos annosos  
D'esses quarenta heroes tão laureados,  
Que, unidos, tão fieis, tão valorosos,  
Conspiram sob os sabres levantados  
D'inimigos vigilantes, poderosos,  
Por quem são cruelmente ameaçados;  
Mas poderam a patria libertar,  
E os ferros da Hespanha espedaçar.

De Victor Hugo a patria tão querida,  
O paiz onde nasce a liberdade,  
A grande França sempre decidida  
A dar brilho maior á aurea idade,  
A dar vida á Europa amortecida  
Aos golpes, ao furor da crueldade,  
Seu nobre influxo havia transmittido  
Ao velho Portugal, triste e abatido.

Não vinha então d'estranhos a oppressão,  
Mas de filhos crucis, degenerados,  
De quem a patria chora a ingravidão;  
Já não eram os odios invetrados  
De arrogante e d'impavida nação,  
Mas d'irmãos infieis, escravizados,  
Que a patria qu'riam ver agrilhoada,  
Muito embora gemesse ensanguentada.

Tinha o lucido seculo surgido,  
Vinte vezes saudando a primavera;  
A livre instituição tinha nascido  
Em Portugal, e já ali prospéra;  
Em Angra general constituido,  
Stokler ideias livres não quizera;  
Receia ver ali feitos iguaes,  
E persegue atrozmente os liberaes.

Prohibe que se leia todo o impresso,  
Quer seja nacional, quer estrangeiro,  
Que elogie e recomende tal progresso;  
Não duvida de ser o pregociro,  
Mas tenaz, mas feroz, de um retrocesso,  
Que lhe é de todo o ponto lisongeiro;  
E rompe assim d'est arte o infeliz  
A doce paz que reina no paiz.

Rigorosas visitas de policia,  
Prisões a cada passo na enxovia,  
Imperio de paixões e d'estulticia,  
Que augmentam sem descanso dia a dia,  
Mostrando cada vez mais impericia:  
Eis o quadro infeliz que ali se via!  
E quando assim campêa o despetismo,  
Cria vida e constancia o heroismo.

Desvairado a tal ponto o general,  
Nem lhe serve o saber, nem tem prudencia;  
Possue-se de rancor descommunal.

Então os homens livres  
Resolvem proclamar a liberdade,  
A fim de supplantar tanta maldade.

Chegara embarcação do continente,  
Com nova favoravel,  
Quando a revolução era eminente.  
Com jubilo ineffavel  
O partido liberal, tão descontente,  
Que julga a escravidão interminavel,  
Rezolve-se a fazer revolução,  
Repetindo igual brado ao da nação.

Um desembargador, um tal Loureiro,  
E com elle um doutor *juiz de fóra*,  
Por nome—Grade—recto e justiceiro,  
Resolvem conspirar, com risco embora:  
General Araujo é o terceiro,  
Cuja sorte infeliz inda deplora  
A patria que lhe foi agradecida,  
De seu nome immortal nunca esquecida.



A alguns officiaes já elles fallam,  
Pela sua influencia militar,  
E a outros patriotas que os igualam,  
Nos brios e valor, p'ra conspirar;  
Porém rumores vages se propalam  
E aos ouvidos de Stokler vão chegar;  
Perigoso Araujo é consid'rado,  
E a sair da cidade é intimado.

Porém sabe este então de fonte certa  
Que o dia dois d'abril é destinado  
Para a sua prizão, e logo acerta  
A revolta p'ra dia indigitado;  
Para logo se põe já tudo á lerta,  
E esperam o momento desejado:  
Na noite de um d'abril, os revoltosos  
Já entram no castello presurosos.

Reunida então a força militar,  
Foi a constituição logo acclamada:  
Uma salva vae prompto annunciar  
A noticia por tantos desejada;  
Já vendo a tentativa triumphar,  
A Terceira exultava libertada;  
E fuge espavorida a escravidão,  
Pois assim o decreta a rev'lução !

Eis o primeiro elo da cadeia  
Dos mais heroicos feitos que ennobrecem  
Os filhos da Terceira, quando estreia  
Os principios liberaes que ali florecem:  
Porque é fertil a terra em que os semeia,  
E terra onde jamais elles fenecem,  
Pelo sangue de martyres regada,  
Que quizeram a patria libertada.

Jamais esse insulano baluarte,  
Disposto sempre e sempre preparado  
A seu nome elevar por toda a parte,  
Por seu nobre valor já tão provado,  
E na guerra mostrando engenho e arte,  
Será na lusa historia olvidado:  
E c'rodos no templo da Memoria,  
Os feitos seus serão d'eterna gloria!

O som d'artilheria, em alta noite,  
Espanta toda a gente na cidade:  
Stokler já manda e roga a quem se afoite  
A seguil-o n'aquella extremidade;  
Encontra muita gente que pernoite  
Reunida ao pé de si, em anciedade,  
Mas rompe o dia, e sendo metralhada,  
Já marcha sobre a Praia, em retirada.

Consegue ali chegar quasi ao meio dia :  
Reune-se um conselho militar,  
Que resolve e decide, em harmonia,  
Ser forçoso já . . . já capitular,  
Pois faltam munições e artilheria;  
Que o castello é preciso respeitar;  
Que a resistencia, em fim, seria futil,  
E têm este par'cer pelo mais util.

Ao mesmo tempo que isto se passava,  
Correm ao municipio da cidade  
Os que a revolução indigitava  
Para ali governar na intrinidade;  
Numeroso concurso os rodeava  
De gente que presava a liberdade;  
Foi então a nação victoriada  
E a nova instituição logo jurada.

Ás seis horas da tarde d'esse dia  
Chega a Angra o doutor Leal Delgado,  
Juiz então da Praia, que trazia  
O termo em que se tem capitulado:  
Vencido o general, n'elle pedia,  
Em conselho que havia convocado,  
Generoso e leal acolhimento  
Para si e para os seus, em tal momento.

Tal o tigre feroz da Hyrcanea ardente,  
Além de ser audaz, lírio e matreiro,  
F'rido p'lo caçador que foi certoiro,  
Já se prostra no chão com ar temente.  
Espirando o contendor sobre o outeiro,  
Ao qual se lança hirto incontinente:  
Assim Stokler trahiou seu aggressor,  
Por modo vil, atroz, sem pundonor!

Promptamente a resposta lhe é mandada:  
Discute-se a proposta recebida,  
E approva-se conforme é desejada,  
Pois a falsa intenção não é sabida.  
No dia trez d'abril inda é jurada  
A nova instituição ali nascida.  
Stokler regressa então logo á cidade,  
Mas traz no coração feia maldade.

Faz-lhe o povo brilhante recepção,  
E tambem muitos nobres da cidade;  
Exalta-o bem depressa a ovação,  
Mas ferve-lhe no peito a crueldade;  
E prepara uma contra-rev'lução,  
Revelando na idéa atrocidade:  
Não treme, não trepida de tal sorte,  
E entrega Araujo a crua morte! . . .

Amigo não faltou que este avisasse  
De que a tropa se havia alliciado;  
Mas não houve argumento que evitasse  
O risco ao general ameaçado.

Os membros da junta entram reunidos  
No castello e ali velam pela sorte  
De quantos já estão compromettidos,  
Muito embora os ameace a dura morte:  
Prompta ordem p'ra Stokler embarcar,  
Eis a resolução que vão tomar.

É noite, em trez d'abril, e os soldados  
Amotinam-se e assestam um canhão  
Contra a casa, onde passam descuidados,  
Os da junta, em pacífica união.  
Aos gritos tão crueis dos revoltados  
Acode o general com decisão;  
Quer fallar da janella aonde corre,  
Disparam-lhe o canhão, e n'ella morre!

Dura ainda uma hora a vozeria  
D'aquella crua gente amotinada,  
A qual, fazendo fogo, já corria  
Sobre a casa, depois de metralhada;  
Insultam com horrivel gritaria,  
Vituperios, apupos e assoada,  
As pessoas que estão ali reunidas,  
E que encaram a morte espavoridas!

Ouvem-se os ais e os gritos lamentosos  
Da familia d'aquelle desgraçado!  
Que trances, que momentos horrorosos!  
E o corpo ainda ali ensanguentado!  
Vão debalde implorando aos revoltosos  
As filhas, as crianças do finado;  
Em nada a cruel gente os attendia.  
Nem sequer a innocencia os commovia!

Conservam-lhes a vida tão somente,  
Porém todos que estão ali reunidos  
São prezos e levados cruelmente  
Para o corpo da guarda, onde os pedidos,  
Rogativas, e até um pranto ardente,  
Não vence a crueldade a taes bandidos,  
Que ali mesmo os ameaçam com a morte,  
Chegando a escarnecer da sua sorte!

Eil-o pois cruelmente assassinado,  
No seio da familia e dos amigos,  
Um bello general tão laureado,  
Generoso de mais p'ra os inimigos,  
Cavalheiro exemplar, homem honrado,  
De principios lib'raes bem definidos,  
De quem a patria chora eternamente  
A morte tão injusta e inclemente.

O corpo d'este illustre general  
Arrojado no chão, ficou sujeito  
Ao insulto, á irrisão feroz, brutal,  
Inflingindo á familia atroz despeito!  
Trahindo as nobres leis da humanidade,  
Campeia a barbara gente em crueldade !

Já Stokler ao castello é conduzido  
Entre vivas e mil acclamações,  
E com enthusiasmo recebido,  
Acceita os parabens e as ovações,  
Pela empreza tenaz que tem vencido.

Logo em quatro d'abril faz compar'cer,  
Além do municipio a guarnição;  
Clero, nobreza e povo elle quiz ver  
Reunidos, n'esse dia, em tal sessão;  
E ao governo ao qual ousa succeder  
Exige então ouvir qualquer razão  
De contra elle se terem rebellado,  
Quando está legalmente auctorizado.

É bem de presumir qual a resposta  
Dos que são n'este gosto interrogados,  
Estando a junta ali já tão exposta  
Aos insultos dos chefes e soldados:  
Entregam-nos á sua liberdade,  
Mas escondem as garras da maldade.

Prendem logo a familia do linado,  
Só poupando um menor de doze annos;  
O casal é de prompto sequestrado,  
E as filhas soffrem tratos deshumanos  
Em mosteiro onde as tinham clausurado.



N'esses dias primeiros decorridos,  
Não se poupam insultos aos lib'raes;  
São até espancados, mesmo fridos,  
Por soldados, alguns officiaes.

A anarchia chegou á extremidade;  
Depois é já por ordem sup'rior  
Que é preza immensa gente na cidade;  
Tão vil perseguição já causa horror!  
Injuriam-se as leis da humanidade,  
Só campêa a maldade e o terror!  
Não ha gradações nem gerarchias,  
Lançam-se brutalmente ás enxovias!

Das cartas o segredo é violado;  
E fervem atrozmente as demissões;  
Á familia decente arrebatado,  
O innocente é lançado nas prizões,  
E sem dó nem piedade ali tratado,  
Gemendo ao cruel pezo dos grillhões,  
Oh! recusa-se a penna á descripção  
D'estas scenas de horror e de afflicção!

Quarenta dias dura este tormento,  
Até que felizmente despontou  
De maio o dia treze e o momento  
Em que a fragata—Perola—aportou,  
Com nova official do juramento  
Da instituição que o rei effectuou:  
Ordem ao general já vem trazer,  
Para o novo governo estab'lecer.

Bem como em noite horrenda e procellosa,  
O vento a sibilar furioso e irado,  
O mar rugindo e a vaga montanhosa  
A varrer um baixel de lado a lado,  
Com agua aberta, e a gente desditosa  
A vê-lo, por instantes, abysmado,  
Avista de repente barco amigo  
Que lhe acode, que a salva d'esse p'riego:

Assim p'ra os liberaes fôra a fragata,  
Quando em Angra surgiu co'a novidade,  
Que lhe foi tão propicia e tão grata,  
De se haver proclamado a liberdade,  
Que a salva do abysmo e a resgata,  
Que a desprende das mãos da crueldade!  
Era para se ver como exultava  
A Terceira que em gozo trasbordava!

Concluida na ilha a acclamação,  
Por tantos homens livres desejada,  
Da nova e tão feliz instituição,  
Combatida então só, contrariada  
Por quem nasceu p'ra vil escravidão,  
Tem Stokler a impudencia desmarcada  
De defender o código jurado,  
Com ardor de convicto advogado!

Esta idéa dispensa commentario,  
Sabidos como são os sentimentos  
Do general tão sabio como vário.

Conseguiu, em fim, Stokler fazer parte,  
Na ilha, do governo provisório;  
Tal foi a sua astucia e a sua arte,  
Com quanto se tornasse elle irrisório.  
General astucioso nos seus planos,  
Servir pertende a Tyrios e a Troianos.

Algum tempo depois era passado,  
Quando á ilha um navio abordava  
Que trazia juiz auctorisado,  
O qual de Stokler logo sindicava;  
E ficando este então pronunciado,  
Prezo para Lisboa se embarcava;  
Mas logo protecção ali achara,  
Que o rei, então, constou lhe perdoara.

Em questões e em choques repetidos,  
Sem valor, sem nenhuma utilidade,  
Em que andam envolvidos os partidos,  
Decorre mais um anno em nullidade,  
Sem acção, sem proveitos adquiridos,  
A que tinha direito a liberdade.  
Os realistas reagem cegamente,  
Já conscios de o fazer impunemente.

N'esta época tudo conspirava,  
Já tudo caminhava á reacção;  
A Angra a novidade então chegava  
De ter caído a nova instituição;  
O partido realista que exultava,  
Abraça com prazer a escravidão.  
Absoluto é o rei logo acclamado  
E o partido liberal aniquilado.

Era o anno vigésimo terceiro  
D'este lucido seculo que decorre;  
E o povo julgando o derradeiro  
Da instituição tão nova que já morre,  
Instigado p'lo clero desordeiro,  
Que ao seu poder ingente se soccorre,  
Prende, persegue, insulta os liberaes,  
Envolvendo-os em tramas infernaes.

Já surge uma fragata na bahia:  
Traz Stokler; vem de novo general;  
De novembro foi esse fatal dia  
Que enluctou o partido liberal.  
Já da villa da Praia vem barão,  
Que assim premeia o rei sua adhesão.

A sua recepção foi estrondosa,  
Nem mesmo ali se vira outra igual;  
A alegria até foi vertiginosa,  
O cortejo das honras foi real:  
De toda a ilha corre gente anciosa,  
Anhelando por ver seu general.

Não vem contudo Stokler mais humano,  
Mais brando, mais suave aos liberaes,  
Pois vem elle ao contrario mais tyranno,  
Mostrando seus instinctos desleaes.

Por ser á liberdade dedicado,  
Veiu co'este general para os Açores,  
A fim de ser por isso castigado,  
O quinto batalhão de caçadores.

D'este sec'lo o vigesimo-quarto anno,  
Em que corre veloz a reacção,  
E o trinta d'abril, vê do tyranno,  
Infante D. Miguel horrida acção!  
Vê esse facto atroz e deshumano,  
Contra o pae, contra o rei, contra a nação!  
De tal feito é tristissima a memoria,  
Mas pertence, em rigor, á lusa historia.

Como chefe e senhor da força armada,  
A seu pae, a seu rei quiz desthronar! . . .  
Lisboa viu-se então ameaçada,  
Quasi que vê o rei assassinar!  
Qu'rendo a vida poupar tão arriscada, . . .  
Elle corre a uma náó p'ra se salvar,  
Chamando então ali o ingrato infante,  
Desterra-o p'ra Vienna, em tal instante.

Ao descrever tal feito vergonhoso,  
Oh! Treme-nos a mão d'horror, e tanto,  
Que este facto, em verdade, monstruoso,  
Deve o mundo assombrar, causar-lhe espanto!

Depois de caso triste e tão nefando,  
Custa a crer que existisse n'este Estado  
Partido forte, em armas e luctando,  
P'ra sustentar no throno um rei malvado!!!

Porém como explicar tal caso estranho,  
Horrível, immoral e quasi incrível,  
E tão desnatural, féro e tamanho,  
Que os vindouros terão por impossivel?!

Digamos-lhes que fôra, infelizmente,  
Esse facto cruel pura verdade,  
Mas fôra o fanatismo d'essa gente  
Só a causa de tal calamidade.

Fanatismo inculcado pelo clero,  
Mascarando no pulpito a verdade,  
E tornando-se hostil, barbaro e féro  
Contra aquelles que qu'riam liberdade.

Quando via os esforços malogrados  
P'ra o povo seduzir, fanatizar,  
Ou claros ou nas trevas empregados,  
Já armado, eil-o a vida a arriscar!

Guardando na patrona o Evangelho,  
Nas fileiras iam muitos combater;  
E o exemplo era já usado e velho;  
Da Hespanha o foram elles receber.

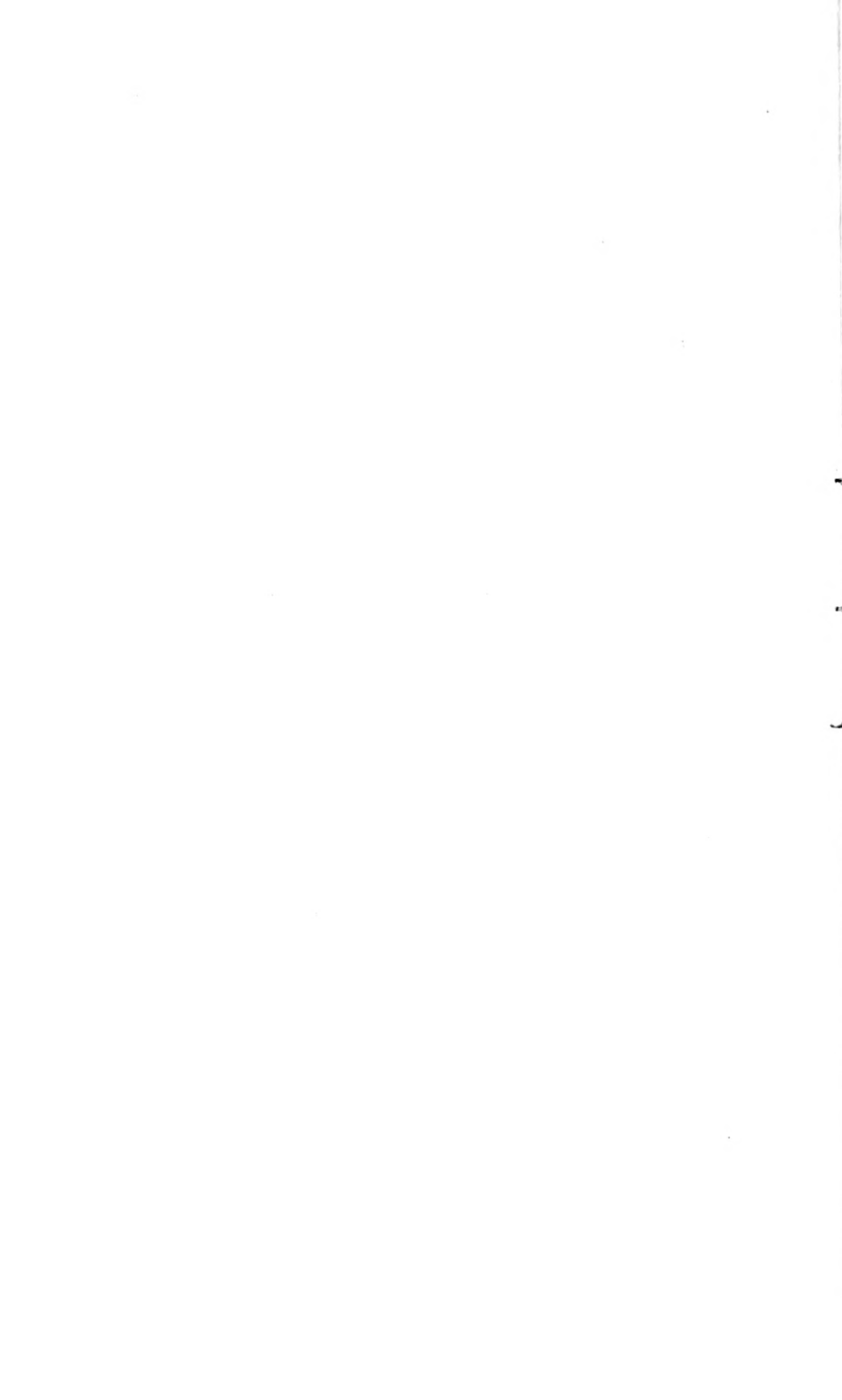


Á sombra de seus louros já collidos,  
O partido lib'ral adormeceu.  
Ser-lhe-hão porventura já esquecidos  
Os horriveis martyrios que soffreu ?!

Mas não dormem as hordas jesuitas,  
Mas não dorme o partido clerical;  
Por armas, move insidias infinitas!  
Estae á lerta — partido liberal!!!...



# CANTO II



## CANTO II

O vigesimo-quinto anno é chegado  
Da epocha que vamos proseguindo:  
De quatorze de julho fóra o dia:  
Um novo general chegava á ilha:  
É Tovar — brigadeiro — que par'cia  
Ser homem mais bondoso e mais leal.

Então mais garantido  
De segurança e paz que vae fruindo,  
Se vê logo o partido liberal;  
E seguiram-se dias bonançosos,  
Que os espiritos trazem mais tranquillos,  
A esses dias d'horror, tumultuosos,  
Que traziam luctuosa aquella ilha.

Divisa-se exterior mais agradavel,  
Mas a ilha inda se acha dividida.  
Em lucta partidaria interminavel;  
A politica vê-se adormecida,  
Reservada, e ainda toleravel,  
Totalmente, porém, não esquecida.  
Vem depois o direito á successão  
Abrir o campo a nova discussão.

Discutem-se apparentes fundamentos  
Pelos quaes os *realistas* consid'ravam  
Ser D. Miguel seu rei, e seus intentos,  
Á morte de seu pae, elles mostravam;  
E vêem outros — que são os liberaes —  
Em D. Pedro direitos sem iguaes.

Mas D. João Sexto sempre com prudencia,  
Genio bondoso, assás conciliador,  
Do Brazil reconhece a independencia,  
Consid'rando D. Pedro successor  
Ás duas c'rôas, cuja providencia  
Encontra desde logo oppositor  
Na ramha e em todo o seu partido,  
Que já clama e conspira enfurecido.

No reino e seus dominios logo soam  
Boatos da discordia promotores;  
Por toda a parte giram, correm, voam  
Papeis incendiarios com horrores,  
Que os homens exaltados apregoam,  
Desejando criar conspiradores:  
Excluido é D. Pedro e execrado,  
Por se haver contra a patria já armado.

Era em março, e o vigesimo-sexto anno  
Da epocha que vamos percorrendo:  
Victimado talvez por tanto engano,  
Já el-rei D. João Sexto adoecendo,  
— Monarcha que foi fraco, mas humano —  
E dentro em poucas horas fallecendo,  
O reino deixa entregue a uma regencia  
D'inepcia, de maldade, ou de demencia.

Passados alguns dias, a final,  
É já D. Pedro Quarto proclamado,  
Reconhecido rei de Portugal,  
E passa a ser o reino governado  
Em seu nome, distincto e immortal,  
E no peito dos lusos bem gravado,  
A par de gratidão e de saudade,  
Por ter dado ao paiz a liberdade.

Mal ao Rio de Janeiro tem chegado  
Quem a morte do rei já noticia,  
Pedro assume o poder que lhe foi dado;  
O poder magestático inicia,  
Confirmando a regencia que nomeado  
Na infanta houve seu pae, que bem podia  
Prever o grave damno que fizera  
À nação a quem tal regencia dera.

Decreta então bondosa amnistia  
Aos subditos que estão compromettidos,  
Por ideias politicas do dia;  
E desejando ver já reunidos  
Esteios de um partido que carçia,  
E que andavam dispersos, desunidos,  
Outorga então a *carta* liberal,  
De sua gloria o facto inicial.

Considera D. Pedro que devia  
O sceptro portuguez logo abdicar  
Na filha que sete annos perfazia,  
Mas que deve o consorcio effectuar  
Com seu tio D. Miguel, cuja esperanza  
Fôra cingir a c'roa de Bragança.



D. Miguel ia logo ser chamado  
Da côrte de Vienna onde se achava,  
Pois que deve por elle ser jurado  
O código que Pedro outorgava,  
Dando ao povo uma sorte mais feliz,  
E fóros de mais livre ao seu paiz.

As nações estrangeiras reconhecem  
El-Rei D. Pedro Quarto, á excepção  
Dos poder's hespanhoes, que não esquecem  
— Antes mostram malevola intenção,  
Nos enredos politicos que tecem—  
O passarem do reino a direcção  
Á rainha, e depois a D. Miguel,  
Que tem por alliado mui fiel.

Não cessam os intentos do infante  
D. Miguel á corôa portugueza;  
Considera o negocio importante,  
E não desiste pois de sua empreza;  
Tenta-se uma revolta a cada instante;  
Fazem-se tentativas por surpresa;  
E accende-se a final guerra civil,  
Esse flagello immenso, atroz, terribil.

Da *carta* os inimigos conspirando,  
Já se ferem combates sanguinosos,  
Já o marquez de Chaves vae op'rando,  
Á testa de soldados revoltosos;  
Impunes, no entanto, vão ficando,  
E tornam-se insolentes, orgulhosos:  
Duraram as contendas oito mezes,  
Encontrando-se as tropas várias vezes.

Estranho proceder, o da regente,  
Que, pelos actos seus governativos,  
Deixando conspirar impunemente,  
Fornece assim signaes comprovativos  
De concorrer notoria e claramente  
P'r'a queda de D. Pedro; e negativos  
Principios estes são de gratidão,  
Para com o monarcha e seu irmão! . . .

Era em mil oitocentos e vinte oito:  
D. Miguel de Bragança—o usurpador,  
Usando do poder com fero introito,  
Aterra Portugal c'o lucto e a dôr;  
Ataca a liberdade, frindo-a afoito,  
Persegue os liberaes, lança o terror,  
Não ha respeito ao sexo, nem á idade,  
Impera cegamente a crueldade.

Fôra no mez de março que á Terceira  
Noticia official já tem chegado,  
— Character que não teve outra primeira —  
De haver já D. Miguel desembarcado:  
Que fôra a recepção mui prasenteira  
Do partido despotico exaltado.  
Já conta da regencia elle tomára  
Mas, a c'roa, inda mais a desejára.

Ao receber-se a nova, já esperada  
P'lo partido chamado realista,  
Não poudes em Angra ser mais festejada  
P'la nobresa, commercio, e classe artista;  
De prazer vê-se a ilha embriagada;  
Nem ha já condição que lhe resista;  
Ainda estes festejos são geraes,  
Concorrem inda a elles liberaes;

Mas estes são então mal recebidos  
De Tovar, que se torna desigual;  
E, ao mesmo tempo, são bem acolhidos  
Realistas. Eis um chefe parcial!  
Eis os campos de novo divididos:  
O campo miguelista e o liberal.

No fim do mez de março, a nova chega  
À Terceira, de se ir já promovendo  
No reino a aclamação — nova refrega! —  
Do infante D. Miguel, que dissolvendo  
Vae as côrtes, calcando a lei, e entrega  
O povo a cataclismo o mais horrendo !

Que os vivas a D. Pedro prohibíra,  
E a *carta* tivera sorte igual,  
D'emissarios uma horda elle expedira  
Pelas terras de todo o Portugal,  
Promovendo no reino insana ira  
Contra todo o partido liberal,  
Fazendo aclamações tumultuarias  
Ao novo rei, que as julga necessarias.

Ouvindo o general estas noticias,  
E mais novas do estado do paiz,  
Eil-o ébrio de prazer, nada em delicias;  
Considera a nação então feliz.

Em maio já chegava a novidade  
De se haver consummado a aclamação,  
Com estrondo e formai solemnidade  
Dos publicos poderes da nação.

Os liberaes no reino perseguidos,  
Não podendo soffrer tal tyrannia,  
Já fogem do paiz espavoridos;  
Emigram como pódem, dia a dia;  
Vão para o estrangeiro foragidos,  
E deixando as familias na agonia,  
Escondem-na tambem no coração,  
Pois não sabem se á patria voltarão.

Todo o reino e as illas 'stão sujeitos  
Aos ferros e ao furor de tal tyranno,  
E a Terceira resiste por seus feitos  
A esse jugo cruel e deshumano,  
Sustentando á rainha os seus direitos  
Com brio, com valor e ardor insano,  
E tendo o nobre Pedro captivado,  
Acolhe-o ali tambem como emigrado.

Sómente n'essa ilha tremulava  
A donosa bandeira bicolor,  
Que assim ao mundo inteiro attestava  
A sua heroicidade e o seu valor;  
Era um fraco baluarte no oceano,  
Mas poudo resistir sempre ao tyranno.

E poudo resistir, tendo em seu gremio  
Inimigos que teve a combater,  
Em luctas que já foram o proemio  
Dos dramas em que havia florecer:  
É n'essa acção do Pico do Selleiro  
Que o sol da liberdade luz primeiro!

Os emigrados correm ao seu seio,  
Rodeiam o pendão da liberdade,  
Não se poupam esforços, nenhum meio,  
Fortificam-se os campos e a cidade,  
E todo o emigrado que ali veiu  
Encontra logo apoio e lealdade:  
Cada grupo de bravos que chegava  
Paterno acolhimento ali achava.

Taes bravos eram poucos, mas valiosos  
No brio e no valor que partilhavam;  
Mais os p'rigos se tornam melindrosos,  
Mais audazes os brios se mostravam;  
Era mesmo nos dias mais p'rigosos  
Que esforços e coragem redobravam;  
Foi p'ra ver, um punhado de valentes,  
Como eram sempre alegres e contentes!

Mas antes que acolhesse os emigrados  
Essa ilha denodada e tão prestante,  
Que serviços não fez ella e ousados,  
De valor tão subido e deslumbrante ?!

Que nos pintem exemplos mais frisantes,  
De mais acrisolada heroicidade,  
Em tão crueis e criticos instantes,  
Em que era agonisante a liberdade !

O reino todo entregue á tyrannia,  
E ali mesmo tambem já proclamada!  
Quem n'estas condições, quem pensaria  
Em ver aquella ilha libertada ?!

Um general ao rei afeiçoado,  
A esse intruso que prompto elle acclamou;  
E um povo boçal inda enfeudado,  
Que seu poder, contente inaugurou!

Contra tanto poder exígua força:  
Apenas um pequeno batalhão;  
Para mór maravilha, n'essa força,  
Inda fôra incompleta a adhesão!

E não fôra sómente entre os soldados,  
Mas ainda entre alguns officiaes,  
Elementos que foram supplantados  
Pela força maior dos liberaes.

Nesse tempo se deram as conferencias  
Entre o illustre senado e o general;  
Decidindo tomar já providencias,  
Fazem acclamação prompta e formal:  
Em dezoito de maio é proclamado  
Esse rei absoluto desejado.



Festejos houve então officiaes,  
Nos quaes romperam vivas costumados;  
Mas esses vivas são repudiados  
Por quem ama os principios liberaes;  
E os que negam assim sua adhesão  
São os bravos do quinto batalhão.

Começa o general a recear  
Do partido que tem por desleal;  
Decide então alguém ir deportar,  
E já outros esperam sorte igual;  
Foi então que elle ousou ameaçar  
O illustre Bruges, joven liberal,  
Depois conde da Praia da Victoria,  
Que reagindo ganhou eterna gloria.

Com riqueza, valor e ardor ingente,  
P'la causa taes serviços empregou,  
Com vontade e constancia tão vehemente,  
Que fortuna colossal arruinou.

Sem elle, mal pod'ria sustentar-se  
Aquelle baluarte ali erguido,  
Nem podia, mais tarde, ali juntar-se  
D'emigrados o bando desparzido.

Os poucos liberaes então reunidos  
Resolvem já fazer a revol'ção;  
De Tovar seus projectos conhecidos,  
Prepara a contra-mina, a reacção;  
Retira officiaes mais decididos,  
E soldados do quinto batalhão.

Caçadores do quinto já reunidos,  
Na praça do castello são formados,  
Pois vendo os inimigos prevenidos,  
Eil-os, mesmo sem plano, revoltados.  
Prezo o governador, são dirigidos  
Por Quintino (1) já uns trinta soldados,  
Que marcham do castello p'r'a cidade,  
A prender a primeira auctoridade.

Confiando esta força a um tenente  
Lobão, official que o protegia,  
Entra então no palacio francamente,  
E prende o general que reagia,  
Fazendo-o assignar incientemente  
Ordem para n'aquelle mesmo dia,  
Da Praia o batalhão e os da cidade  
Desarmarem sem mais contrariedade.

Vendo elle então que a guarda não se rende,  
— E honra seja feita ao commandante,  
Que cumpre o seu dever e se defende —  
Não sabendo tambem n'aquelle instante  
Onde estão as milicias, que elle entende  
Poderem-no cortar; não vacillante,  
Para o *largo das covas* retirou,  
Depois de um tiroteio que ordenou.

De suporte logo elle collocado,  
Pois quer os movimentos dominar,  
Vão-no então reforçar, e é-lhe ordenado,  
A guarda do palacio ir atacar.  
Já se vê com a força ali postado,  
Quando o dia começa a despontar:  
O fogo contra a guarda vae rompendo,  
E a guarda entrincheirada respondendo.

Essa força que ali se defendia,  
P'lo tenente Pinheiro commandada,  
Bateu-se com valor, mas não podia  
Resistir por mais tempo ali cercada.  
Terminando pois logo essa contenda,  
Do general já sobe ao aposento  
Quem commanda essa força revoltada:

De prezo novamente a voz lhe deu,  
E elle promptamente se rendeu,  
A boa guarda logo o entregando,  
Para o *largo das cocas* retirou,  
E parte d'essa força destacando,  
Contra a guarda do porto a enviou.  
Não resiste essa guarda, e já se entrega;  
Depois os outros postos da cidade  
Já se rendem sem mais difficuldade.

Ao castello, era já bem claro dia,  
Tovar ex-general fôra enviado:  
Achou ali porém toda a g'rantia  
E o bom tratamento que lhe é dado,  
Pela idade, e por sua gerarchia.

No castello Quintino já entrava,  
E logo ao *juiz de fóra* officiaua.

Doutor Farinho era o magistrado  
A quem Quintino então se dirigiu,  
E diz-lhe: o corpo ter deliberado,  
— Pelo que no castello se insurgiu —  
Sustentar o direito contestado  
Ao legitimo rei que o adquiriu,  
E a sua filha em que já abdicára  
O direito á corôa que elle herdára.

E diz-lhe mais: que fóra este o motivo  
Pelo qual o seu chefe então prendêra,  
Mas motivo assás forte e positivo,  
Que por força maior elle attendêra;  
Exigindo ora, em fim, que decisivo  
Seja e forte esse golpe que se déra.  
Govêrno provisorio se seguia,  
Conforme um alvará estatuaía.

Não tinha Lobão inda regressado,  
A guarda do palacio a combater,  
Havia o general já convocado  
Conselho militar, cujo par'cer  
—Que depois se mostrou no resultado—  
Fôra á revolução logo acceder,  
Pois se ordenou que as forças dispersassem,  
E nos seus aposentos socegassem.

O acto d'acclamação já concluido,  
Com suas virtuaes formalidades,  
E conforme em tal tempo era seguido,  
Co'a presença e par'cer d'auctoridades,  
Provisorio govêrno estatuido  
Fôra de prompto em taes extremidades.  
Seguiu-se finalmente o juramento,  
Com applauso e geral assentimento.

O estado em que se achava o continente  
Era assás arriscado e duvidoso,  
Mas é certo que quasi toda a gente  
Julgava D. Miguel victorioso.  
Na Terceira crescia, e grandemente,  
Partido dissidente e desgostoso;  
Vão faltando os recursos necessarios,  
O que augmenta a esperança nos contrarios.

Para as ilhas d'oste deportados  
Vão logo officiaes que são temidos,  
Por serem mais ou menos exaltados;  
E na Terceira foram recebidos  
Soldados que se achavam destacados,  
Com festivo prazer, mas tão ardente,  
Que de alegre chorava muita gente.

P'ra tal usurpação tão desastrosa,  
Que enluctou cruelmente o reino inteiro,  
Causa se deu atroz, mas tão pod'rosa,  
Que antes de proseguir direi primeiro:

Perfidia de nação nossa alliada,  
Amiga tão sómente em apparencia,  
Mas tendo a falsidade concentrada,  
Affectando mostrar não inter'frença.

Foi essa Gran-Bretanha que trahindo  
Toda a fé de contractos tão sagrados,  
Vilmente nos deixou sacrificados  
Ás tramas tão cruéis que foi urdindo.

Foi ella juntamente com a Austria  
Que o perjúrio do infante aconsellhou,  
Ao qual abertamente protegia,  
E aos furores de quem nos entregou.

Quem a Clinton mandou que protegesse  
Em tudo que podesse o usurpador;  
Que aquelle general o defendesse,  
Muito embora elle fosse vil traidor.

Quem a esquadra no Tejo conservára,  
Em quanto a revolução não expirou.  
Que no Porto em vinte e oito rebentára,  
E que ella com intrigas mallogrou.

Quem hospitalidade recusára,  
A qual fôra d'esp'rar de uma alliada,  
A essa tropa fiel, quando emigrára,  
A mil feias traições sacrificada.



E foi ella tambem que metralhava  
Nossa tropa nas aguas da Terceira,  
Quando esta desarmada procurava  
Abrigo n'essa esp'rança derradeira!

E foi ella tambem que sustentando  
N'essa ilha um bloqueio aterrador,  
Tentava cruelmente ir evitando  
Que vingasse o *torrão libertador!* (²)



# CANTO III



## CANTO III

De julho o dia quinze despentava;  
Em Angra uma fragata então surgia,  
Que—Princesa Real—se appellidava;  
General á Terceira conduzia,  
Que D. Miguel ali já enviava:  
Era esse general—Prego—chamado,  
E fôra, sem demora, recusado.

A camara foi logo convocada,  
A fim de resolver como convinha,  
Em questão que era séria e intrincada.  
Em negocio tão grave, já se tinha  
Dos *estados* tambem feito a chamada,  
E foram mais pessoas logo ouvidas,  
Já pela posição, já instruidas.

Então sem dissidencia elles votavam  
Que os diplomas ali apresentados,  
Co'a maior convicção os regeitavam,  
Por isso que não vinham refrendados,  
Como as vigentes leis determinavam;  
E por isto, que estava bem provado,  
Era este general repudiado.

Inda os mesmos principios sustentava,  
No dia dezeseis que se seguiu,  
O govêrno interino, e declarava  
Ao ministro, a quem logo officiou,  
Adoptar o accordam do senado,  
Que unanime na vespera lavrou.

Como Prego não fosse em Angra acceito,  
A S. Miguel foi logo conduzido,  
Que ao rei intruso então rendia preto;  
E sendo n'esta ilha recebido,  
A fragata voltou a ver o effeito  
Que pôde ter em Angra produzido;  
E pairando até o dia vinte e nove,  
Dissuadida, a partida então promove.

Esta estranha, esta heroica decisão  
Que toma o municipio da cidade,  
Prescindindo de ouvir a opinião  
Dos outros em tão grave extremidade,  
Deu muito que fallar aos que não são  
Affectos á rainha, á liberdade:  
Esperam que será bem castigada  
Essa audaz decisão ali tomada.

Sabendo que uma esquadra já saíra  
Com o fim de a Madeira ir tomar,  
Risonhas esperanças lhes inspira.

O governo interino considera,  
Respeita a conjunctura seriamente,  
E reconhece a sorte que o espera.

Lançando logo as vistas para a Praia,  
O ponto mais aberto e arriscado,  
A estrategia lhe diz: «Fortificai-a».  
Ali o capitão é destacado,  
Cabral de Teive; e para que o não traia,  
Porquanto a D. Miguel é dedicado,  
Manda-o já, sem demora, recolher,  
E Rego, capitão, o vae render.

E precisando a costa de defesa.  
 Pois está ainda toda descoberta,  
 Tal como a off'recem a natureza,  
 E estar-se a toda a hora bem áleria  
 Contra quem de tomal-a forma empreza.  
 Para logo pensou, e prompto acerta,  
 Para aquelle serviço nomear  
 Commissão que o vá já desempenhar.

Estava na verdade vacillante  
 O baluarte audaz que preparava;  
 Não perde o inimigo um só instante,  
 E era atroz essa luta que travava;  
 Em conspirar ali sempre constante,  
 Ingente protecção o animava;  
 E as noticias que tem do continente  
 Ainda mais o tornavam insistente.

Á ilha embarcação tinha chegado.  
 Que traz noticia assaz angustiosa:  
 Descreve, pinta em pessimo estado  
 O partido liberal; que duvidosa  
 Não é já sua sorte; abandonado  
 Se vê já de maneira desastrosa:  
 Que Pizarro vencido na campanha,  
 Emigrado se achava já na Hespanha.



N'este estado tão pouco lisongeiro,  
Vacillam o govêrno e os soldados:  
E quem os commandava é o primeiro  
Que afrouxa e cuida ver inutilizados  
—Elle que já se viu tão sobranceiro!—  
Tão gigantes esforços empregados:  
Esteve então por pouco a succumbir  
A causa que até li se viu florir!

Foi Quintino, do quinto commandante,  
Que perdendo a esperança e afrouxando,  
Sem ninguem consultar em tal instante,  
Engaja dois navios, tencionando  
Com seu corpo emigrar. Esta importante  
E infeliz tentativa elle afrontando  
No dia vinte e tres do mez d'agosto,  
A embarcar no seguinte está disposto.

Ás dez horas do dia em que embarcava,  
Achava-se já prompto o batalhão,  
Que, pela maior parte, derramava  
Tristes lagrimas n'essa occasião:  
A causa que abraçou abandonava;  
Presente-lhe a saudade o coração,  
Da terra que elle tanto e tanto amára,  
Onde affectos sinceros encontrára.

Achava-se tambem compromettido  
Por se haver livremente declarado  
Contra o novo governo estatuido,  
E já em todo o reino proclamado;  
Igual pranto lavrava, e mais sentido,  
Nas ruas da cidade; abandonado  
Ia vêr-se o partido liberal,  
Entregue a situação atroz, mortal!

No seio das familias liberaes  
Ouve-se igual clamor, corre igual pranto;  
As queixas, os lamentos são geraes;  
Não sabem, não atinam, por em quanto,  
Com a sorte d'irmãos, filhos e pais! . . .

E faltando na ilha a força armada,  
Que da ordem é sempre garantia,  
Da plebe, o que esperar, desenfreada,  
Que nem lei, nem a força já temia?

Havia já dois dias que durava  
Do govêrno interino uma sessão,  
Mas sem se decidir, nada avançava,  
Sobre o meio de conter o batalhão,  
Que da ilha sair já projectava.

Era um domingo: o pr'igo era imminente:  
Então na praça publica reunida  
Estava muita gente descontente;  
Lamentava da tropa essa partida,  
Que assim a desampara cruelmente,  
Deixando-a ali assás compromettida.  
Mas logo um cidadão se destacou,  
Que, erguendo sua voz, assim fallou: —

Que n'este triste estado em que ficavam,  
Com as armas na mão antes morrer,  
Que soffrer os horrores que os esp'ravam  
Em prisões sem poderem combater,  
Os males evitar que os ameaçavam  
É preciso, e as familias defender;  
Convinha, pois, que em armas já pegassem,  
E, como voluntarios, se alistassem.

Que o tempo era preciso não perder:  
Que quem servir quizesse tal partido,  
Para a patria e familias defender,  
O seguisse já . . . já e decidido,  
Quizesse pela patria antes morrer,  
Que ser escravisado e opprimido . . .  
Por lagrimas então já suffocado,  
De mais cousas dizer se vê privado.

Um murmurio do povo então se ouviu.  
De tal proposição já commovido,  
Que todo o liberal logo applaudiu,  
Prezando o coração que a tem sentido:  
Quarenta cidadãos logo se viu  
Abraçarem contentes tal partido,  
E marcham do govêrno p'ra o palacio,  
Imitando os heroes do antigo Lacio.

O govêrno em sessão então estava,  
E sabendo no paço já se acharem  
Os que seu patriotismo ali levava,  
Para em armas pegar e se alistarem,  
De prompto e alegremente os recebeu,  
E seus serviços muito agradeceu.

Cyprianno da Costa é o valente  
Cidadão liberal e decidido  
Que, na praça onde havia tanta gente,  
Sua voz generosa tem erguido,  
Com quanto fosse idoso e já doente:  
Tal valor patriótico ennobrece,  
E a patria, agradecida, o reconhece.

O govêrno interino agradeceu  
Em termos expressivos, prazenteiros,  
A quem ingente prova á nação deu  
De valor e civismo tão inteiros,  
A quem um contingente forneceu,  
Com as honras de serem os primeiros,  
A defender a causa proclamada,  
Em crise melindrosa e arriscada.

Estes quarenta nobres cidadãos,  
Pela patria votados a morrer,  
E entre os quaes ha jovens e anciãos,  
Que de forças decerto hão de car'cer,  
Mas no brio e valor todos irmãos,  
Corrente d'infortunios suspender  
Poderam felizmente e eternisaram  
Os serviços que á patria dedicaram.

A sentir-se então logo começára  
Mais vida e energia, mais vigor  
No govêrno que um pouco fraqueára,  
Já mostra outro aspecto, outro valor:  
Com este bello ensejo penetrára  
Do conselho geral no interior,  
Cidadão que por modo tal fallou,  
Que o govêrno energia então ganhou.

Quem tal serviço á patria então prestava,  
Serviço que será sempre lembrado,  
Barcellos da Silveira se chamava;  
Mas fôra tambem logo secundado  
Por quem em tal sentido já orava  
Com animo activo e denodado:  
Foram: Bruges, Lobão, doutor Nogueira,  
E um irmão do primeiro, outro Silveira.

Os do govêrno então e o commandante  
Quintino estão d'accordo e já resolvem,  
Conscios já do que valem, do que podem,  
A guerra sustentar contra o infante.  
A frouxidão e a falta d'energia  
Desmentiu-as a gloria d'este dia!

Do govêrno e conselho militar,  
Terminada a sessão, todos saíram;  
E para este acto bem solemnisar,  
Reunidos, ao castello elles subiram.  
Na explanada do qual fazem postar  
A tropa e os voluntarios que ali viram.  
A palavra então logo ali tomou  
Nogueira — o secretario — o qual orou: —

Disse: estar o govêrno decidido  
A os direitos sagrados sustentar  
D'el-rei D. Pedro Quarto, e resolvido,  
Se fôr preciso, a o sangue derramar,  
P'ra salvar o direito conferido  
A sua filha, na qual quiz abdicar.  
Que o govêrno agradece essa vontade  
Em todos de salvar a liberdade.

Que taes brios parecem ser herdados,  
E tambem essa heroica decisão,  
De seus nobres, fieis antepassados,  
Cujos feitos gravados ali estão  
Na lusa historia, e sempre respeitados  
Em remoto porvir elles serão,  
Pois attestam nobreza e lealdade,  
Adhesão sem igual, heroicidade.

Que o govêrno confia, e tem na mente,  
Dos v'luntarios a extrema lealdade,  
Mas que tem confiança junctamente  
No quinto batalhão, que, na cidade,  
E em toda aquella ilha, nobremente  
Tem mostrado efficaz. forte vontade,  
Mas sempre mui distincta e mui leal,  
De apoiar o partido liberal.

Que o govêrno interino já espera  
Soccorros que lhe vão ser enviados  
Pelo rei liberal, a quem já dera  
Noticia dos successos consummados.  
Que se a resposta ainda não viera,  
Não póde ella tardar. Que mui louvados  
Serão, certo, estes feitos pelo rei,  
Nos quaes vê o respeito pela lei.

Que os liberaes, se forem invadidos,  
Fortes se poderão ali fazer  
No castello, no qual já soccorridos  
Por amigos de fóra podem ser,  
Como, já n'outros tempos decorridos,  
Se vira que podia succeder.  
A isto Quintino Dias respondêra,  
Nestas poucas palavras que dissera: —

Que toda a tropa que elle commandava,  
N'esta crise arriscada e melindrosa,  
Com elle todo o sangue derramava,  
P'la causa que abraçára tão honrosa;  
Que, a dizer a verdade, confessava,  
Que sua espada sentia-se orgulhosa  
Do commando de bravos que o honravam,  
Como á causa tão justa que abraçavam.



Esta scena, em verdade, foi tocante,  
Como, certo, se póde imaginar;  
O transporte de alegria inebriante  
Devia eficazmente arrebatár;  
As lagrimas correram, n'esse instante,  
A quem poude o espectáculo observar!  
Abraçavam-se todos com transporte,  
As vidas entregando á dubia sorte!

De toda a ilha as villas e a cidade  
Dão mostras de alegria e de prazer,  
Por verem triumphar a liberdade,  
Que plantada na patria querem ver;  
De voluntarios cresce a quantidade,  
E valiosos serviços vão fazer:  
É Theotonio d'Ornellas commandante  
D'este corpo leal e tão prestante.

Já forte posição assim tomada,  
Logo a Junta se vê municiar  
A praça que ella quer ter preparada,  
Para ali se poder refugiar.  
De agosto o vinte e quatro fôra o dia  
Que faes feitos á patria offrecia.

O douto e patriótico Ferraz,  
Neste tempo, ao govêrno presidia:  
Homem probo, illustrado e perspicaz;

Conhecendo a causal que entorpecia  
Mais tarde esse govêrno que afrouxára,  
De mais membros fez ver que elle car'cia;

Que *junta provisoria* se chamasse  
Esse govêrno assim modificado,  
E que ao do Porto então se filiasse.

Os nomes devem ser aqui lembrados  
Dos que a nova junta compozeram:  
São Quintino e Ferraz, assignalados  
Por serviços prestantes que fizeram;  
É Farinho e é Bruges, cuja gloria  
Seu nome eternizou na lusa historia.

A junta cuida então, e seriamente,  
Em este baluarte defender;  
E tendo sempre em vista e bem presente,  
Que uma esquadra ha de a ilha acommetter,  
A costa ella vae já fortificando,  
E a força disponível empregando.

Tudo quanto na ilha se passava  
Logo foi a el-rei communicado,  
E o soccorro que ali se precisava  
Tambem logo lhe foi solicitado.  
Palmella a quem o rei determinou  
Que o prestasse, de prompto o effectuou.

Em Londres o marquez permanecia,  
Da côrte do Brazil embaixador;  
Cuidando logo, como lhe cumpria,  
De quanto lhe ordenára o imperador,  
Soccorros á Terceira já mandava,  
Que rompem o bloqueio que a cercava.

A fragata — Izabel — fôra mandada  
Á ilha da Madeira, mas voltou,  
Pois estava a esse tempo bloqueada,  
E a Terceira então ella demandou.  
Em quatro de setembro era chegada,  
E na bahia d'Angra fundeou.  
Era esta fragata brazileira,  
E trazia soccorros á Terceira.

Era o primeiro apoio que chegava  
Ao baluarte ali já erigido;  
Já louca de prazer, Angra exultava,  
Quando vê o soccorro ali trazido:  
Entre outros emigrados se contava  
Leão Cabreira, que vem já revestido  
Do govêrno geral para os Açores,  
Trazendo em tal ensejo, aureos valores.

Estrella propicia  
Já brilha no céo,  
E fôra o prenuncio  
D'aurora sem véo.

Prenuncio de glorias,  
Triumphos sem par,  
Que os filhos de Lysia  
Irão conquistar.

Preparam-se idyllios,  
Já soa o clarim;  
O povo, em delicias,  
Já corre ao festim.

Nas aras da patria,  
De flor's o matiz  
Nos mostra de gloria  
Um dia feliz.

As musicas bellicas  
Se deixam ouvir;  
Das armas mavorcias  
Se sente o finir.

Festejos esplendidos  
Se vão preparar  
Aos bravos liberrimos  
Que vão triumphar.



# CANTO IV





## CANTO IV

De setembro o dia oito despontava;  
A aurora nos mostrára um sol brillante  
Que as collinas da ilha já dourava;  
Sorria a natureza n'esse instante;  
Par'cia que ella mesma festejava  
Esse dia outonal tão importante;  
Era então Angra louca de contente;  
Jubilosa se via toda a gente.

Nas ruas arcarias enfloradas,  
Hymnos assás pomposos já soavam;  
As damas nas janellas adornadas,  
Por cortejo brillante então esp'ravam;  
Ricas colxas pendentes, variegadas,  
Das varandas a vista abrilhantavam;  
Girandolas, repiques festivaes,  
Já tudo enthusiasmava os liberaes.

Entre vivas e salvas que troavam,  
 Mais tarde o general desembarcava,  
 Entre as alas da tropa que o esperava;  
 As damas das janellas o saudavam;  
 Riquissimo cortejo o acompanhava;  
 Todos aquelle heroe victoriavam;  
 Foi delirio o prazer n'aquelle dia;  
 Com tal chefe a esp'rança renascia.

Na fragata — Izabel — tambem chegaram  
 Officiaes distinctos por seus meritos,  
 Que na historia seu nome eternisaram,  
 Por serviços leaes e benemeritos:  
 Taes serviços que a patria tanto honraram  
 Não devem, nem seus nomes ser inéditos,  
 Pois quem assim serviu a liberdade  
 Não deve o nome ter na obscuridade:

E foram: — Sebastião Drago Cabreira,  
 Irmão do general: um Silva Torres, (3)  
 Valente militar já na Terceira,  
 Na Serra do Pilar tendo louvores;  
 Raivoso. coronel: os Sá Nogueira,  
 Esses filhos de Marte, esses primores;  
 Um Moura, um Vanzeler; um Sá Camello,  
 E outros, cujo nome é nobre e bello.

Todos estes recursos, n'este dia,  
Sobre tudo as espadas tão valentes  
E probas, de que muito se car'cia,  
Espadas, alem d'isso, intelligentes,  
Foram, certo, de apreço que extasia  
De prazer e vigora os descontentes,  
Nos quaes lavrava já o desalento,  
Crescendo de momento p'ra momento.

O general Cabreira desejando  
Os animos ali tranquilisar  
E inspirar confiança em seu commando,  
Resolve em tal ensejo proclamar.  
Ja sábias providencias foi tomando,  
Para tudo poder consolidar;  
E mostra-se tambem maravilhado  
D'esses heroes de quem se vê cercado.

Defensores vê poucos, mas valentes,  
Em presença dos quaes póde contar,  
Constituindo recursos tão potentes,  
De ver ali a causa triumphar;  
Vê espadas assás intelligentes  
Que a *carta* e a rainha hão de salvar;  
Vê em todos heroes que a lusa historia  
Honrarão por seus feitos, sua gloria.

Como achasse imperfeitos, atrazados,  
Os telegraphos, logo os melhorou;  
Os actos do govêrno publicados  
São logo p'la imprensa que criou;  
Os castigos crueis, exagerados,  
Tambem elle reprova e os evitou;  
Muitas provas, em fim, logo elle dera,  
De que honra a liberdade e a venera.

Desejando tambem forte adhesão  
Na tropa com a qual elle servia,  
Possuindo igualmente a convicção,  
De que o justo louvor animaria  
Já em todos a boa e nobre acção,  
Que á nova causa tanto serviria,  
Palavras dirigiu que elogiaram  
Voluntarios que ali se organisaram.

Elogiou tambem seu commandante,  
Cujó zêlo e tão rara actividade,  
Serviços e riqueza tão prestante,  
Tem sido forte esteio á liberdade,  
Á causa tão difficil, quanto instante,  
Protegendo-a com tanta lealdade:  
O cidadão que fôra assim honrado,  
Foi esse Ornellas Bruges tão louvado.

Outros nomes aqui farei lembrados,  
Por brilhantes serviços que prestaram,  
Fonseccas e Noronhas laureados  
Pela patria serão que elles honraram.

Anima o general os habitantes  
Que concorrem ao seu alistamento;  
Mostra-lhes as vantagens resultantes  
De prestarem assim seu valimento  
Em tão difficeis, criticos instantes;  
Incute-lhes valor e ardimento,  
Convida-os a fermar artilheria,  
E p'ra seu commandante se off'recia.

Os realistas porém não fraqueavam;  
Empregam todo o tempo em conspirar;  
Alguns soldados elles subornavam  
E obtinham fazel-os desertar;  
Os miseros depois lá se entranhavam  
Nas montanhas, até irem achar  
Guerrilha, em que de prompto se alistassem,  
E na qual, finalmente, militassem.

Era grande o partido do infante,  
E contava homens ricos, dedicados;  
Mal tivessem um chefe, n'esse instante,  
Ver-se-iam logo em campo revoltados.  
Procuram João Moniz Corte Real,  
Que estava retirado em seu casal.

Para chefe é Moniz já convidado,  
Com palavras adrede concertadas,  
E das quaes fica bem lisongeadado.  
De reagir contra as forças já armadas  
Lhe mostram muito estar necessitado  
O partido que vê tão supplantadas  
As idéas que devem triumphar,  
P'ra D. Miguel ali logo acclamar.

Era então capitão d'infanteria;  
Por bravo militar elle passava;  
Participando a o que se resolvia,  
Para as illas então officiaava,  
E valiosos soccorros já pedia,  
Pois todas, a Terceira exceptuando,  
Rendem preito ao intruso rei nefando.

Dentro em pouco á Terceira já chegavam  
Os pedidos soccorros do Fayal;  
Dos Biscoutos no porto elles entravam,  
Mas são de mesquinhez descommunal:  
São só duzentas armas enviadas,  
E, em grande parte, já det'rioradas.

Pouca polvora e bala lhes mandavam;  
Nem vão officiaes, nem vão soldados,  
De tantos que nas ilhas já se achavam,  
Para onde tinham sido deportados.

N'aquelle estado pouco lisongeiro  
Em que as cousas p'ra elles já estavam,  
Em arrostar Moniz era o primeiro,  
Que o zêlo e o pundonor o animavam.  
N'este ensejo apparece-lhe um terceiro  
A ajudal-o e áquelles que o cercavam:  
É um Moniz de Sá, um seu parente,  
Que é rico nos *Biscoutos* e influente.

Com seu auxilio faz logo Moniz  
Transportar bem depressa o armamento  
Para ao pé d'Arrochella, onde elle quiz  
Dos adeptos fazer ajuntamento.

Taes foram os esforços empregados  
Pelo chefe Moniz n'aquelle dia,  
Que de tarde uns noventa ou mais soldados  
Já elle n'Arrochella reunia,  
E n'esse ponto ficam acampados;  
Almeida, quando já anoitecia,  
Dos Biscoutos se foi aproximando  
Com a força que poude ir engajando.

Logo á Praia chegavam retirados  
Dois homens de principios liberaes,  
Que áquella villa vão por dedicados  
A essa causa, á qual vão ser leaes;  
E dão parte de tal ajuntamento  
A quem commanda ali o destacamento.



Era este o capitão d'artilheria  
—Moraes Rego— que logo officiou  
Ao general Cabreira, e o prevenia  
De quanto em tal momento lhe constou.

Entrando foi em todo aquelle dia  
Um d'outubro. e no outro que o seguiu,  
No campo dos rebeldes que crescia,  
Muito povo que ali se reuniu;  
Correu de toda a ilha e obedecia  
A seu chefe Moniz, que o seduziu,  
E a Almeida, outro chefe destemido,  
Que a fama de valente ha adquirido.

Crescia o enthusiasmo, a alegria,  
Em toda a multidão ali reunida,  
Pois crê que tanta gente não podia,  
Por força tão exigua, ser vencida.

Do general o plano já sabido,  
Conselho militar é convocado,  
E n'elle promptamente decidido,  
Que fosse para logo destacado,  
Porém em duas forças dividido,  
Um troço de soldados destinado  
A fazer dispersar aquella gente,  
Tão nescia, tão audaz, tão insolente.

Foi a primeira força commandada  
Pelo alferes Andrade, que chegando  
Aos Biscutos, aonde era acampada  
A multidão que elle ia procurando,  
Encontra Almeida e força acrescentada,  
Que por ali o andava pesquisando;  
Rompeu então o fogo vivamente  
Contra a força pequena, mas valente.

Estes bravos os louros não perdiam,  
Pois batem-se com furia e com valor,  
Mostrando que as milicias não temiam;  
Mas acode Moniz com gran vigor,  
E soccorre os que vê que não venciam,  
Com gente bem armada e com ardor:  
Logo a força do cinco supplantada,  
Já fica toda ali aprisionada.

Diga-se inda em abono dos soldados  
Do cinco que ficaram prisioneiros,  
Que, além da multidão dos revoltados  
Estes eram ainda sobranceiros  
Em posição aos outros supplantados,  
Já dispostos adrede nos outeiros,  
Em pontos de fazer grave emboscada,  
Para a força inimiga ser cercada.

Tão depressa o conflicto terminou  
Co'o primeiro infeliz destacamento,  
Corre Almeida ao segundo, e atacou  
Guedes a quem impede o seguimento,  
Pois sómente aos *Altaires* elle chegou;  
Cedendo sem remedio ao movimento,  
Foge; — o destacamento é desarmado —  
Mas Almeida persegue-o bem montado.

Almeida, a toda a brida, já corria,  
Em corcel mui veloz, em que voava,  
Porém Guedes tambem desappar'cia,  
Como lebre ao ardil a que escapava;  
N'um logar da *Serreta* já se via,  
Quando esse chefe Almeida o aprisionava:  
As forças ambas já subjugadas  
São presas n'uma casa e vigiadas.

Esta era nos Biscoutos situada:  
Os dois officiaes são igualmente  
Presos com os soldados, e guardada  
Era esta prisão por um tenente  
— Coelho Rocha — de grande nomeada,  
Homem assás grosseiro e insolente,  
Que fôra tão feroz, tão exaltado,  
Que mais tarde morria fuzilado.

Aquelle homem cruel e deshumano,  
Cujó nome entregamos á historia,  
Torna-se ali verdugo assás tyranno,  
E quer d'isso talvez ter a vangloria:  
Insulta de palavra e gesto insano  
Os dois officiaes: — triste memoria! —  
Arranca-lhes as bandas! — feio insulto! —  
Além de mau, cruel, ainda estulto! . . .

Do campo revoltoso, eis o estado.  
Em Angra os liberaes estão anciosos,  
Pois com muita razão têm receado  
Pela vida, em momentos tão perigosos,  
Dos pobres prisioneiros; e arriscado  
Vêm também o partido, receosos  
De quanto vaé crescendo a multidão,  
De quem temem não pouco a invasão.

O general bastante se affligia  
Por ver que o inimigo ia alojar-se,  
Sem duvida, na Praia, e que teria  
De ceder-lhe esse ponto, e retirar-se;

Sustentando que a força disponível  
Para ali se devia destacar,  
Pois seria erro grave e impossivel  
Esse ponto importante abandonar.

Do dia dois d'outubro a madrugada  
Vê marchar essa enorme multidão,  
Que nos Biscoutos fóra acantonada,  
E onde fez a sua reunião.  
Cinco leguas ficava desviada  
Essa aldeia da villa aonde vão.  
P'la estrada á beira-mar elles saíram,  
E direitos á Praia então seguiram.

Da força, inda na Praia estacionada,  
Constando ao commandante, que esta gente  
Marchava para ali amotinada,  
Com o fim d'aprehendel-o, instantemente  
Fez levar ao castello, em retirada,  
As armas, munições, e, finalmente,  
Quanto aos outros servisse de defesa,  
Marchando p'ra cidade com presteza.

N'aquella villa entra juntamente  
A grande multidão desenfreada:  
Ricos, pobres, em summa, toda a gente  
Os quer em sua casa franqueada.

O quartel general dos revoltosos  
Na casa do senado o instalaram.  
Já de noite fizeram pressurosos  
Chamar vereadores, e convidaram  
Os homens que tem cargos mais honrosos  
Na villa, e a todos consultaram,  
Como ao clero e á officialidade,  
Pois querem affectar legalidade.

N'este acto por tal modo apparatuso  
Um govêrno interino é nomeado.  
Moniz e os do conselho revoltoso  
Já mandam ao govêrno um enviado:  
Exigem que Cabreira se entregasse,  
E que el-rei D. Miguel elle acclamasse.

De povo, grande, immensa quantidade,  
No dia immediato ainda entrava  
A reforçar aquella immensidade,  
Que na villa da Praia estacionava.  
Duzentas espingardas só havia,  
Que são distribuidas n'esse dia.

D'espadas, fouces, dardos são armados  
Os outros que compõem a multidão:  
Tres mil homens estão amotinados,  
E dispostos a entrar já em acção.

Pelo chefe Moniz já é sabida  
A infeliz recepção da embaixada,  
E diz-se-lhe que em pouco era aggreddida  
Essa força que tem ali armada.  
Já na manhã de quatro ali chegava  
A força da cidade, que elle esp'rava.

A força sobre a Praia destacada  
Eram cento e cincoenta caçadores;  
De artilheiros marchou meia brigada.  
Silva Torres em chefe commandava  
Estes bravos, cujos louros aguardava.

Ás cinco horas da tarde d'esse dia  
Ao Pico do Selleiro já chegavam;  
Fazem alto. D'ali mui bem se via,  
Embuscada nos montes que os cercavam,  
Multidão, que esses montes já cobria,  
Dos rebeldes que ali os aguardavam.  
Dos bosques rompe o fogo finalmente.  
No qual se empenha logo toda a gente.



Hora e meia esse fogo inda durou,  
Sem vantagem para um, nem outro lado;  
Mas Torres tão depressa os flanqueou,  
Que o colosso era logo debandado.

Quando esta tropa em Angra já entrava,  
Mostrando o seu valor victoriosa,  
A alegria, o prazer se divisava  
Em todo o liberal; e orgulhosa  
A gente que venceu se amostrava,  
Pois ganhára uma acção mui valiosa;  
A posse ella firmou á liberdade  
Da Terceira, e lhe deu vitalidade.

Dos realistas os mais compromettidos,  
Como Almeida e Moniz já se entranharam  
Nos campos onde andavam foragidos,  
À testa de guerrilhas que criaram,  
Nas quaes havia homens aguerridos  
Que muito tempo a ilha incommodaram.

Houve então entre os guerrilhas  
Façanhudo camponez,  
Que mui notavel se fez,  
Por não vulgar valentia;  
Mas tambem na crueldade  
Se tornou muito saliente,  
Atterrando toda a gente  
Nos campos e na cidade.

Por *Boi negro* conhecido  
Era o celebre malvado,  
Que havia assim inspirado  
Em toda a ilha pavor;  
De vinte e um annos apenas,  
Algumas mortes contava,  
E por isso elle inspirava  
Tanto medo, tanto horror!

Alguns soldados do cinco  
Tinham sido aprisionados;  
Cruelmente assassinados  
Foram por esse guerrilha,  
Que primava em ser cruel,  
Campeava na maldade,  
O que explica essa vontade  
Que o procura em toda a ilha,

Fazia-se grande empenho  
Em prender esse malvado,  
Sempre feroz e azado  
A ferir, a incommodar;  
Mas ligeiro como um gamo,  
E ardiloso como a côrça,  
Zombava de toda a força  
Que as mãos lhe qu'ria lançar.

Até que um dia chegára  
Em que pôde ser filado,  
Só, por acaso, encontrado  
No logar da *Terra Chã*;  
Logo preso p'r'a cidade  
O trouxeram n'esse dia;  
Maniatada a valentia,  
Chegou-lhe a infelicidade.

Por malvadez tão notavel  
Fôra logo processado,  
E a final sentenciado  
A que morresse enforcado.  
No dia da execução  
Fez admiraveis façanhas  
Tão novas e tão estranhas,  
Que merecem narração.

No momento em que o verdugo  
A alva infame lhe vestia,  
Do assassino recebia  
Um fortissimo empurrão:  
Sendo velho octogenario,  
Para logo em terra o lança,  
E á sentinella se avança,  
Já com furia de leão.

Fere-a com forte navalha  
Que lhe haviam fornecido;  
Deixa o soldado estendido,  
A quem tirára a baioneta  
N'um abrir e fechar d'olhos,  
E corre assim bem armado,  
E como tigre esfaimado,  
Para a praça, em linha recta.

Encontrando o carcereiro,  
Que se julga então perdido,  
Foi por este acommettido,  
Que o fila então por detraz,  
Como homem valente que era,  
Já prendendo-lhe os dois braços;  
Mas em p'riço entre os dois aços,  
Larga-o e corre d'elle atraz.

Assim que chegára á praça,  
Onde estava immensa gente,  
Que fica pouco contente  
Com aquella apparição,  
Fôra logo acommetido  
Por estoques, por espadas,  
Logo ali desembainhadas  
Com a rapidez do tufão.

A quem lhe tomasse os passos  
Investia cegamente,  
E fôra não pouca gente  
D'essa que o acommetten,  
Que eram todos militares,  
Que o fôram por toda a parte;  
Mas cinco fôrindo com arte,  
Fôriu e sempre correu.

Tomára pela ladeira,  
De San Francisco chamada,  
Mas foi por elle encontrada  
Uma guarda que descia,  
Que render ia a do paço,  
E que as baionetas calou,  
Quando elle a investia,  
E contra ellas se entranhou.

Ferido por toda a parte,  
Nadando no proprio sangue,  
Mas sem desmaiar exangue,  
O que foi para admirar,  
Fôra então apprehendido,  
Na cadeia encarcerado,  
E, em seguida, conduzido  
P'ra onde foi enforcado.

Para o lugar do supplicio  
Pelo seu pé caminhando,  
Já a rua ensanguentando,  
Por onde quer que passava;  
Algumas vezes corria,  
Outras, parando, fallava,  
E aos conhecidos que via,  
Naturalmente saudava.

Assentado junto á forca,  
Muito povo busca ensejo,  
Pois cresce n'elle o desejo  
D'este monstro conhecer;  
E elle ao padre pedia  
Lhe desviasse dos olhos  
O cabello ou os *ante-olhos*,  
Que o povo ver tambem qu'ria.

Da forca subindo a escada,  
Para fallar se dispõe,  
Mas o carrasco se oppõe  
E o supplicio apressa,  
Mostrando-se impaciente;  
Mas o réo com voz vehemente,  
Olha-o e diz naturalmente:—  
*Devagar ! Não tenho pressa.*

Quebrando a primeira corda,  
Outra corda, novo laço  
Se prepara em curto espaço  
Ao infeliz, ao desgraçado,  
Que não morre inda d'horror !  
Por segunda vez levado  
Ao patibulo ensanguentado,  
D'outra corda tem favor !

Por adeptos miguelistas  
Foi preparado o manejo,  
Para haver assim ensejo  
De salvar o desgraçado;  
Pois era a misericordia  
Que a corda então fornecia,  
E em quem desejo havia  
De valer ao enforcado.

Então a misericórdia,  
Vendo-o no chão estendido,  
Quer salvá-lo, protegido  
Por sua santa bandeira;  
Mas a escolta que o cercava  
Para o infeliz avançava,  
Logo baionetas calava,  
E mata-o de outra maneira.

Então pareceu ouvir-se  
De um leão forte rugido,  
Que ainda sinto no ouvido,  
D'esta scena horrorizado,  
Que infelizmente então vi!  
E conservo-a aqui na mente,  
Como se a vira patente,  
Quando agora a descrevi!

Que scena de horror!—meu Deus!—  
Partiu-se-me a alma ao vel-a,  
Como agora ao descrevel-a!  
Quem não treme de pavor,  
Ao gemer da humanidade!  
Vendo nas leis a vingança,  
Ordenando uma matança,  
A sangue frio—que horror!!!



Eis aqui—legisladores ! —  
Eis aqui—senhores juizes !—  
Um dos casos bem felizes  
Na questão:—pena de morte—  
Não achaes *bellc o exemplo ?*  
Não é elle *assás brilhante,*  
*Sumptuoso, edificante ?*  
Não se mostrou a lei forte ?!

Podem pois reagir milhares,  
Como aquelle desgraçado,  
N'um momento desesp'rado,  
E repetirem-se as scenas  
Do mais cruel barbarismo,  
Que conduz ao idiotismo !  
São do crime um catechismo  
Essas tragedias tão plenas !

Mas, por Deus ! Sêde coherentes;  
Creak guarda p'ra os patibulos,  
Concorrei com vossos obolos  
Para o triumpho da lei;  
Armai-a de bacamartes  
Para ser *da morte a guarda;*  
E poupai a honrosa farda  
Que serve a nação e o rei.

Do fóro civil riscada  
Já foi a pena de morte;  
Da nação feliz a sorte  
A quem tal idéa acode!  
Da vida a inviolabilidade  
Devera ser respeitada:  
Por Deus só foi ella dada,  
E só Deus tiral-a póde!

Escusada e criminosa  
É essa pena de morte,  
Pena cruel, odiosa,  
Que vinga, mas não melhora,  
Que o sangue com sangue paga,  
Que mata, mas não corrige,  
Que uma lei de Deus infringe,  
Que a luz do remorso apaga!

Que usurpa a Deus um direito,  
Mata o arrependimento,  
Esse doce sentimento,  
Esp'rança de redempção;  
Essa luz vivificante  
Que morre no condemnado,  
À dura morte votado,  
Que lhe gela o coração!

Depois só é infalível  
A alta justiça de Deus;  
Parece ás vezes visível  
O que cobrem densos véos,  
E claudica a humanidade:  
Se a justiça se enganou,  
E a innocencia condemnou,  
Quem ha de valer aos réos ?!

Pois ha de evitar-se o crime  
Co'a escola de matança ?  
Pois não hav'rá n'isto absurdo ?  
Que tristissima esperança !  
Será isto doutrinar ?!  
Não quer a lei que se mate,  
Mas commette o disparate  
D'ir em publico matar !

Mas se estes argumentos  
Convenceram toda a gente,  
Que se ha mostrado contente,  
E é doutrina corrente  
No civil a vigorar,  
Porque são contrariados,  
Combatidos, desprezados  
Só no fóro militar ?!

Attendei: ou são reaes,  
Verdadeiras taes razões,  
Ou são apenas ficções—  
Senhores legisladores!—  
Se a prima idéa abraçaes,  
Com certeza, vós peccaes  
Denegando-a ao nosso exercito,  
Pois no civil do bom exito  
'Staes de certo sabedores.

Conheceis as estatisticas  
Que nol' o estão demonstrando;  
Libertae pois o exercito  
D'um *crime da lei* nefando!  
Se a outra hypothese abraçaes,  
P'ra que ao civil a applicastes,  
Para que patenteastes  
Idéas que hoje negaes?

Na guerra pois tão sómente  
Vigore a pena de morte;  
Seja a lei só inclemente  
Na presença de Mavorte.

---

No meio de fatal perturbação,  
D'esse estado arriscado e melindroso,  
Que anima, que dá força á reacção,  
Desponta um dia alegre e mais ditoso;  
Sabe-se da formal abdicção  
De Pedro Quarto; esse acto generoso!  
Dil-o Palmella em carta que remette  
Á junta a quem soccorros já promette.

Longe de acobardar os revoltosos,  
Exalta-os inda mais a novidade;  
Tornam-se mais audazes, orgulhosos;  
Vêm mesmo até ás portas da cidade;  
Matam sem mais piedade já furiosos  
Os que têm por divisa—liberdade—  
A facção, por tal modo audaciosa,  
Torna a junta severa e rigorosa.

Põe a preço a cabeça de Moniz  
E a d'Almeida em decreto que firmou:  
E por mais que se julgue este infeliz,  
A teima d'estes chefes o creou,  
Sua audacia tenaz assim o quiz,  
A ordem social foi que o dictou.

Moniz e Almeida, assim compromettidos,  
Em grave risco e outros revoltosos,  
Partem logo da ilha foragidos,  
Por meios arriscados e dolosos.  
Taes homens, na verdade destemidos  
De uma audacia tenaz que maravilha,  
Já deixam mais tranquilla aquella ilha:

Mas foi por este tempo que se dera  
Caso não pouco digno de memoria,  
Do qual por diversão, com quanto triste,  
Antes de proseguir darei a historia.

Em uma casa de campo,  
Um velho lib'ral vivia,  
Que dava honra á burguezia  
Pela sua honestidade.  
Viuvo, tinha uma filha  
Que adorava, e que partilha  
Sua paz e flicidade.

Lavrador pouco abastado,  
D'elle só e sua Emilia  
Se compunha essa familia,  
No lugar mui respeitada;  
E, n'outras partes da ilha,  
Conhecem o pai e a filha.  
Por familia consid'rada.

Era Emilia uma belleza,  
Uma joia em qualidades;  
E se a vissem nas cidades  
Co' educação esmerada,  
E as bellas modas trajando,  
A mocidade pasmando,  
Era logo apaixonada.

Contava vinte e dois annos:  
Castanho claro o cabello,  
Lustroso, annelado e bello,  
Caia-lhe em fios dourados  
Sobre o collo assetinado,  
Tão alvo como os silvados  
Que o inverno tem nevado.

Olhos da côr do cabello,  
Quando outros encontravam,  
P'ra logo os magnetisavam  
Com surpreendente belleza.  
A tez alva e assetinada,  
Comø açucena orvalhada,  
A rir-se p'ra natureza.

Da linda face os contornos  
Têm belleza encantadora,  
Que revela scismadora  
É talentosa entidade;  
A bocca pedia beijos,  
Mas sem distinguir ensejos,  
Mas sem distincção da idade.

Quando o sorriso nos labios,  
A belleza arrebatava;  
Era um anjo que inspirava  
Um quasi divino amor,  
Adoração deleitosa,  
Mas sincera e respeitosa,  
Como a um anjo do Senhor.



Do seu corpo as lindas formas  
Não têm descripção possível,  
Têm belleza do invisível,  
Quando véo divino o cobre;  
E a regular estatura,  
De seu porte a formosura,  
Não podia ser mais nobre.

Seu pé breve e tão esbelto,  
De seu corpo augmenta a graça,  
Só pincel divino o traça,  
Se não póde imaginar-se.  
Sua mão é elegante,  
O timbre da voz, tocante,  
Parece a Deus elevar-se.

Eis aqui, em breves traços,  
O esboço d'esta fada,  
Que mal ou bem retratada  
Foi aqui por meu pincel:  
Mas quem de tal formosura  
Póde fazer a pintura,  
Que seja em tudo fiel?

Namorava ella um primo  
Que era alferes de milicias,  
E, a seductoras caricias  
Do partido miguelista,  
Se fizera guerrilheiro,  
Gastando honra e dinheiro  
Co'a guerrilha em que se alista.

Pedro Nunes era o nome  
D'este joven guerrilheiro,  
Da familia o derradeiro,  
Que acabou n'este infeliz.

Era um esbelto rapaz,  
Cinco lustros só contava,  
Sympathico e em maneiras,  
Elle a todos captivava.

Character probo e honrado,  
E primando em valentia,  
No logar em que vivia,  
Foi por todos respeitado.

Vivendo só dos seus bens,  
Todo entregue á agricultura,  
N'ella só e em sua Emilia  
Encontra toda a ventura.

Com cuidado lhe occultaram  
Que os companheiros tentavam  
Atacar João de Mello,  
A quem de certo matavam.

Era este o pai da noiva,  
De principios liberaes,  
Como tal votado ao odio  
De assassinos infernaes.

Uma noite dispozeram-se,  
Para o irem atacar;  
Quando era meia noite,  
'Stavam-lhe a casa a cercar.

Por acaso Pedro Nunes  
Passa n'essa ocasião,  
E, notando este espectáculo,  
Fica cheio de afflicção.

Tinha entre os companheiros  
P'rigosissimo rival,  
Que d'Emilia recebera  
A recusa conjugal.

Imagine-se a surpresa  
D'estes homens tão malvados;  
Mas nem mesmo do encontro  
Se julgam contrariados.

A que assassinem seu tio  
Pedro finge não se oppôr,  
Com tanto que lhe consintam  
Pôr a salvo o seu amor.

Acceitaram-lhe a proposta;  
Pedro a Emilia fallou;  
Da fuga d'esta o projecto  
Entre os dois se concertou.

Co'os fatos do pai Emilia  
Promptamente fugiria,  
Para casa de uma tia,  
Que tinha no povoado.

Dentro em pouco, os guerrilheiros  
Já viam sair alguém,  
Que suppunham ser Emilia,  
E o namorado também.

O leitor tem percebido  
Que o pai d'Emilia fugira;  
Do que devia fazer,  
Sua filha o instruíra.

Rompe o fogo sobre a casa;  
Emilia chega á janella,  
E roga que a respeitassem,  
Pois seu pai é fóra d'ella.

Vendo-se assim enganados,  
Os guerrilhas se enfurecem,  
Não cedem a rogativas,  
Da innocencia se esquecem.

E qu'rendo forçar a porta.  
Pedro n'ella se e'locou: —  
«Quem ousar entrar aqui  
— Diz — «com a vida o pagou.»

Logo um tiro do rival  
O peito lhe atravessou,  
E em terra caindo logo,  
«Malvados!!!» disse, e expirou!

A porta logo arrombada,  
Os assassinos entraram,  
Mas logo estendida e morta  
A linda Emilia encontraram.

Pois aquelle anjo da terra  
O coração trespassou;  
Apertado inda na dextra  
Um punhal se lhe encontrou!

João de Mello, o pai d'esse anjo,  
De desgosto enlouqueceu,  
E ao fim de quinze dias,  
Sempre louco, falleceu!

---

Este caso tão triste e nefando  
Patenteia o estado d'essa ilha,  
Mas estado d'horror, execrando,  
D'esses tempos fatal maravilha!

Que d'esforços ali empregados  
P'ra vencer essa lucta gigante  
Contra internos e externos armados,  
Em defesa do intruso reinante!





# CANTO V



## CANTO V

No invicto baluarte então surgido  
Tinha parte da esquadra de infante,  
Que tomára a Madeira; e já seguido  
Para Lisboa havia outra restante,  
Acossada por vento destemido,  
Como a não D. João Sexto, a almirante,  
Que á Terceira voltou inda encontrando  
Essa parte da esquadra ali pairando.

Quiz ella, d'essa vez, desembarcar  
A tropa para isso preparada,  
Esp'rando protecção ali achar  
Na gente que se achava combinada;  
Mas esta não podendo conspirar,  
A esquadra retirou desanimada.

O bloqueio portuguez foi reforçado  
Por fragatas inglezas que enviára  
Esse *fiel* paiz, nosso alliado,  
Á ilha que a D. Pedro se votára.  
Esse insalto será sempre gravado,  
Na memoria de quem o supportára.  
Foi a Lord Wellington que devemos  
Esse *raro favor* que recebemos.

Foi esse ministerio que negou  
Os soccorros precisos á Terceira:  
Foi esse ministerio que expulsou,  
Com intenção assás *hospitaleira*,  
A emigração que em Plymouth se abrigou,  
Esp'rando protecção bem lisongeira:  
Foi elle que ordenou se metralhassem  
Os liberaes que a Terceira demandassem!

A pezar d'este intento detestavel  
De um govêrno infiel e deshumano,  
Viu-se a resolução incomparavel  
Dos heroes inimigos do tyranno!  
Infringem essa ordem exécravel  
Com audacia tão rara em peito humano!  
Saltando com seiscentos emigrados  
Demandam a ilha, e leva-os desarmados.

Já em quatro navios de transporte  
Estes bellos heroes eram chegados,  
Mas ali os persegue a crua sorte!  
Dois navios inglezes, dois malvados,  
Metralham-nos, em fim, e dão a morte  
A um dos valentissimos soldados,  
E ferem gravemente um dos paisanos  
Esses homens crueis e deshumanos!

A intimações formaes do commandante  
Seguiram-se protestos calorosos  
D'essa gente infeliz, mas tão prestante,  
De soldados valentes e briosos,  
Desarmados, inermes n'esse instante,  
Victimas d'estes actos monstruosos;  
Saldanha então retira para França,  
Pois, d'entrar na Terceira, perde a esp'rança.

Tal acção inaudita, escandalosa,  
Foi na França sentida vivamente;  
Foi mesmo a toda a Europa, dolorosa,  
Tornando-se por isso mais clemente  
Para a grey d'emigrados desditosa,  
E já tratada assim, tão cruelmente.  
De Saldanha, porém, tal decisão,  
Em Londres agmentou a adversão.

Com tudo isso Palmella não desiste  
De tentar desembarques na Terceira;  
Em mandar mais soccorros elle insiste,  
Embora a Gran Bretanha tal não queira:  
A exigências crueis elle resiste  
D'essa nação audaz e interesseira:  
Munições, armamentos e soldados,  
Romperam pelos portos bloqueados.

Co'os reforços que á ilha vão chegando  
Creavam mais valor os emigrados;  
Medidas importantes vão tomando;  
Muitos pontos são já fortificados;  
Alguns corpos se vão organizando  
De varios contingentes enviados;  
São barcas canhoneiras preparadas  
Para as costas trazerem vigiadas.

Mas, no meio de taes difficuldades,  
Ainda acrece a falta de união;  
Pois viram-se nascer rivalidades  
Que promovem discordia, confusão:  
Por cumulo de taes inflicidades,  
Nos membros do govêrno ellas se dão:  
Cabreira e Silva Torres são rivaes,  
E a discordia já lavra em outros mais.

Cabreira, homem prudente e atinado,  
General honradissimo e valente,  
Liberal generoso e dedicado,  
De nossa causa esteio aurifulgente,  
Mas d'intrigas odiosas já cercado,  
Retirar-se da ilha achou prudente.  
Outro Cabreira, irmão, toma o commando,  
E a Villa-Flór, mais tarde, o foi passando.

Luctando todos vão com embaraços  
Que ao mundo causarão por força espanto !  
Venciam hoje alguns; mas logo a braços  
Eil-os já com maiores; mas, no entanto,  
Não perdem a coragem, novos traços  
Vão lançando ao caminho nobre e santo  
Que os ha de conduzir ao templo qu'rido  
D'heroismo e liberdade, tão subido !

Por cumulo de taes calamidades,  
Falta quasi de todo o numerario;  
A junta, ainda em taes extremidades,  
Achava-se sem fundos no erario;  
Os sinos dos conventos e irmandades,  
Fundirem-se se julga necessario,  
E grosseiras moedas se cunharam,  
Que de p'rigos mui serios nos salvaram.

Em crise melindrosa e arriscada.  
Quiz a rainha os brios animar  
Da tropa na Terceira estacionada.  
Por bem houve ella então, quiz offertar  
Uma rica bandeira, e só bordada  
Por suas regias mãos, que a vão mandar  
Ao quinto batalhão de caçadores,  
Cujos feitos igualam taes favores.

Havia a Gran Bretanha retirado  
Da Terceira o bloqueio escandaloso,  
E talvez porque vira condemnado  
Pela Europa esse acto monstruoso!  
Palmella tinha então logo enviado,  
Da França — esse paiz tão generoso! —  
E da Belgica, nova expedição,  
Que não soffre a menor opposição.

Com esse contingente d'emigrados  
Embarca o nobre conde — Villa-Flôr,  
Por seus merecimentos elevados,  
Nomeado general governador  
Das ilhas dos Açores; e salvados  
Ao bloqueio inimigo aterrador,  
Na Praia desembarcam, e marcharam  
Para Angra, onde os seus logo abraçaram.



Socorro fôra este o mais valioso  
Que Palmella á Terceira ha enviado;  
Da discordia o facho monstruoso  
Teria talvez tudo incendiado!  
Villa-Flôr foi qual anjo milagroso  
Mandado pelo céo já int'ressado  
P'la causa liberal que vê perdida,  
Se não fôra de prompto soccorrida.

E fôra situação tão arriscada,  
Que traz preocupada toda a gente  
A causa da alegria tão vehemente  
Que põe logo a Terceira alvoroçada:  
Via-se Angra exultando loucamente,  
Quando o conde ali fez a sua entrada:  
Foi dia de prazer assignalado,  
N'aquelle baluarte festejado.

As redeas do govêrno ás mãos tomando,  
O nobre conde tudo serenou;  
As intrigas na junta dissipando,  
A ordem, a união se resgatou:  
Mui sabias providencias foi tomando,  
Que o receio em esp'ranças transformou;  
E á tropa fallando nobremente,  
Inspira confiança a toda a gente.

Promoveu, activou rapidamente  
As obras de defesa em toda a ilha;  
General e soldado diligente,  
Tamanha actividade maravilha!  
Já corre a costa toda em continente:  
Qual astro, que entre as nuvens, quando brilha,  
Na procella reanima o navegante,  
Dá já vigor, esperança ao vacillante.

Em quanto na Terceira se activavam  
Trabalhos á defesa necessarios,  
Os rebeldes na côrte não cessavam  
De guerra promover a seus contrarios:  
Uma esquadra imponente elles armavam,  
Para a qual concorreram millonarios:  
Nem se viu depois d'esta uma outra armada  
No paiz em tal força preparada.

Em toda a Europa a fama já corria  
D'esta empresa que em Lysia se prepara.  
Qualquer o resultado já previa,  
Conforme a opinião com que a encara.  
Mas quem, em tal ensejo, quem podia  
Contar co'a flicidade, mas tão rara,  
Que protege o partido liberal,  
Em força tão mesquinha e desigual?!

De uma parte, uma ilha toda aberta,  
E com exiguas forças guarnecida,  
Com falta de recursos, só áleria,  
A vencer ou morrer já decidida;  
De outra parte, uma armada forte e certa  
De ser na propria ilha protegida,  
Tendo força maior, mais preparada  
Que a da ilha que vae ser atacada.

Mas tambem, de uma parte, a liberdade.  
Homens livres, a causa justa e santa,  
Principios, convicções e lealdade;  
Esse vigor moral em força tanta;  
Da patria e da familia a gran saudade;  
Valentia d'heroes que nos espanta!  
Da outra, a escravidão nefanda e feia,  
Que de tudo se teme e se arreceia!

Nos fins de julho surge a forte armada  
Nas aguas da Terceira: em continente  
A força militar é activada;  
«Ás armas! — grita — o p'riego é eminentel»  
Aos pontos, a que a tropa é destinada,  
Corre logo veloz e promptamente:  
Em todos o ardor, a actividade,  
Acodem a salvar a liberdade.

Esta esquadra imponente do tyranno,  
Com tropas para ali desembarcar,  
Vem co' o intuito feroz e deshumano  
De a ninguem dar quartel e perdoar;  
Porém esse projecto vil, insano,  
Bem longe de fazer acobardar,  
Vem ainda augmentar, de dia a dia,  
O denodo, a corage e a valentia !

Cada um se vê ali tão resignado,  
Tão disposto a morrer ou a vencer,  
Por mais que o p'riego seja assignalado,  
Que taes brios não posso descrever:  
Em cada official vê-se um soldado,  
Disposto a trabalhar e a combater;  
No soldado um prodigio de valor,  
E, em todos, tem a patria um penhor !

Co' os nomes de taes bravos bem quizera  
As paginas aqui enriquecer;  
De todos fallaria, se eu podéra;  
Mas não pôde a patria nunca esquecer  
Os serviços que d'elles recebêra,  
E que a penna não pôde descrever;  
Mas Britos, Mendes, Lopes, Pimenteis,  
Que recebam, por todos, os laureis.

Recbam-nos tambem os Mascarenhas.  
Ficalhos, Loulés, Baldys, e Loureiros;  
Que de todos se cantem as façanhas,  
Os serviços tão nobres, verdadeiros,  
Acções tão valiosas e tamanhas,  
Que escurecem inventos lisongeiros,  
E as empresas sonhadas, fabulosas,  
D'Argonautas em guerras mentirosas.

Vendo o perigo já tão eminente,  
Da ilha apressa já toda a defesa  
O invicto general tão providente,  
O nobre Villa-Flôr, de quem a empresa  
Se crêra fabulosa ou excedente  
Só de forças humanas á grandeza,  
Se não viramos ser a realidade,  
Que salva a lei, a patria, a liberdade !

Bem como feroz leoa assoberbada  
Pelos tenros filhinhos que a flanqueiam,  
Vendo-se já nas brenhas assaltada,  
Encara os caçadores que a torneiam,  
Ruge, espuma, estorcida e enraivada,  
E defende os tenros filhos que a rodeiam:  
Assim, aquelles bravos se preparam  
Á defesa da ilha onde aportaram.

Bem quizera eu ter pinceis divinos,  
Que traçassem em quadros magestosos,  
Esses feitos heroicos, peregrinos,  
Que excedem os romanos tão famosos,  
Sendo aliás de Lysia, em tudo, dignos:  
Quizera compôr hymnos portentosos,  
Que legassem, no canto, a toda a idade,  
Taes feitos dos heroes da liberdade.

Da illa os pontos todos accessiveis  
São já, ou mal ou bem, fortificados;  
Desenvolvem-se esforços quasi incriveis,  
Mas acode-se aos mais necessitados,  
Que instantes correm breves e terriveis  
Para os que são assim ameaçados.  
Espanta a acerba lida, o movimento,  
Que se vê, na Terceira, em tal momento.

Quaes vividas arveloas diligentes,  
Lidando pressurosas todo o dia,  
Na lida sempre alegres e contentes,  
P'ra resguardar o ninho que se cria:  
Taes se vian nas obras, sempre ardentes,  
Esses poucos heroes, em quem crescia  
O desejo de já exp'rimantar  
Os pontos que se vão fortificar.

Baptista Lopes, perspicaz na guerra,  
Do *estado maior* fôra encarregado,  
Pois Villa-Flôr aproveitar soubera  
Este varão em tudo abalisado.  
Todos os pontos da insulana terra  
Tem elle visto já e inspeccionado.  
Serviços taes, á patria offerecidos,  
Jamais podem morrer, ser esquecidos.

É logo Euzebio Candido incumbido  
Das fortificações geraes da illia;  
Activissimo engenheiro e entendido,  
Nos planos e nas obras logo brilha;  
Seu saber, seu talento conhecido  
Dedica prompto á causa que partilha;  
Estradas e telegraphos melhora,  
Com zêlo infatigavel, sem demora.

Não deixarei tambem no esquecimento  
Almeida Pimentel, <sup>(4)</sup> um braço forte,  
Que na guerra e na paz tem mer'cimento;  
Que em muito tem o brio, e em pouco a morte:  
Seu saber militar, seu valimento  
Emprega tanto adrede e de tal sorte,  
Que seu distincto nome á patria charo  
Terá sempre valor, será preclaro.

De Maria Segunda os voluntarios  
 Guarneçiam a Praia tão notavel;  
 Em seu vasto areal são necessarios  
 Parapeitos que a tornem defensavel,  
 E que a abriguem das balas dos contrarios:  
 Silva Pombo, engenheiro respeitavel,  
 Emprega n'elles rara actividade,  
 Que o torna logo charo á liberdade.

Tão bello official que promettia  
 Ser d'arma d'engenheiros ornamento,  
 No mundo litterario bem podia  
 Brillhar pelo seu raro valimento:  
 Bem cedo o roubou á luz do dia  
 A morte que nos lega o sentimento.  
 Mais esse heroe á patria foi prestante,  
 Seu nome lembrará a cada instante.

O commando geral d'artilheria  
 Foi dado a Baldy, militar honrado,  
 De distincto saber e d'energia,  
 Respeitavel e sempre laureado;  
 Incançavel nos cargos que exercia,  
 Mathematico profundo e consummado:  
 Deveu virentes louros da victoria  
 Ao saber, ao valor, a honrosa gloria.



Do trem d'artilheria se incumbiu  
Silva Leão, militar bravo e ousado,  
Que á feia morte nunca succumbiu,  
E na guerra se vê exp'imentado.  
Seus serviços a patria usufruiu,  
Sendo um d'esses heroes tão laureado,  
Que ao nobre Villa-Flôr acompanhou,  
Quando á ilha Terceira elle aportou.

Todos estes heroes que a patria c'ria  
A morte já ceifou infelizmente!  
Sua fama immortal ao longe voa,  
Mas a patria deplora-os tristemente!  
Oh! Quanto me não punge e me magôa  
A perda d'estes bravos! Que mais sente  
Quem já pessoalmente os conhecêra,  
N'essa Terceira audaz que os recebêra.

Ali suas espadas tão valentes  
E seus brios d'heroes jamais esquecem;  
Inda as Nymphas dos bosques ali tecem  
Corôas immortaes sempre virentes,  
Regando-as com lagrimas dolentes,  
Com que os seus jazigos ennobrecem.  
Na Terceira elles têm padrão de gloria,  
Que jamais morrerá na lusa historia.

Xavieres. Pachecos e Tabordas,  
Os Magalhães. Damazios. Herculanos,  
E outros tão distinctos pela gloria,  
Seus nomes têm no templo da Memoria  
Que a Liberdade erguen entre insulanos!

Já chegado d'agosto o dia nove,  
Um conselho na esquadra é invocado,  
No qual logo de prompto se resolve,  
Que seja quanto antes atacado  
O fóco d'essa gente que promove  
A guerra ao novo rei já proclamado:  
Que a tal gente se dê a crua morte,  
Se não poder vencer-se d'outra sorte.

Isto assim resolvido, promptamente  
O mar vão já sulcando esses baixeis,  
Que compõem tal esquadra alt'imponente,  
Que assim vae preparando seus laureis:  
Guerra atroz, implacavel, inclemente,  
Proclamam, entre applausos, os crueis:  
Já se ouvem os canhões nos ar's troando,  
Victoria imaginaria festejando.

Mal que perto da ilha se avistára  
Essa esquadra a cada hora ameaçando,  
O audaz Villa-Flôr logo pensára,  
Que a hora do combate está soando.  
Bem depressa aos seus planos que traçára  
Já prompta execução elle vae dando.  
Dobra em todos valor e lealdade,  
Pois vão todos salvar a liberdade!

Forma d'infanteria e caçadores  
Uma columna audaz, sempre volante,  
Que evitasse a traição de protectores,  
E vigiasse a esquadra a cada instante.  
Para o *estado maior* não ha louvores,  
Que possam igualar seu brio prestante:  
O ambito da ilha percorriam,  
Té que os lumes da Aurora appareciam.

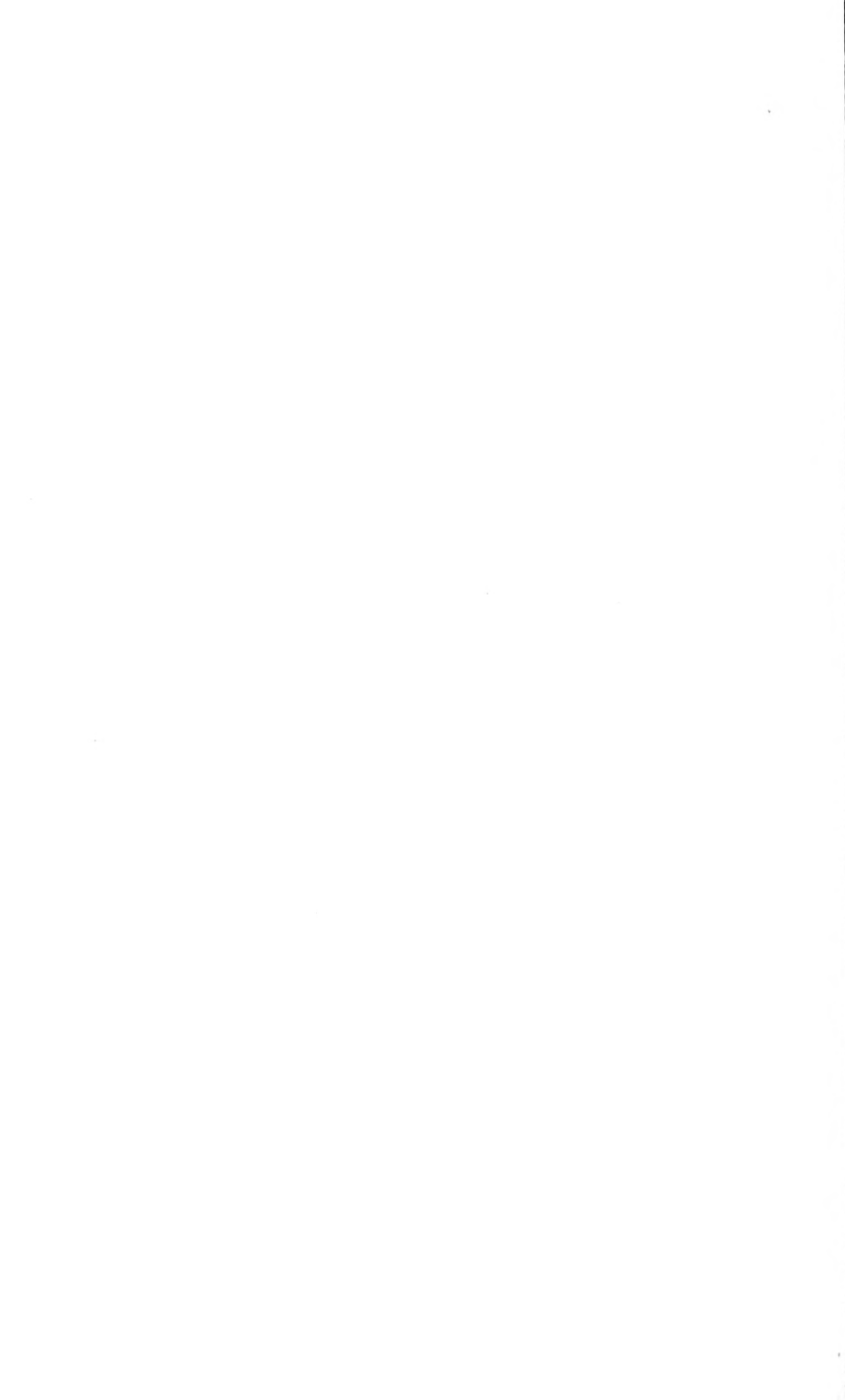
Como a esquadra já lanchas recebesse, (\*)  
Do ataque se viu chegada a hora,  
E para que alguns pontos guarnecesse,  
Outra columna forma sem demora:  
Costa e Silva a commanda, a quem o int'resse  
E o ardor pela causa já devora:  
Em San Sebastião a tropa estende,  
E este ponto importante ella defende.

Almeida Pimentel logo caminha  
Para a villa da Praia, onde se achava  
Corpo de voluntarios da rainha  
Que o valente Menezes commandava.  
D. Carlos Mascarenhas se encaminha  
Pela costa que então elle observava,  
Do inimigo estudando o movimento,  
Com valor militar, nobre ardimento.

(6) Cesar de Vasconcellos ergue a espada,  
Com o braço possante e valoroso,  
Que a torna tão temida, quanto ousada:  
Corre á villa da Praia pressuroso,  
Onde a esquadra inimiga é já postada;  
E, prestes, o seu braço generoso  
Elle une aos voluntarios da rainha,  
De quem, na espada, o nome escripto tinha.

Sempre heroica, immortal ilha Terceira,  
Baluarte sem par da liberdade!  
Em erguer seu pendão, sempre a primeira,  
Quer na presente, quer na prisca edade,  
Em abatel-o sempre a derradeira:  
Tua gloria tem d'ir á post'ridade!  
Para novas façanhas te prepara,  
Que farão tua fama nobre e rara.

E tu, pequena villa, mas formosa,  
Da Praia da Victoria, hoje chamada,  
Por teu vasto areal fresca e mimosa,  
Para gloria sem fim foste fadada,  
Que a outra tornaria orgulhosa;  
Corre ás armas, pois vaes ser atacada;  
Mas, oh terra immortal, prepara os louros  
Com que has de ser c'roada p'los vindouros.



# CANTO VI





## CANTO VI

D'onze d'agosto o memoravel dia  
Não vem de radioso sol ornado,  
Pois denso nevoeiro o encobria,  
E foi por grossa chuva iniciado.  
Prenuncio de catastrophe par'cia  
Que a hora do combate tem chegado:  
De um lado a tyrannia em anciedade,  
Do outro, franca e leda a liberdade.

Já o fragor das armas vae soando,  
Já se cruzam no ar os sons de morte,  
As intrepidas tropas vão marchando  
Para onde as aguarda a dubia sorte;  
Mas de vivas os ar's vão atroando,  
Que ellas soltam do peito com transporte;  
Alegre o coração lhes presagia  
Os feitos e a victoria d'esse dia.

Mui densa cerração fechava os ares;  
Forte o vento em tufões também soprava;  
Já não se enxerga a vastidão dos mares,  
Ninguém divisa a esquadra onde se achava;  
Confrangem-se as familias em seus lares;  
Mas instantes depois tudo mudava:  
Rasga-se o denso véo que a encobria,  
A chuva cessa, e vê-se claro o dia.

A esquadra vê-se logo d'Angra ao oeste;  
Ataque em San Matheus já simulava;  
Na mente, é outro o ponto a que ella investe,  
O que pouco depois se demonstrava.  
Sopra-lhe então um vento forte, agreste,  
Que p'ra leste da ilha a impulsava;  
E deixando a cidade onde pairou,  
Para a villa da Praia velejou.

A esquadra pelo vento soccorrida,  
Da Praia dobra o cabo velozmente,  
Mas sempre pela nevoa envolvida,  
Ella surge na Praia de repente.  
Como a nivea cortina fosse erguida,  
P'ra logo fôra vista claramente;  
E viu-se que aproando ella á bahia,  
Se dispunha ao ataque n'esse dia.

Então, Continho corre velozmente  
Á guarda principal que commandava;  
Á assemblêa se toca em continente;  
Cada um no posto seu se collocava;  
O p'riço encaram todos friamente,  
Mui nóbre audacia em todos se mostrava;  
Verdadeiros heroes da liberdade,  
Combatem com valor e lealdade.

Era a náó D. João Sexto a almirante:  
De vinte e duas velas é formada  
A esquadra com a náó na frente ovante,  
Da qual a entrada audaz foi admirada:  
Entranha-se no porto n'um instante,  
Por tres bellas fragatas apoiada;  
E já em duas linhas fundeando,  
Medonho fogo á terra vae mandando.

Mas não tinha inda a esquadra começado  
Esse fogo estrondoso que fazia,  
Já á náó Albuquerque tinha enviado  
Um tiro que lhe faz grossa avaria;  
O tombadilho fóra-lhe quebrado:  
Feridos ficam uns, outro morria.  
Uma banda formal fóra a resposta  
Á esse tiro que a deixa descomposta.

Era atroz e medonha a canhonada:  
Horridos, crebros sons o espaço atroam;  
Soffre a vista, ferida e assombrada  
Por fumo em novellões que o ar povoam:  
Crê-se ficar a villa soterrada:  
Lamentosos gemidos já echoam:  
Enviam centos de canhões a morte,  
Travando-se combate fero e forte.

Os bravos voluntarios não succumbem  
Em vista da terrivel canhonada;  
Duplicado ardor n'alma lhes infundem,  
Pois querem ver a patria libertada.  
Na fraca posição que lhes incumbem  
Mostram brio e audacia ilimitada.  
Com heroico valor, trabalho insano,  
Elles salvam a patria de um tyranno.

Pelas horas da tarde tres e meia,  
Nas lanchas já a tropa era embarcada:  
É a primeira columna que se estreia,  
E vem por Azeredo commandada:  
De vir da linha ao centro se arreceia,  
Onde fôra talvez bem desejada,  
E ataca d'improviso a ala esquerda,  
Onde é batida e soffre grande perda.

Na ala esquerda da linha o forte havia,  
O do *Espirito Santo* ali chamado;  
Era seu commandante n'esse dia  
O alferes Franco, n'elle estacionado;  
Sustentar-se mais tempo não podia,  
E foi por isso o forte abandonado:  
Era horrenda e lethal a canhonada,  
Que resvala da rocha alcantilada.

Entre este forte e o do Porto approaram  
As lanchas para onde aconmetteram;  
Com isto os defensores maravillharam,  
Pois nunca aquelle ponto defenderam,  
Que sempre inaccessible o julgaram,  
Por si mesmo defeso o suppozeram.  
A esquadra sobre a esquerda dirigia  
Fogo horrivel que as lanchas protegia.

Quaes maritimas aves carnicceiras,  
Pairando sobre as aguas, vão grasnando,  
E, com vistas vorazes e arteiras,  
As infelizes victimas fitando,  
E lançando-se já sobre as primeiras,  
Assim se vão lanchões arremessando  
Contra a Praia, onde as prezas desejadas  
Cuidam ver dentro em pouco estranguladas.

Corre logo da sexta companhia  
Alguma força co'a primeira unida:  
O audaz Sarmento que as commanda envia  
Um fogo tão activo, que em seguida,  
As lanchas co'o terror que as perseguia,  
E tendo já não pouca gente frita,  
Do *Espirito Santo* a direcção tomaram,  
Que debeis defensor's evacuarão.

Como vissem o forte abandonado  
Essas tropas rebeldes que atacavam,  
Foi de prompto por ellas occupado,  
E protegem os seus que ali saltavam:  
Então pelo penedo alcantilado,  
Com vagar e a custo alguns trepavam:  
Da montanha vencida a cumiada,  
A tropa liberal era cercada.

A ascensão feita assim pelo penedo,  
— Imagine-se tal difficuldade! —  
Era feita a occultas e sem medo  
De lhes ser descoberta a falsidade,  
Pois sómente o rochedo mudo e quedo  
Testemunha era ali de tal maldade;  
Em quanto esta manobra se tramava,  
Um vivissimo fogo os fulminava.

Mas foi-lhes o intento mallogrado,  
Pois logo descoberto aquelle engano,  
Pouco tempo depois de começado,  
Um troço de v'luntarios marcha ufano ( ? )  
Da serra por caminho declivado,  
E vencendo-a depois d'esforço insano,  
Encontram já ali trinta soldados,  
Que á baioneta são logo rechaçados.

Morrem uns e outros vão já retirando,  
Com quanto sejam forças desiguaes,  
Pois vão-nos d'este modo derrotando  
Ainda menos de trinta liberaes.  
«Victoria!» vão na serra já clamando  
Os poucos que se tornam immortaes:  
Os rebeldes vão já desanimando,  
E a Praia então começa triumphando.

No areal ao mesmo tempo se atacára  
Esse forte que foi já occupado,  
Depois que a guarnição o abandonára,  
Ao vel-o cruelmente metralhado:  
Já carga de baioneta o retomára;  
O inimigo ali fica derrotado.  
«Victoria á liberdade!» já clamavam  
Os bravos voluntarios que o tomavam.

De victoria esse grito retumbava  
Entre os vivos á *carta* e á rainha;  
Dos bravos voluntarios assomava  
Glorioso enthusiasmo em toda a linha;  
A causa liberal já triumphava;  
A esperança nos rebeldes se definha;  
Vendo então a derrota começada,  
Sua frente já curvam humilhada.

A este tempo, na Praia já entrava  
Villa-Flór co'a columna que ao meio dia  
Partira d'Angra, aonde aquartelava,  
Por caminhos ruins que ali havia:  
Então de todo já desalentava  
Da columna rebelde o que existia:  
Do monte sobre a base se lançava,  
Qual vulcão que os rebeldes fulminava.

Pelas lanchas bradavam os soldados,  
Entre as vagas e o fogo perseguidos,  
Da sorte e do valor desamparados,  
Uns quazi a expirar, outros mal fridos;  
Não poneos pelas ondas são levados;  
Todos largam as armas succumbidos;  
Alguns clemencia e compaixão rogando,  
Patronas ainda cheias vão mostrando.



Tambem alguns soldados granadeiros  
Do quinze, tendo as chapas escondidas,  
As mostram para, assim, de prisioneiros  
As graças já lhes serem concedidas;  
E todos nos extremos derradeiros,  
Nas almas generosas, bem nascidas  
Dos bravos voluntarios da rainha  
Acham a protecção que lhes convinha.

Horroroso era o quadro que se via!  
Centenares de mortos já boiavam  
Nas luctuosas aguas da bahia;  
Alguns co'a vaga irosa já lutavam,  
Que logo os arrojava á penedia;  
Sendo a morte p'ra uns, outros achavam  
A protectora mão que os ajudava,  
E que ao furor do mar es arrancava.

Rolando no areal alguns se viam,  
Debatendo-se ali co'a feia morte,  
Que em brados e gemidos já pediam,  
Lamentando o furor da sua sorte;  
Cruel, ardente sede elles sentiam,  
De momento a momento inda mais forte;  
Para outros findou este tormento,  
Que a vida lhes voou co'o sentimento.

Mil e duzentos, cil-os derrotados!  
Perto de quatrocentos, prisioneiros.  
Os mais, fridos em terra ou afogados,  
Quasi todos gigantes granadeiros,  
Escolhidos e bem disciplinados.  
Nem pára o infortunio nos primeiros,  
Pois outros inda pagam com a vida  
Tentativa maior, mais atrevida.

A primeira columna derrotada,  
Já chega ao inimigo o desalento;  
É muita a gente morta e aprisionada,  
E vê aproximar-se-lhe o momento  
De ficar sua empreza mallograda,  
Frustrado sem remedio o seu intento.  
De D. Gil, de Azeredo a crua sorte  
Já os deixa no campo com a morte.

Aos bravos voluntarios tão sómente  
—Nem tal gloria lhes póde ser negada—  
Se deveu a derrota d'essa gente  
Que compunha a columna já tomada:  
Toda a gloria portanto, e gloria ingente,  
Coube a essa legião tão laureada,  
Por feitos immortaes e grandiosos,  
Que fazem os valentes invejosos.

Mallograda a primeira tentativa  
D'essa forte columna derrotada,  
A esquadra com audacia vingativa  
Outra intenta, com força inda embarcada.  
Devêra ser cruel e afflictiva  
A sorte d'essa gente desesperada,  
Vendo o quadro tão triste e miserando  
Que o theatro d'essa acção lhe vae mostrando.

Em dezoito lanchões que já partiram  
Vem a nova columna fluctuando;  
Uma escuna e seis barcas os seguiram,  
Que os protegem e vão-nos escoltando:  
Os signaes de terror não lhes mentiram,  
Que no rosto e no gesto os vem mostrando:  
Todos vêem já no mar a sepultura,  
E em terra não esperam mais ventura.

Remando para o centro da bahia,  
A flotilha de lanchas apontava;  
Medonho fogo a esquadra então fazia,  
Com que os protegia e animava.  
Das barcas e da escuna que as seguia  
Notando-se o terror que os retardava,  
Por portavozes, avançar mandavam,  
Mas sempre lentamente caminhavam.

Quando eram já a tiro d'espingarda.  
 Dispara Villarinho (8) um bom canhão,  
 E a bala mette a pique o da vanguarda;  
 E tendo a mesma sorte outro lanchão  
 Que cobre do primeiro a retaguarda,  
 De tal modo reinou a confusão  
 N'outra lancha que vai logo em seguida,  
 Que ali fica também já submergida.

Esta scena cruel inopinada  
 Aterra esta flotilha, e já retira,  
 Procurando a esquadra, inanimada,  
 Por quanto se este alvitre não seguira,  
 Ficará como os outros abysmada;  
 E em tal caso prefere expor-se á ira  
 Dos da armada que estão desesperados,  
 Por verem seus projectos mallogrados.

Mas que quadro tão triste e doloroso,  
 De acerbo horror aos olhos se mostrava!  
 Um fim cruel, medonho e nada honroso  
 Essa gente infeliz no mar achava!  
 Alguns no campo buscam arenoso  
 A vida então salvar que se exhalava.  
 Que horrivel espectáculo o dos fridos,  
 Cortando os corações com seus gemidos!

Mais froxo e compassado fôra ouvido  
O fogo que da esquadra se fazia;  
Ferido está d'espanto e succumbido  
Quem á morte poupado já se via,  
Que o numero dos mortos foi subido,  
Como dos vivos fôra a ousadia:  
Seu furôr viu-se em pejo transmudado,  
Por ser mais este ataque mallogrado.

A noite condoida do que víra,  
Cõbria já a terra com seu manto;  
Uma granada então se dirigíra,  
Que a esquadra temerosa enche d'espanto  
E recebendo segunda, concluíra  
Correr risco, e o medo sobe a tanto,  
Que cortando as amarras, já seguia,  
Velejando p'ra longe da bahia.

Quando a villa da Praia triumphava,  
Pelos bravos que ali vão combater,  
E o grito de —victoria!— retumbava  
Entre a força que soube ali vencer,  
A alegria, o prazer que então reinava  
Imagine-o, se póde, quem quizer,  
Como o d'Angra ao receber a novidade  
De ter já triumphado a liberdade!

Dos bravos que luctaram n'esse dia,  
 Com rasgos de valor inexcedivel,  
 Os nomes imprimir desejaria,  
 Mas de todos, me fôra isso impossivel.  
 Qualquer primou então em valentia  
 N'essa lucta cruenta e assaz terrivel;  
 Mas Menezes, Brandões <sup>(9)</sup> e Pimenteis  
 A par dos voluntarios tem laureis.

Entretanto quem não lamentaria  
 —Muito embora a esquadra derrotada  
 Trouxesse aos liberaes justa alegria—  
 Esta guerra cruel desapiedada,  
 Que envolve portuguezes n'esse dia,  
 Filhos da mesma patria enluctada?!  
 Não sei se n'esta lucta fraticida,  
 Chore a grey que venceu com a vencida.

Findou assim o dia aurifulgente,  
 O de mais gloria á causa, por em quanto,  
 Que faz admiração a toda a gente,  
 Que o mundo deslumbrou com pasmo, e tanto,  
 Que o gravou na memoria eternamente,  
 Pois tão alto heroismo causa espanto!  
 Jamais podem riscar-se da memoria  
 Os que a si e á patria deram gloria!

Já Villa-Flôr, em doze, então marchava,  
Trazendo os prisioneiros p'r'a cidade;  
Em treze, o nobre conde ali chegava,  
Onde o esperavam já com anciedade;  
Ao recebê-lo essa Angra que exultava,  
Saudava o general e a liberdade:  
Repiques, salvas, vivas, luminarias,  
Festejavam acções nobilitarias.

D'onze d'agosto o dia immortal,  
Não só p'r'aquella ilha denodada,  
Mas p'ra todo o partido liberal,  
Deu á rainha a c'roa desejada,  
E trouxe a liberdade a Portugal;  
Foi elo da cadeia começada  
De prodigios que vencem o tyranno,  
Parecendo exceder poder humano.

Colhido aquelle feito glorioso  
Para a nossa tão chara liberdade,  
Toma a ilha um aspecto mais pomposo;  
Já se juntam mais tropas na cidade;  
Torna-se o baluarte mais pod'roso ;  
Já dos bravos augmenta a quantidade :  
Afluiram então mais emigrados,  
Que são alegremente festejados.

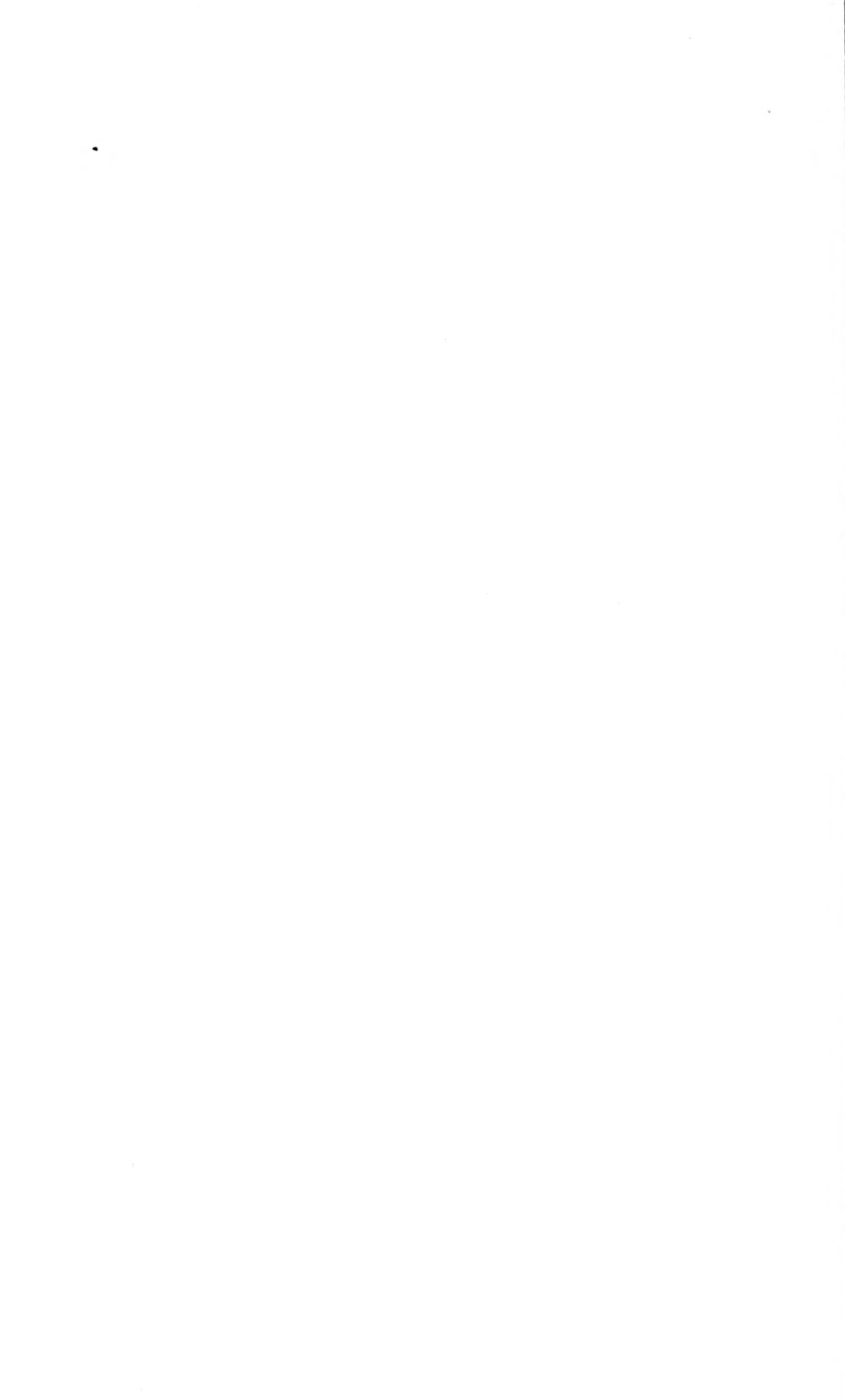
Nas aguas dos Açores inda se via  
A esquadra, pois não tinha retirado,  
Já uma escuna ingleza conduzia  
D. Antonio de Mello (<sup>10</sup>) logo enviado  
A Londres com officio que instrua  
Palmella, d'esse dia laureado.  
Á rainha tambem foi dirigida  
Noticia d'essa acção ali vencida.

Ao receber tal nova auspiciosa,  
Lágrimas de prazer ella vertia,  
E essa acção brilhante e gloriosa  
Ao conde, á guarnição, agradecia;  
Julgando-se feliz e até vaidosa,  
De á nação presidir, em que ella via  
Acção de tal valor, que supplantava  
Quantas ella na historia admirava.

Era em Falmuth então que ella se achava;  
P'ra o Rio de Janeiro ella seguiu,  
Pois o ministro inglez lhe denegava  
A interf'rencia que então não conseguiu,  
Por isso que D. Pedro se negava  
A dar a filha ao infante que o trahiou.  
Já da princeza Amelia em companhia,  
Para o Rio de Janeiro ella seguia.



QNO III



## CANTO VII

Obter D. Pedro Quarto não podia,  
Que d'Inglaterra a cõrte e a de França,  
Onde influencia imiga se exercia,  
Lhe dessem pelo menos a esperança,  
Do que elle para a filha lhes pedia,  
Embora com bem pouca confiança:—  
A filha queria ver reconhecida,  
Negando a condição que era exigida:

Fôra essa condição o casamento  
Do infante D. Miguel com a rainha,  
No que a Austria igualmente então convinha  
Co'o mais amplo e completo assentimento.

Por taes razões D. Pedro resolvera  
Nomear logo em seu nome uma regência,  
À qual justo dever elle impozera,  
De respeitar, de ter toda a defrença  
Pela *carta* d'abril que á nação dera,  
A Palmella deu logo a presidencia;  
Fez vogaes:—Villa-Flôr, doutor Guerreiro:  
Secretario:—Mousinho— o engenheiro.

Muito mal ia tudo aos emigrados,  
Pois que guerra implacavel recebiam  
D'aquelles gabinetes colligados,  
Que toda a liberdade combatiam:  
Mas vieram esses dias não esperados  
Da semana de julho, que floriam  
A arvore immortal da liberdade,  
Que definhava então em tenra idade.

A estirpe dos Bourbons tinha caído,  
A estrella d'Orleans já radiava;  
O despotismo via-se abatido,  
O astro da liberdade fulgurava;  
O partido d'escravos era frido,  
E o dos homens livres triumphava:  
Então por toda a Europa reluzia,  
O astro que da França renascia.

A regencia que d'antes caminhava,  
Mas com passos incertos, vacillantes,  
Voz mais clara, mais livre levantava,  
E serviços fazia mais prestantes;  
Em libertar as ilhas já pensava,  
E em outras medidas importantes.  
Fracas embarcações então se armaram,  
E tropas para as ilhas se embarcaram.

Era esse Villa-Flôr que as commandava,  
E a pequena esquadilha velejando,  
Á ilha do Fayal se encaminhava;  
Á vista d'esta, o mar encapellando,  
Uma parte das lanchas derrotava:  
E a flotilha indo logo destroçando,  
Em um porto do Pico então surgiu,  
Onde entrou, e onde nada resistiu.

Fagueira e leve briza aproveitando,  
Do Pico p'ra San Jorge navegaram,  
E fraca resistencia encontrando,  
Em pouco tempo, ali desembarcaram;  
A uma legua das Vellas já estando,  
Com a força maior ali toparam:  
Em forte tiroteio logo empenhados,  
São n'uma hora os rebeldes derrotados.

Algumas peripecias e incidentes  
Demoram a tomada do Fayal,  
Onde é grande o partido liberal,  
Onde estão opprimidos, descontentes,  
Mas toda a reacção fôra ideal;  
Um dia seus desejos tão ardentes  
Poderam alcançar serem c'roados,  
E abraçam—sem um tiro—os emigrados.

Da ilha Graciosa os habitantes  
Na patria idéas livres proclamaram,  
Abençoando a hora, esses instantes,  
Em que ali taes idéas triumpharam;  
Tambem das Flôres e Corvo os habitantes  
Livres as suas terras já tornaram.  
Do poente as ilhas, eil-as libertadas  
E não poucas vantagens alcançadas.

Esta empreza, estas glorias conseguidas,  
A expedição voltou á ilha Terceira,  
Aonde as tropas foram acollidas  
Com affeição sincera e verdadeira;  
E receberam c'rôas merecidas,  
N'essa lucta de gloria tão inteira.  
Já trazem quatrocentos prisioneiros,  
Munições, armamentos e dinheiros.

Não eram taes vantagens tão sómente  
As que a ilha Terceira festejára;  
Outra causa se deu assás potente,  
Pela qual igualmente ella exultára;  
Pois essa expedição a faz sciente,  
De que Pedro, em seu filho abdicára:  
Que para a Europa havia já partido,  
A proteger a filha decidido.

Vencer com tudo empreza inda faltava,  
Que augmente a insulana liberdade:  
Libertar San Miguel inda restava,  
Mas fôra grande o obstac'lo na verdade!  
Já forte guarnição ali se achava,  
Que defendia os campos e a cidade:  
Nas aguas d'essa ilha fluctuavam  
Dois navios, que então a vigiavam.

Em dois brigues, em guerra então armados,  
E alguns outros transportes, mas mercantes,  
Partiram contingentes commandados  
P'lo bravo Villa-Flôr, que em taes instantes,  
Muito augmenta o valôr aos seus soldados,  
Pois brilham n'elle glorias importantes:  
Eil-os que desembarcam na Achadinha.  
Dando vivas á *carta* e á rainha.

P'la rocha alcantilada vão trepando  
Os bravos da valente expedição;  
P'la mesma os inimigos vão roíando  
Pedras a disputar-lhes a ascensão;  
Mas foram d'ali sempre retirando,  
Pois medo lhes impõe a invasão:  
Dentro em pouco a vanguarda liberal  
Marchava pela estrada litoral.

Para a cidade já se encaminhava,  
Quando força inimiga ella avistou,  
Que da Ribeira Grande destacava,  
E que ella bem depressa derrotou.  
Outra força depois ella encontrava,  
Que melhor sorte não experimentou.  
A força liberal, sempre marchando,  
À *Ladeira da Velha* ia chegando.

A altura d'este ponto era occupada:  
Tres mil homens, com muita artilheria,  
N'aquella posição avantajada,  
Era a força que então a defendia;  
Pelo mar estando ella flanqueada,  
Tem na frente profunda penedia:  
Tal ponto não podéra ser vencido,  
Se com bravura fôra defendido.



Mal são os liberaes já avistados.  
Rompeu um vivo fogo em toda a linha  
Dos rebeldes ali acantonados,  
Sobre as valentes tropas da rainha:  
Os bravos eil-os logo enthusiasmados.  
Como em tão arduo ensejo lhes convinha.  
Dentro em pouco os rebeldes repellidos,  
Já deixam muitos mortos e feridos.

Da força liberal então reunida  
Marchava uma columna sobre a serra,  
A tomar já de flanco a que é batida;  
Esta que da manobra já se aterra.  
Chama a si grande força, e logo unida,  
Sustenta um fogo vivo, estruge a terra;  
A força liberal, então cortada,  
Á carga de baioneta é libertada.

Ordena Villa-Flôr que á linha inteira  
Se dê então ataque decidido  
Com toda a força vinda da Terceira;  
E tendo fortemente accomettido,  
Com tropa tão audaz e tão ligeira,  
O imigo por tal modo perseguido,  
Acossado, em completa debandada,  
Já deixa da cidade livre a estrada.

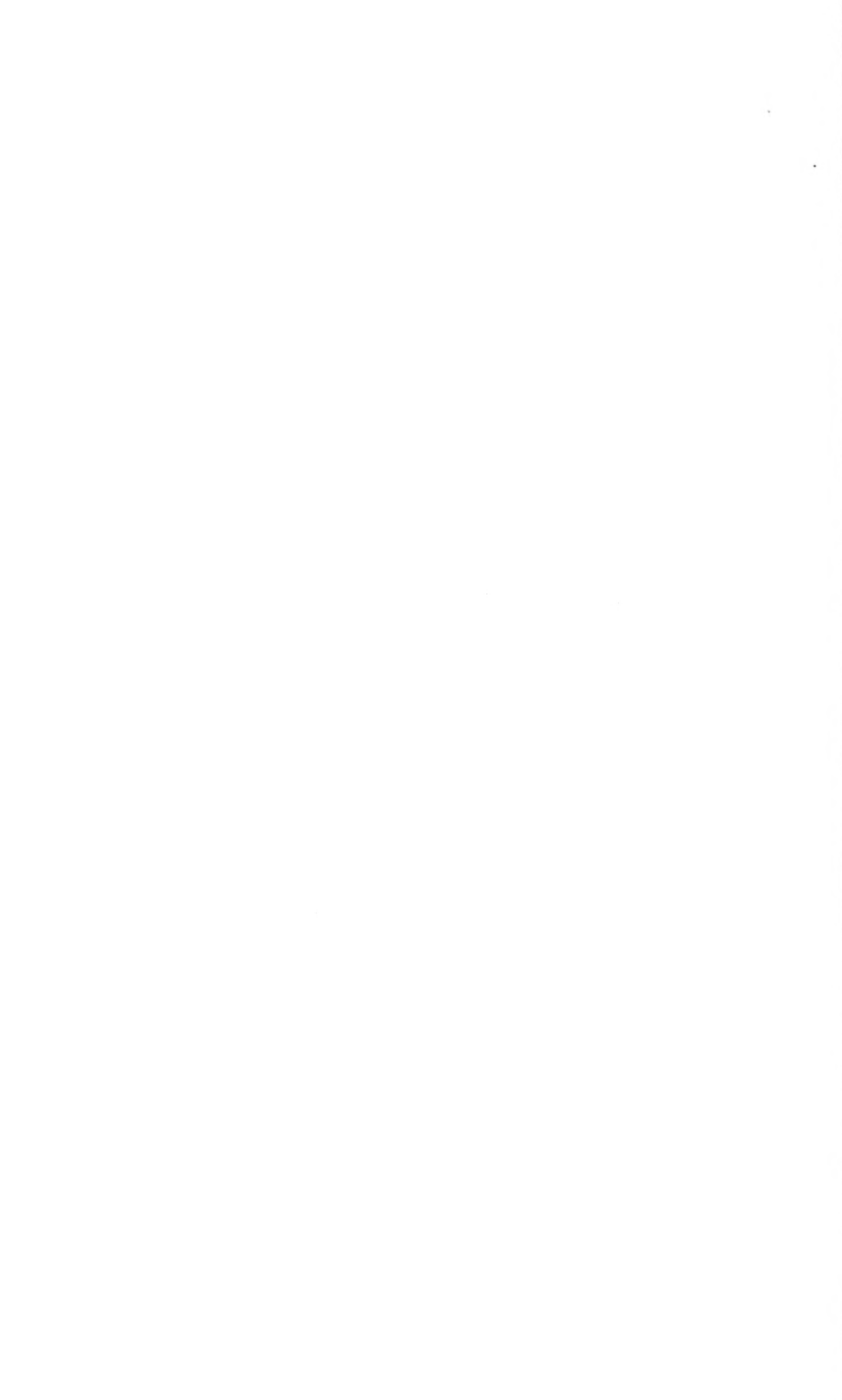
Ali os liberaes se revoltavam,  
Já proclamando a carta e a rainha;  
Toda a sorte das armas ignoravam,  
E arrancam as espadas da bainha,  
Sem saberem que os seus já triumphavam,  
Os rebeldes batendo em toda a linha.  
Já em Ponta Delgada a força entrava,  
E uma ilha importante libertava.

A este tempo a regencia confiada  
Na altura que D. Pedro attingia,  
Resolveu enviar-lhe uma embaixada,  
Mostrando a situação em que se via;  
E outra por quem foi felicitada  
A rainha, por ter chegado o dia  
De já na Europa a ver o seu partido,  
Ao seu thrôno a eleva-la decidido,

Já a regencia então mais animada,  
Úteis leis e medidas decretava,  
Pelo que bem melhor era julgada,  
Melhor acolhimento ella encontrava.  
Já moeda de cobre era cunhada  
Da qual a ilha muito precisava.  
Das juntas, do senado, decretou  
Úteis leis, com as quaes se acreditou.

As armas da rainha vencedoras  
Na difficil campanha dos Açores,  
Esperanças vem dar animadoras  
Da causa liberal aos defensores;  
Mas tambem decepções aterradoras  
Do despotismo soffrem os fautores,  
Que no gráo mais subido exasperados,  
A mais torpes violencias são levados.

E, no entanto, sempre descuidoso,  
Sempre entregue aos prazeres, e violento,  
Tornando o luso povo desditoso  
E o seu partido mais sanguisedento;  
Seguindo o mau conselho e ruinoso,  
Despresando do Estado o andamento,  
D. Miguel e os ministros só cuidavam  
No augmento da fôrça que criavam.



# CANTO VII



## CANTO VIII

Do Brazil já D. Pedro retirado,  
Em Cherburgo elle então desembarcava;  
Depois d'isso, eil-o todo dedicado  
Á idéa tão feliz que o dominava;  
Com esforço constante, illimitado,  
Tudo elle n'um momento superava;  
Contrahido um emprestimo valioso,  
Ao fim caminha nobre e generoso.

Já percorre da França muita terra;  
P'la Belgica tambem elle caminha,  
E vae mais de uma vez a Inglaterra,  
Como n'estes negocios lhe convinha;  
Tudo com perspicacia considera  
Que já possa ser util á rainha;  
Finalmente em Belle-ile elle embarcando,  
Á Terceira se foi encaminhando.

P'lo tempo o desembarque então vedado,  
N'essa briosa ilha que demanda,  
Mudando o rumo, assim contrariado,  
Seguir a San Miguel já elle manda;  
Em breve viu-se ali desembarcado,  
Onde em bellico afan já tudo anda;  
Com grande enthusiasmo recebido,  
Por todos foi saudado o rei tão qu'rido.

Oito dias que ali se demorou,  
Em tudo inspeccionar são empregados,  
Em tudo ver, saber; não descansou;  
Prepara já, reanima os seus soldados,  
E revista os quartéis que visitou;  
Com ardor elle emprega mil cuidados;  
E grato a recepção tão lisongeira,  
Despede-se, embarcando p'ra Terceira.

Por sobre mil e oitocentos annos  
Trinta e dois v'ões novo se'lo contava;  
Data sempre indelevel aos tyrannos!  
De março o dia tres então brilhava,  
Dia sempre mui grato aos insulanos,  
Em que o rei liberal desembarcava  
N'aquella muito heroica ilha Terceira,  
Em lealdade e valôr sempre a primeira.



Este dia aos tyrannos não esquece,  
Porquanto essa lição lhes foi fatal,  
Nem ao mundo illustrado que a estremece,  
Por ser de rei sublime e liberal,  
De gratidão o peito elle enternece  
Dos filhos da Terceira, ilha immortal;  
Lembrado ficará eternamente  
No livre coração de toda a gente.

Com o sangue dos martyres gravado  
Para sempre elle está na lusa historia,  
Nos fastos da Terceira eternisado,  
Co'a mais acrisolada e ufana gloria,  
Pois que vira d'est'arte coroadado,  
E como em tempo algum houve memoria,  
O valor, o heroismo, a lealdade,  
Que ennobrecem a patria e a liberdade!

Impavida fragata já chegava,  
Trazendo o nobre duque de Bragança,  
E a todos co'a presença elle inspirava  
Valor, resignação e doce esperança:  
Que dia de prazer! Angra exultava,  
Com ardor, energia e confiança!  
Foi linda a recepção, foi estrondosa,  
Como fôra a visita gloriosa.

D. Pedro assume então logo a regencia,  
Naquelle mesmo acto declarando:—  
Que todo o seu poder, sua influencia,  
E seus esforços todos empregando,  
Só deseja juntar e sua annuencia  
Ao esforço começado e venerando,  
P'ra sua augusta filha entronisar.  
E a *carta* aos portuguezes ver gozar.

Sabias leis foram logo promulgadas:  
Extinctas as milicias e ordenanças:  
Muitas praças são logo amnistiadas,  
Outras sentem no peito as esperanças,  
E são benignamente perdoadas:  
Às tempestades seguem-se as bonanças,  
Reluz mais segurança e liberdade,  
E respeita-se mais a egualdade.

No entanto vão chegando os emigrados  
E outros contingentes que se achavam  
Em paizes da Europa contratados  
E que as tropas na ilha reforçavam:  
Já varios corpos são organisados:  
O pessoal e os meios augmentavam.  
Chegaram logo mais notabilidades,  
Que defendem as patrias liberdades.

D. Pedro foi então sempre incansavel  
No arranjo das cousas necessarias  
A essa expedição tão admiravel!  
Elle desce ás minucias ordinarias,  
Mostrando, em tudo, um zêlo inimitavel:  
A attenção já divide em cousas varias:  
Visitando os quartéis, louva o soldado,  
Que é activo, zelozo e dedicado.

Vêm vindo do estrangeiro armamentos ;  
Não se dorme, anda tudo em viva acção;  
Vêm tambem munições, vêm fardamentos,  
Tudo, em fim, que é preciso á expedição.  
No Fayal não se perdem os momentos,  
Tambem se activa muito a construcção  
De barcos que D. Pedro ali criou,  
A expensas de habitantes que louvou.

Um emprestimo forte e valioso  
Em San Miguel D. Pedro effectuou,  
Sendo Silveira o homem prestimoso,  
Que mais tarde a rainha premiou;  
Medeiros teve um titulo honroso;  
E a Borges tambem ella elevou;  
E n'esta ilha outros muitos cavalheiros  
Se honraram por servigos verdadeiros.

San Miguel foi das illhas a escolhida  
Para então ponto ser de reunião  
D'essa tropa tão brava e aguerrida,  
Preparada para essa expedição;  
Já disposta e ali toda reunida,  
De partir é chegada a occasião  
A esses bravos distinctos no valôr.  
Em que brilha amôr patrio com ardôr.

Viram-se finalmente preparados  
Sete mil e quinhentos combatentes,  
Á rainha e á *carta* dedicados,  
Aguerridos, nem todos, mas valentes,  
De patrios brios todos inspirados,  
Altamente animados e contentes;  
Verdadeiros heroes da liberdade.  
Distinctos por seus feitos n'esta idade.

No campo do Relvão todos reunidos,  
Formados em parada magestosa,  
Ouviram uma missa fervorosa,  
Na qual ardentes votos dirigidos,  
Em oração penitente e piedosa,  
São logo á Divindade; protegidos  
Pedem que sejam logo seus esforços,  
Que á patria sejam elles gloriosos.

Terminado o dever religioso,  
Tão louvavel, magnanimo e imponente,  
Amargo pranto corre em muita gente  
Que vê este espectaculo grandioso;  
D'ali todos marchando em continente,  
Terminado aquelle acto tão pomposo,  
Embarcam nos baixéis que os enviaram  
À patria que mais tarde libertaram.



# CANTO IX





## CANTO IX

Eil-os surgindo já nas aguas do Mindello  
Da esquadra de D. Pedro impavidos baixeis,  
Foi-lhes propicio o vento e o tempo ameno e bello,  
Aos bravos Deos protego e tece-lhes laureis.

Nas praias do Mindello eil-o desembarcando  
O exercito audaz, que foi libertador,  
De victoria em victoria o mundo assombrando,  
A patria a libertar com insigne valor!

Dez dias decorridos de prospera viagem,  
De seis horas no espaço em terra são formados;  
A cada um dos bravos sorria-lhe a miragem  
De abraçar a familia nos lar's desejados.

Já das tropas postadas do rio Douro ao norte  
 A linha pelo centro então se vê cortada;  
 De abandonar o Porto a esquerda teve a sorte,  
 E a sua ala direita foge em debandada.

Em menos de quarenta e oito horas  
 Estava o Minho limpo dos rebeldes  
 Que n'aquella provincia estacionavam,  
 E a sua capital posta em defesa;  
 Já ao norte do Douro lenga base  
 De uteis operações era lançada,  
     Sobre duas provincias,  
 E tomada a offensiva ao sul do rio;  
 E tudo isto alcançara o nosso exercito.  
     Sem perda de um só homem!

Caçador's dois e tres são os primeiros  
 A marchar sobre o Porto e ali entram,  
 No meio de freneticos applausos,  
 De vivas e geraes felicitações  
 Do povo que venera a liberdade.  
 Era meio dia entrava na cidade,  
 A' frente da legião libertadora,  
     O immortal D. Pedro,  
 Entre demonstrações de tanto jubilo,  
 Fervorosas, leaes e tão sinceras,

Que imprimiram de certo áquella marcha  
     Caracter de triumpho;  
 Pois taes aclamações. tanta alegria  
     Com que são recebidos,  
 Excedem quanto pode imaginar-se.  
 Mal entrou a vanguarda do exército  
 Que a patria voa então a libertar,  
 Correram liberaes á praça-nova,  
 E fazem destruir esses patibulos,  
 Nos quaes, por quatro annos successivos,  
 Sacrificaram victimas da honra,  
 De principios leaes. da liberdade,  
 Aos odios e caprichos de tyrannos,  
 Ao fanatismo de juizes ignaros.

Na mesma occasião se libertaram  
     Os presos por politica,  
 E a ira do povo contentou-se  
 Tão sómente em cevar suas vinganças  
     No sangue dos verdugos,  
 Que nas execuções tinham mostrado  
 A mais vil e brutal ferocidade,  
 Das victimas gravando o soffrimento,  
 Insultando até mesmo os seus cadaveres.

Dos paços do concelho. aonde entrara,  
 Se recolheu D. Pedro á residencia,  
 Que já lhe havia sido preparada,

Pelo povo seguido em multidão,  
 Que, saudando-o, lhe chama pai da patria,  
 Restaurador das lusas liberdades,  
 Dando vivas á carta e á rainha,  
 Sua extremosa filha.

De julho em vinte e dois e vinte e tres,  
 Os dois fortes combates já se ferem  
 Que dão principio á guerra tão cruenta.  
 As forças inimigas que ao comêço  
 O Douro têm passado divididas,  
 Unindo-se, reforços já recebem,  
 Repassando esse rio para o norte,  
 E tentando cortar então os nossos,  
 A fim de reganharem logo o Porto.  
 Tomam então a estrada d'Amarante,  
 E por ella seguindo vão postar-se  
 No chamado local:—Ponte Ferreira,—  
 Tendo antes avançado uma vanguarda  
 Até Pennafiel.

Como fosse a manobra descoberta,  
 Ao despontar do dia vinte e dois,  
 Os nossos avançaram, e fizeram  
 Seu reconhecimento com denodo,  
 Encontrando as vedetas inimigas  
 A' entrada de Vallongo.  
 Travou-se já combate n'este dia,  
 Sendo logo os rebeldes repellidos.  
 Marchando então de prompto o nosso exercito,

Soccorre a valentissima vanguarda,  
 Travando-se combate então geral,  
 Que rompe em vinte e tres pelo meio dia,  
 E dura até á noite.

Os rebeldes então desalojados  
 De suas posições, com grandes perdas,  
 Desde Ponte Ferreira até Baltar,  
 Retiram-se em completa debandada,  
 Parando em Amarante.

Dos liberaes quantos entram n'esta acção  
 De assignalada gloria ao nosso exercito,  
 Mostraram valentia inexcedivel,  
 Incluindo-se mesmo officiaes  
 Alistados a prol da liberdade,  
 E fazendo serviço de soldados,  
 Em breve corpo, d'elles só composto.

Desde o seu desembarque no Mindello  
 Até fins de setembro, o nosso exercito  
 Esteve em vigorosa defensiva,  
 Exhausto de recursos p'ra atacar.  
 Assaltado foi elle immensas vezes,  
 Mas sempre fortemente repellidos  
 Foram seus contendores.

No dia vinte e nove de setembro,  
 Por ser de S. Miguel dia festivo,  
 Extenso e forte ataque elles tentaram,  
 Mas co'o mesmo vigor e valentia,  
 São logo em toda a parte repellidos,

Mostrando bem os nossos *invencíveis*  
Quanto mais vale o ardor da liberdade,  
Do que louco furor de um despotismo,  
De todo o ponto atroz e barbaresco.

---

Em toda esta crise melindrosa,  
Luctando a escravidão co'a liberdade,  
A patria pronuncia, e orgulhosa,  
Um dos nomes mais nobres d'esta idade:

É D. Pedro immortal, astro brilhante  
Que dá luz como o sol da liberdade,  
Que dá vida e vigor sempre constante  
A' livre ileia, sacratio da verdade.

Sempre incangavel foi elle o primeiro  
A arrostar o perigo onde apparece,  
Caprichando em dizer-se o primo obreiro  
D'esse templo que a patria ennobrece.

Onde rompe o fogo, eil-o que já corre  
E anima co'a presença os seus soldados,  
Cresce sempre a coragem, nunca morre,  
Do inimigo os esforços são baldados.

As linhas diariamente visitando,  
Tudo vê, examina e delibera;  
Como chefe e soldado militando,  
Se mais campo tivera, mais corrêra.

O p'riço por taes modos elle encara,  
Nos combates mostrando tanto interesse,  
Que, por mais de uma vez, se lhe impetrara,  
Que a causa com a vida não perdesse.

---

Os mais notaveis feitos militares  
De nossas bellas tropas,  
No mez immediato praticados,  
Ali contra os rebeldes,  
Viram-se nos combates contra a *Serra*,  
Mas que ellas repelliram vivamente  
Com valor e constancia surprehendentes.

Um combate naval tambem se friu,  
Que tivera logar entre Sartorius  
E essa esquadra infeliz de D. Miguel,  
Que, por segunda vez, foi obrigada,  
Depois de uma derrota vergonhosa,  
A no Tejo ir buscar seguro abrigo.

Em Londres, com vigor se procedia  
 A mais recrutamentos e empréstimos,  
 À conta do partido liberal.  
 Lisboa viu partir, no mesmo tempo,  
 D. Miguel co'as infantas para o norte;  
 A este passo o obrigaram conselheiros,  
 Que pensam que, apparecendo ás suas tropas,  
 Iria porventura elle inculir-lhes  
 Mais constancia, mais brio e mais valor;  
 Porquanto a desventura os perseguira  
 Em todas as empresas que tentaram.  
 Mas nada lhe valeu esse conselho,  
 Pois fôra theatral sua presenca,  
 Indo elle acaatonar-se então em Braga,  
 Raras vezes saindo d'esse ponto,  
 Sem jamais arriscar sua existencia  
 No campo da batalha, junto ás forças.

Era o mez de novembro d'aquelle anno:  
 Um acto memoravel de D. Pedro  
     Tivera então lugar.  
 Mandou chamar ao Porto os emigrados,  
 Espalhados ainda pela Europa,  
 Aonde, a seu pezar, os detivera  
 Politica mesquinha e miseravel,  
 Causando-lhes desgosto bem amargo  
 Não poderem volver á cara patria,  
 Ou, por melhor dizer, á parte d'ella  
 Que estava então lutando heroicamente,



Contra todo o furor da usurpação.  
 Tal ideia foi p'ra logo recebida  
 Co' o mais ardente jubilo do exercito,  
 Junto aos votos unanimes do povo.  
 Entre esses emigrados foram Stubbs,  
 Leão Cabreira e o Conde de Saldanha,  
 Generaes consid'rados e distinctos,  
 Da graça de D. Pedro descahidos.  
 Conde de Villa-Flôr não satisfeito,  
 Depois d'essa derrota desastrosa,  
 Que tristemente viu Souto Redondo,  
 Pediu a demissão, que lhe foi dada,  
 De commandante em chefe do exercito,  
 Com o grau de tenente general,  
 O título de duque da Terceira,  
 E, em bens nacionaes, a grande offerta  
     De cem contos de réis.  
 Mas antes que os distinctos generaes  
 Chegassem a pizar terra da patria,  
 Havia-se engajado Solignac,  
 P'ra o commando tomar do nosso exercito.

Ao Porto felizmente eil-o chegado,  
 Onde entrou em vinte oito de janeiro,  
 O muito nobre conde de Saldanha,  
 Que teve recepção affectuosa  
 Do povo e maioria do exercito,  
 Que fez justiça ás civicas virtudes,  
 Ao saber tão provado, incontestavel,  
     Do illustre general.

Havia já chegado Solignac,  
Que em chefe commandava o nosso exercito.  
No dia vinte e quatro d'esse mez,  
Quiz elle começar suas façanhas,  
E logo erros commette infelizmente.  
Do Crasto o monte toma n'esse dia.  
Mas não lhe conhecendo a importancia,  
Naquelle mesmo dia o abandona:  
Erro crasso, depois tão comprovado,  
Origem de transtornos inauditos,  
E maior's, a não ser depois Saldanha,  
Que uma parte do mal inda evitou.

Co'a chegada dos bellos generaes,  
Tres corpos fez então do nosso exercito:  
O primeiro deu elle a Villa-Flôr;  
Saldanha fôra o chefe do segundo,  
E o terceiro, composto d'estrangeiros,  
A Stubbs, general, foi confiado.  
Cabreira inspeccionava artilheria.

Tinha sido o governo descuidado,  
Despresando do Porto o provimento:  
Em fevereiro a fome era sentida,  
Flagello aterrador da humanidade,  
Que de dia para dia já crescia,  
Mostrando-se horisonte horrendo e triste.

N'este apuro cruel que não se occulta,  
Para o dia quatorze é convocado  
Por D. Pedro um conselho militar,  
Ao qual elle preside, e é composto  
De Solignac e chefes dos tres corpos,  
Que formam divisões do nosso exercito,  
Assistindo tambem, junto a D. Pedro,  
Da guerra o seu ministro.

Então este fez ver que mantimentos  
Para dez dias só ali havia;  
Vinte e quatro mil homens os cercavam;  
Sete mil e setecentos era a força  
Com que o Porto sómente então contava.  
O plano de Saldanha foi prefrito  
Aos outros no conselho apresentados,  
E a todos pareceu ser elle o unico  
Que podia adoptar-se em tal ensejo.  
Mas qual não foi o espanto e a surpresa,  
Ao ouvir-se Solignac que dizia:—  
Faltarem munições sufficientes  
Para aquelle projecto emprender-se,  
Pois cidenta cartuchos era o maximo  
Que p'ra cada soldado então havia!!!...  
Ficou este projecto invalidado  
Pela incuria espantosa do governo,  
Mas provou militar capacidade  
Do conde, sua audacia e valentia.  
Quatro dias depois d'este conselho,  
O commando era dado ao gran Saldanha,  
E a direcção das tropas e defesas  
Da linha de Lordello até ao mar,  
Da Foz comprehendido o seu castello.

Igualmente o commando se lhe dera  
Do terceiro districto d'essa linha,  
Que o brigadeiro Brito commandava.  
Sem perder um momento, cuidou logo  
Em da Foz defender então a estrada  
Por negligencia ou por crassa ignorancia,  
A ponto de nos ser quasi tomada.  
As bellas posições logo elle escolhe,  
Chamadas: *Pastelleiro* e do *Pinhal*,  
Em que fez construir fortes reductos,  
Da mais incontestavel importancia,  
Que ninguem até ali lhe conhecêra,  
Nem mesmo Solignac.

Com elles se emendou quanto possivel  
O erro que este tinha commettido.  
De haver do Crasto o monte abandonado,  
Cuja posse da parte dos rebeldes,  
Sem as obras do conde de Saldanha,  
Nos teria cortado, em poucos dias,  
As nossas relações com toda a Foz.  
Do conde aquella sabia operação,  
Por tal modo firmou seu justo credito,  
Que desde aquelle dia se pensou,  
Que só tal general então podia  
Nossa patria salvar e a liberdade.

E quem acode ao Porto quasi exausto,  
E quem foi se não elle que o salvou?  
Elle mostra da sciencia todo o fausto,  
E ennobrece a espada que empunhou.

No campo expondo a vida meritoria  
Sempre cheio de gloria elle luctou:  
Collhendo os nobres louros da victoria,  
A modestia jamais o abandonou.

Cidadão de saber abalisado  
General consummado, a patria honrou;  
E sempre á liberdade dedicado,  
O seu nome por ella eternizou.

De coração magnanimo e bondoso,  
Sempre a infelicidade o encontrou;  
E sempre cavalheiro e generoso,  
A seus feros inimigos perdoou.

Deveu-lhe muito a patria, a liberdade,  
E a rainha que ao thrôno elle elevou,  
Eterna pois será nossa saudade  
Pelo homem que livres nos deixou.

---

Á vida os mantimentos mais precisos  
Não faltando, de dia para dia,  
Do Porto na heroicissima cidade,  
E vê-se em perspectiva a negra fome.

No mez de fevereiro um tempo horrivel  
Impedia na Foz os desembarques  
De generos e tropas.  
Duzentos belgas só desembarcaram  
E poucas munições.  
Assucar e arroz sómente havia  
P'ra alimento da tropa e d'habitantes.  
A gente pobre e a menos abastada  
Teriam succumbido á negra fome,  
A não ser a lembrança philantropica  
De muitos nacionaes e estrangeiros,  
Que uma sôpa economica criaram.  
Para este acto de summa caridade  
Concorreram tambem muitas pessoas,  
Verdadeiros lib'raes da capital,  
D'onde vieram sommas avultadas.  
A estas privações acresce ainda  
O flagello peior da humanidade,  
Essa cholera morbus tão cruel,  
Que o povo devastou e o nosso exercito.

D'este anno o mez de março começára  
Com mais um feito heroico de Saldanha.

No quarto dia ataca o inimigo  
Os fortes do Pinhal e Pastelleiro  
Com força não menor a dez mil homens;  
Mas Saldanha com mil e mais duzentos,  
A' custa de prodigios de valôr,  
De manobras brilhantes em sciencia,  
Repellira o inimigo heroicamente,  
Perseguindo-o até ás suas linhas.

E mostrando-se o tempo então bondoso,  
Já muitas munições desembarcaram  
E alguns irlandezes para o exercito.

Não findou este mez sem que ainda  
Virtudes militar's das nossas tropas,  
No dia vinte e quatro ali brilhassem  
Em fortissima p'leja,  
Por combate das *Antas* conhecida;  
Combate em que ficámos vencedores,  
E em que o valôr de bravos tão distinctos,  
Toda a gente admirou n'aquelle dia.  
Depois, ao brillantismo d'esta gloria,  
Seguiu-se outro que honrou as nossas armas,  
De abril no dia nove;  
Combate do *Covello* foi chamado,  
Por ventura dos mais assignalados,  
Pelo nobre valôr que sustentaram  
N'aquelle dia os nossos combatentes.

Fôra n'este combate do *Corello*  
Que um caso se deu digno de memoria,  
Caso triste e curioso ao mesmo tempo,  
Que, tendo novidade e algum int'resse,  
Eu aqui narrarei em breves traços.

É esse amôr da patria um dos mais nobres  
Que distinguem no mundo a humanidade;  
E em illustres, plebens, ricos e pobres,  
Traduz-se alguma vez pela saudade:

Mas saudade tão viva e tão pungente,  
A que a sciencia chama—Nostalgia—  
Que ataca a quem está da patria ausente,  
E tão ardentemente, noite e dia,  
Que, se a patria não visse em continente,  
Dentro de pouco tempo succumbia.

São os filhos da Polonia  
Notavelmente sujeitos,  
De molestia tão excentrica,  
A sentirem os effeitos.



Entre as tropas no Porto então cereadas  
Não poucos estrangeiros militavam,  
Notando-se, entre tantos, um polaco,  
Joven official, que era distincto  
Per sua educação e gallardia.  
Foi este official aboletado  
N'uma casa onde havia tres donzellas  
Int'ressantes, alegres, folgazãs.  
Ser-lhes indifferente não podia  
Aquelle hospede joven e sympathico,  
O qual, com tudo, não correspondia  
Ao zelo que por elle ellas mostravam.  
Viram-no varias vezes no seu quarto,  
Sem que elle porventura as presentisse,  
Tirar de sobre o peito o quer que fosse,  
Que triste, e não sem lagrimas, beijava,  
Tornando-o a guardar, bem junto ao peito.  
Para as bellas foi logo decidido,  
Que esse pequeno objecto que beijava  
O seu int'essantissimo polaco,  
Retrato era, sem duvida nenhuma,  
De amante, por quem 'stava apaixonado;  
E era natural que o seu ciume,  
Já por este incidente despertado,  
O somno lhes roubasse algumas vezes.

Do *Corello* o combate era chegado,  
Em que o nobre polaco se empenhou;  
Então, por uma bala atravessado,  
P'ra logo quasi exangue, elle ficou.

Levado n'esse estado á casa amiga,  
Que o tratou com disvello e caridade,  
Não houve esforço algum que então consiga  
Oppór-se do frimento á gravidade.

Ainda o polaco  
Nas ancias da morte,  
Chorando da sorte,  
A reliquia beijou;  
Ao joven, ao bravo,  
Da patria a saudade,  
Em tal anciedade,  
Nem mesmo o deixou.

As bellas, que o viam  
Luctando co'a morte,  
Lamentam a sorte  
Do bravo infeliz;  
Mas olham ainda  
A reliquia que beija,  
Com certa inveja,  
Por que elle as não quiz.

O joven polaco.  
Nas vascas da morte.  
Carpindo da sorte,  
A reliquia beijou;  
Movendo seus labios.  
Que diz?—« *Liberdade!*  
*Da patria a saude. . .*  
*No peito. . .* »—Expirou!

Viu-se então a reliquia que beijava  
Esse joven polaco, esse infeliz;  
Era terra da patria que adorava,  
Mas de revel-a a sorte o contradiz!

---

No Porto expedição já se prepara,  
Que á provincia do Algarve se destina.  
Em Londres contrabira-se um empréstimo,  
Sem que o nosso governo interviesse,  
Nem d'isso fosse ao menos sabedor,  
Com o fim de fretar cinco vapores,  
Precisas munições e alguma tropa,  
Para essa expedição que se tentava,  
    Á provincia do Algarve.  
Palmella, o encarregado da missão,  
Já na villa da Foz desembarcava.  
    No dia dois de junho,

E o governo annuindo áquella empreza  
 —Annuncia que não foi de todo facil—  
 No dia nove, á noite, começava  
 A fazer-se a occultas o embarque  
 Da tropa destinada á expedição.  
 Sartorius, a quem deram mil desgostos,  
 Já sua demissão tinha pedido.  
 Com Palmella viera para o Porto  
 O bravo Napier, que fôra o escolhido  
 Para então commandar a nossa esquadra  
 Como vice-almirante consid'rado.  
 No dia vinte e um, pela manhã,  
 Levantava já ferro a nossa armada.  
 Solignac, que se oppunha a tal empreza,  
 A sua demissão então pedira,  
 Que de prompto lhe fôra concedida.  
 Do exercito não teve as sympathias;  
 Serviço algum prestou que lh'as mercesse,  
 E erros commetteu, que bem provaram  
 A mingoa de talentos militares.  
 Ao conde de Saldanha deu-se logo  
 O commando geral do nosso exercito.  
 D. Pedro fica então generalissimo.  
 Jámais se viu triumpho mais brilhante,  
 Do que este de Saldanha em tal momento:

Quiz seu nome manchar a negra intriga,  
                     Chamando-lhe traïdor;  
 E agora, cil-o á testa do exercito,  
                     Que foi libertador.

Fôra o fim d'este mez assaz notavel,  
Pelo rancor tenaz que os sitiadores  
Manifestam então, sem mais piedade,  
Enviando sobre o Porto um fogo barbaro  
Uma lava vulcanica que o cerca.  
Com estrondo feroz que estruge a terra!

Sobretudo, o de trinta foi horrendo,  
Por ser anniversario festejado  
D'esse passo cruel, feio e tremendo,  
Que deixou o paiz tão enluctado!

Tinha o sceptro infeliz sido empolgado  
N'aquelle dia pelo usurpador,  
O Porto era atrozmente metralhado;  
Aos rebeldes foi festa aquelle horror!...

Mas o povo era então inabalavel!  
Bem longe de tremer, d'acobardar,  
Mostrava um heroismo admiravel,  
Como povo que a patria quer salvar.

A fome, a peste, a guerra o perseguia  
Dentro da heroicissima cidade,  
Mas tudo resignado elle soffria,  
Porque a tudo antepõe a liberdade !

Tamanha heroicidade causa espanto  
A quantos a tem visto, e ao mundo inteiro;  
O valor d'esse povo sobe a tanto,  
Que, em civica virtude, é o primeiro.

A patria eternamente agradecida,  
Honrará esse povo que a ennobrece,  
E jamais se verá emmurehecida  
A gloria que no Porto resplandece !

---

O bloqueio geral de quantos portos  
Estavam em poder do usurpador  
Foi n'este mesmo tempo publicado.  
O mez de julho fôra certamente  
Um mez de flicidade, um mez historico,  
E será elle sempre memoravel  
Nos fastos d'essa guerra tão cruenta,  
Por serie quasi não interrompida

De notaveis prodigios e victorias.  
Pela nova tão prospera começa  
Da fortuna que sopra á expedição,  
Que em vinte e um de junho se enviara  
A's costas do Algarve, e ali chegava  
No dia vinte e quatro d'esse mez.  
Na praia da Lagoa desembarca,  
Marchando então d'ali para Tavira.  
Sem resistencia fez seu desembarque,  
Um leve tiroteio só travando  
Com as tropas que Molellos commandava,  
E que logo em fugida retiraram,  
Abandonando alguma artilheria.  
Tres ou quatro feridos tão sómente  
Tiveram nossas tropas no recontro,  
Entre os quaes se contou infelizmente  
O honrado, valente e mui distincto  
Major Mendonça,  
Que do frimento veio a succumbir.

O Algarve recebeu com grande jubilo  
A nossa expedição ali mandada,  
E já no fim de junho aquelle reino  
Estava felizmente declarado  
Em apoio da carta e da rainha,  
E Molellos já o tinha evacuado  
Co'a tropa que elle, em chefe, commandava.  
A este passo de summa f'licidade  
Triumpho se seguiu tão espantoso,

Que enflorara os destinos d'essa causa.  
 Pela qual tanto havíamos soffrido.  
 Do usurpador a esquadra, então composta  
     De nove bellos vasos,  
 Entre os quaes se contavam duas náos,  
 Duas boas fragatas e alguns brigues,  
 Tendo largado o Tejo, havia dias,  
 Á nossa se mostrou no mez de julho.  
 Cinco vasos, e fracos, só compunham,  
 Sem que uma náó, ao menos, se contasse,  
     A nossa exigua esquadra.  
 De São Vicente o cabo era o theatro.  
 Napier, vice-almirante, bem contente  
 D'este encontro, que tanto desejava,  
 Para o ataque logo se prepara,  
 E com rara intrepidez, a mais heroica  
 Que pode apresentar-se em taes combates,  
 Com a sua fragata se dirige  
 Á náó denominada então—Rainha,—  
 E ataca-a de abordagem, ordenando  
 Aos outros seus navios que igualmente  
 Os barcos inimigos atacassem.  
 Em rapido e curtissimo combate,  
 Abordada foi logo a náó—Rainha—  
 E tomada tambem no mesmo instante.  
 Quatro dos outros barcos, sendo um d'elles  
 Sua náó almirante—D. João Sexto—  
 Ao mesmo tempo quasi se renderam:  
 E d'esses outros vasos que escaparam,  
 Rendidos, dentro em pouco, dois se acharam.  
 Foi assim que acabou a forte esquadra  
 Do infante usurpador, recurso immenso,



Em que suas esperanças se fundavam:  
E com tal perda viu cair por terra  
A corôa usurpada.

Esta victoria assaz maravilhosa  
A estrada nos abriu do Alemtejo,  
E tambem a da nossa capital;  
E ensejo deu aos povos de poderem  
Livremente mostrar suas idéas,  
Por largos annos sempre suffocadas,  
Em horriveis prisões e cadafalsos.  
Em remuneração de seus serviços,  
Carlos Napier foi logo despachado  
Da armada nacional novo almirante,  
E do *Cabo* tambem feito visconde,  
Theatro d'essa gloria tão ingente.

Em quanto o dia cinco d'este mez  
Se tornava immensamente memoravel  
Por esta brilhantissima victoria,  
Alcançada pelo almirante Napier,  
Em terra, ao mesmo tempo,  
E nas linhas do Porto, o nobre conde,  
Nosso illustre general, esse Saldanha  
Os rebeldes batia heroicamente,  
Dirigidos então já por Bourmont,  
Recemchegado ao campo do inimigo,  
Para ali commandar o seu exercito:  
E marechal de França era este chefe,  
P'la tomada d'Argel bem conhecido.

O inimigo fizera um forte ataque  
A toda a nossa linha, ao mesmo tempo,  
Mas foi valentemente repellido,  
Batido heroicamente em toda a parte,  
Té ás suas fortissimas trincheiras.  
Onde se recolheu envergonhado.  
Tal foi a intelligencia, a intrepidez  
Que Saldanha mostrou n'este combate,  
Que, ali mesmo, no campo da batalha,  
Tenente general foi despachado  
Pelo nosso immortal D. Pedro Quarto,  
Que soube apreciar-lhe o mer'cimento,  
E coroar seus serviços relevantes.

Já de julho no dia vinte e quatro.  
Tão propicio á nossa liberdade.  
Na capital entrava a divisão,  
Que no Algarve se viu desembarcar.  
Então d'aquelle reino já de posse,  
Acolhida do povo alegremente.  
E tendo atravessado o Alentejo,  
Batendo e repellindo sempre as forças  
Que ali ousaram ir ao seu encontro,  
Achava-se no dia vinte e tres,  
Sobre a villa d'Almada,  
Onde bateu as tropas inimigas  
Que quizeram obstar á sua marcha,  
Com rara intrepidez, inexcedivel.  
E combate este foi d'insigne gloria,

Pois que um apenas eramos p'ra cem.  
Foi n'elle que acabou Telles Jordão,  
Talvez o mais cruel facinoroso,  
De todos os freneticos sectarios,  
Que serviram no reino a usurpação,  
E que por tanto tempo havia sido  
Carcereiro e\*algoz de tantas victimas,  
Em São Julião da Barra encarceradas.  
Este monstro cruel, vil e feroz  
Commandava uma parte d'essas forças,  
Que já tinham passado ao sul do Tejo;  
E como estas tivesesni debandado,  
Tentava elle fugir para Lisboa;  
Mas no acto de embarcar, reconhecido  
Por dois officiaes do nosso exercito,  
Ali mesmo de prompto o acutilaram;  
Voando-lhe depois a vida infame,  
Tão manchada dos crimes mais atrozes.  
Ás mãos d'alguns soldados que o cercaram.  
Seu corpo no areal mal enterrado,  
Algum tempo se viu ali exposto  
Ás vindictas do povo, que cortava  
No cadaver ainda abominado,  
Pedacos que reliquias consid'rava,  
Como as de um tyranno, malfeytor.

Tal é o premio vil que tarde ou cedo  
Vem a essas excepções da humanidade,  
Que celebres chegaram a fazer-se,  
Em actos de brutal ferocidade.

O povo de Lisboa observando  
As scenas que em Almada se passavam,  
E que a nossa bandeira azul e branca  
Tremulava já em todas as alturas,  
Dispoz-se p'ra quebrar as vis cadeias,  
Que, durante cinco annos d'ignominia,  
De vexames, de barbaros tormentos,  
Os pulsos lhe apertavam tão fieis.  
Mas ainda mais depressa os oppressores  
Sentiram que de perto os ameaçava  
O risco de se verem surprehendidos.  
Tão fracos na desgraça, quanto altivos  
Haviam sido em tempos mais felizes,  
De prompto a capital abandonaram,  
No dia vinte e tres, já pela noite.  
A força militar já retirava,  
À sombra da qual foram abrigar-se  
Fidalgos, muitos nobres, e homens publicos  
Que se tinham tornado mais salientes,  
Por sua forte adhesão ao usurpador,  
Levando elles todos, como chefe,  
De Cadaval o duque á sua frente,  
Da usurpação fortissimo instrumento.  
A povoação inteira da cidade,  
Mal a fuga observou de seus algozes,  
Sem demora se poz em movimento:  
Acclamou logo a carta e a rainha,  
E ali prompto soltou todas as victimas  
Que se achavam gemendo nas prisões;  
Hasteou para logo nas alturas  
A bandeira biclor da liberdade,  
De tal modo que entrando a capital

O audacissimo duque da Terceira,  
Á frente de uma exigna divisão  
De só mil e quinhentos combatentes,  
Com salvas elle foi já recebido  
Do castello e das outras fortalezas,  
E viu-se tambem logo tremular  
A nossa tão sympathica bandeira,  
Em todas as alturas.

Assim, toda a provincia do Algarve,  
Essa extensa provincia do Alemtejo;  
E a populosa cidade de Lisboa,  
Abriram n'um só mez as suas portas  
Aos heroes que as vieram libertar.

Esses mil e quinhentos combatentes  
Em valor nos mostraram taes prodigios,  
Que farão os vindouros dissidentes:  
Uns, suppondo-os reaes, outros, feticios.

Tão heroico valor, audacia tanta,  
Escurecem os feitos dos romanos;  
Tal amor patrio o mundo todo espanta!  
Esforços taes parecem sobrehumanos!

O chefe fôra o duque da Terceira,  
—Baluarte em que elle a gloria iniciou—  
E não foi esta empreza a derradeira,  
Que, n'outras, inda o nome elle illustrou.

Tal chefe a patria tem sempre em memoria;  
D'essa espada a nação vê-se orgulhosa;  
Eterna será pois a sua gloria  
E a d'essa legião audaciosa !

Ao passo que perdida já se achava  
A nossa capital, para os rebeldes,  
E em plena liberdade tantas victimas,  
Cruelmente tratadas nas masmorras,  
Uma gloria de mais ganhava o Porto,  
No dia vinte e cinco d'esse mez,  
Sobre as tropas rebeldes que atacaram  
Com vivissima força as nossas linhas.  
Carregaram no centro com mais força,  
Onde havia um reducto d'importancia  
—Do Wanzeller— então denominado,  
Contra o qual quatro ataques successivos,  
Com forças consid'raveis dirigiram,  
Mas foram fortemente repellidos.  
N'este ponto dois nomes recommenda  
Nossa historia, em valor muito distinctos:

Moura, então coronel, um d'elles fôra,  
E outro foi João Nepomuceno, (11)  
Que a patria tanto honrou n'aquelle dia.  
À testa d'esquadrões, com sua espada  
Prodigios de valor este mostrou,  
Que profundo terra logo lançaram  
Nas hostes inimigas, por tal forma,  
Que bem depressa as poz em debandada,  
Sem ousarem voltar mais ao combate.  
Depois um novo ataque dirigiram  
Sobre a nossa direita ardentemente,  
Onde igual resistencia então acharam,  
E igual sorte tiveram suas armas,  
Fugindo em vergonhosa debandada.  
Durante estes ataques repetidos,  
Que por mais de doze horas sustentaram,  
Uma constante e horrivel canhonada  
Estrugia a cidade e vomitava  
A morte, tão esp'rada em toda a parte!  
Nova c'róa de gloria a fronte ornou  
Do conde de Saldanha, n'este dia!  
Sublime intelligencia elle mostrara  
N'essa bem conhecida resistencia,  
Que tão heroicamente sustentou!  
Cobriu-se de vergonha então Bourmont  
E as espadas francezas que o seguiram,  
Que a gloria d'esse dia tanto esp'ravam.  
No mais subido gráo ficam tomados,  
P'lo assombro depois de tal derrota,  
Os rebeldes que o Porto então cercavam;  
E a perda que soffreram n'esse dia,  
Em mortos, em feridos, desertores,

Passou de quatro mil, segundo os mappas,  
 Em quanto a nossa fôra, em proporção,  
 Incontestavelmente diminuta.

Fôra neste combate assignalado,  
 Que á frente d'um punhado de lanceiros,  
 Saldanha com o seu *estado maior*,  
 Movido por valor nunca excedido,  
 Carregou pessoalmente uma columna,  
 Vendendo junto de si, f'rido de morte,  
 O seu bravo ajudante D. Fernando,

E seu intimo amigo!

N'este dia de p'riço e tanta gloria,  
 Do Porto os habitantes nos mostraram  
 A mesma intrepidez, serenidade,  
 E a mesma confiança na victoria  
 Que sempre em p'riço igual tinham mostrado:  
 Uns, correndo ás trincheiras, combatiam,  
 Em quanto outros nas ruas passeavam,  
 Ou já os seus negócios promoviam,  
 Como se um dia fôra bem vulgar!  
 Ao estampido atroz da artilheria,  
 Ao sibilar das balas e das bombas,  
 Comprava-se e vendia-se nas lojas,  
 E o mesmo se notava pelas ruas,  
 Como se o fogo horrendo que estalava  
 Fosse apenas um fogo de alegria!  
 As janellas se viam guarnecidas

D'homens e de senhoras,  
 Que cheios d'interesse perguntavam,  
 Que cifra havia já de prisioneiros,  
 Que vezes tinha sido repellido  
 O inimigo andaz tão insistente,



Sem pensarem sequer um só instante,  
Em deixarem de ser victoriosos.  
Mas nas trincheiras fôra o espectaculo  
Inda mais admiravel, mais heroico:  
Mulher's a combaterem nas fileiras,  
Com denodo, e tambem fazendo fogo;  
Os cartuchos mordendo e preparando,  
E dando-os aos soldados  
P'ra estes carregarem promptamente;  
Outras levando polvora,  
Bebidas, munições e já comida  
Á tropa que se achava fatigada;  
Outras, já carregando-os sobre os hombros,  
Os fridos vão levar aos hospitaes!  
Com tal gente, com tal patriotismo,  
É forçoso dizer que era impossivel,  
Que o Porto então se visse conquistado.  
A brilhante victoria d'este dia,  
Realçada co'a noticia tão propicia  
De se haver libertado já Lisboa,  
No dia vinte e quatro,  
Produziu em D. Pedro tão profundas,  
Tão rapidas, tão fortes sensações,  
Que de prompto partiu p'ra a capital,  
Levando já consigo o ministerio.

O nosso desembarque no Algarve,  
A tomada da esquadra miguelista,  
A nossa entrada audaz na capital,

E a victoria do dia vinte e cinco,  
Foram factos de tanta magnitude,  
Tão valiosos, em fim, á nossa causa,  
Que os rebeldes com elles afrouxaram,  
Do Porto levantando logo o cêreo.  
Foi então que se viu que as suas linhas  
Estavam construidas com tal força,  
Que apenas se podia imaginar;  
Eram obras perfectas de defesa,  
Fortalezas em tudo formidaveis,  
Em tudo superiores ás nessas linhas.

Havia em Villa Nova, ao sul do Douro,  
Immensos armazens da *Companhia*,  
E entre elles alguns particulares,  
Cheios todos de vinhos primorosos,  
Verdadeira riqueza colossal,  
Que aguçara o desejo aos miguelistas;  
Mas d'ella utilizar-se não podendo,  
E qu'rendo retirar-se já do sul,  
Ás chamas pavorosas a entregam,  
Commetendo brutal selvageria,  
Ferino vandalismo nunca visto,  
Que a todos espantou, causando horror! . .  
Em borbotões de fogo corre o vinho,  
Que se vão despenhar no rio Douro,  
Como lava vulcanica tremenda.  
Das explosões era horrendo o estanpido!  
Rolos de fumo e fogo enegreciam

Os ares que pairavam sobre o rio;  
 Finissima agua-ardente ali corria,  
 Que força enorme dava ás explosões.  
 As pressurosas aguas d'esse Douro  
 De vermelho chegaram a tingir-se,  
 E mesmo a recuar de suas margens  
 Co'o impulso dos vinhos que corriam  
 E n'ellas fortemente se chocavam.  
 Era atroz, era horrendo o espectáculo  
 Que esse povo do Porto observou,  
 Cheio de acerbo pasmo e horrorisado,  
 Porque nunca pensara, não previra  
 Que podessem caber em peito humano  
 Excessos de uma tal perversidade.  
 Felizmente uma parte d'esses vinhos  
 Escapou ao furor do vandalismo,  
 Cujá repetição esteve eminente;  
 Colossal, no entanto, tinha sido  
 A perda no primeiro barbarismo;  
 E talvez evitou que o repetissem,  
 A victoria adquirida por Saldanha,  
 Em dia assaz feliz do mez d'agosto.  
 O conde como visse que os rebeldes,  
 Abandonando as suas posições  
                   Do Crasto e de Serralves,  
 Vão estabelecer sua direita  
 No sitio appellidado—Contumil—,  
 Ficando-lhes na sua retaguarda  
 O reduto chamado então—Real—  
 Cujá força Saldanha conhecia;  
 E percebendo que este movimento  
 Chamal-o a campo raso tem por fim,

Aonde elles contavam co'a victoria,  
 Pela cifra maior de suas tropas,  
 Quiz logo aproveitar-se do ensejo,  
 P'ra dar uma lição ao inimigo,  
     E ataca-o d'improviso,  
 Mal tem feito reparos nos reductos,  
 Que elle, sem se esperar, abandonara.  
 Marchando pela noite, em tres columnas,  
 Surprehendeu os piquetes dos rebeldes,  
 E a cargas de baioneta vae levando  
 Adiante de si esse inimigo,  
 Que, como d'ante-mão mui bem previra,  
 Formou depois em linha nos reductos  
 Denominados—*Real e Contumil*;  
 Mas por todos os lados ameaçado  
     Tambem n'aquelle ponto,  
 Não ousou defender-se e retirou  
 Da forte posição que elle occupava,  
 Seguindo pela estrada de Vallongo,  
 Em cuja marcha foi acutilado,  
 Pelo valente João Nepomuceno.  
 Arroçados, assim, até Vallongo,  
 Ali reuniram quasi seis mil homens;  
 Mas, então, atacados pelo flanco,  
     Sem que o presentissem,  
 Ao passo que Pacheco os aggreidia  
 Pela frente, com bravura inexcedivel,  
 Abandonam então a posição  
 E retiram até Ponte-Ferreira,  
 Até onde vão sendo perseguidos  
 Pelos nossos intrepidos lanceiros.  
 Tal foi a ingente gloria d'este dia.

Passando o general ao sul do Douro,  
No dia vinte e um,  
Encontrava os rebeldes em fugida,  
E logo os perseguiu e arrojou  
Para além d'Oliveira d'Azemeis.  
Seguiu-se logo o embarque de Saldanha,  
Que parte impaciente p'ra Lisboa,  
Com quasi toda a força do seu mando.  
Já nas margens do Douro ella colhera  
Os tão mer'cidos louros da victoria,  
E agora os vae colher lá junto ao Tejo,  
Com esforços iguaes, igual valor.  
No entanto, inda no Porto se travara  
Combate com as tropas miguelistas,  
Que ao norte e sul do Douro se mostraram.  
Fôra elle nos primeiros de setembro.  
Stubbs era o general que ali ficara,  
Occupando o logar do gran Saldanha.  
Com duas divisões elle saiu:  
P'ra o lado de Vallongo uma seguira,  
E p'ra Villa do Conde outra marchava.  
Não ousaram rebeldes fazer frente  
    Áquella divisão;  
Foi esta mais feliz, pois surprehendeu  
As forças que se achavam reunidas  
N'aquella villa, um pouco descuidadas.  
Mais de cento e cincoenta prisioneiros  
    Vieram para o Porto.

Poucos dias depois já se tentava

Uma outra expedição ao sul do Douro,  
A qual foi dirigida por Pacheco  
Que o dez d'infanteria commandava.  
Este foi encontrar a maior parte  
Das tropas miguelistas em Ovar,  
Que foram surprehendidas pelos nossos,  
Quasi todas passadas pelas armas,  
Fazendo-se mui poucos prisioneiros.

Por este tempo estava o Porto livre  
Do rigoroso cerco que soffrera  
Dando ao mundo um exemplo grandioso  
D'invencivel valor, constancia rara,  
De amor á liberdade inimitavel,  
Conquistada por tantos sacrificios,  
Cujos fructos primeiros começavam  
A gozar-se entre o povo tão heroico  
D'essa invicta cidade.

Não deixaremos sem louvor merecido  
Esses valentes do Pilar da Serra;  
Seu heroico valor, nunca esquecido,  
Não tem competidores na patria terra.

De combatentes só fóra um punhado;  
De Villa Nova os voluntarios eram,

A quem os povos, por valor provado,  
De *Polacos da Serra* o nome deram.

A par d'estes heroes ali se viam  
Companhias de linha a combater;  
Mas duas eram só, e bem mer'ciam  
Esses louros que as vão ennobrecer.

É *Bravo* (<sup>12</sup>) o capitão que ali commanda,  
Que a patria, a liberdade tanto honrou;  
Na força que o cercava, tão nefanda,  
O braço seu valente exp'rimentou.

Com tão exigua força ali na Serra,  
Por cinco a seis mil homens já cercados,  
Combatendo vão sempre, e nada aterra  
Esses bravos distinctos, laureados.

Ali governador está da Serra,  
Torres, que primava em valentia,

No qual amor da patria tanto impera,  
Que no p'riego maior só ella via.

---

A vinda de Saldanha p'ra Lisboa  
Fôra mui proveitosa aos liberaes,  
E tanto, quanto o fôra para o Porto,  
Pois as linhas achou em mau estado,  
    Bem como a guarnição.  
Com a sua costumada actividade  
E sua militar intelligencia,  
Cuidou elle quanto antes da defêsa,  
E taes meios empregou, tão acertados,  
Que, já no dia cinco de setembro,  
Poude elle repellir um forte ataque  
Dos rebeldes, em força consid'ravel,  
Tendo o commando em chefe esse Bourmont,  
Já das linhas do Porto repellido,  
E não poucos francezes seus adeptos  
Igualmente commando nas fileiras.  
Neste combate teve morte honrosa,  
Entre outros, D. Thomaz de Mascarenhas,  
E o joven e audaz D. Alexandre,  
    Filho do conde d'Alva,  
Moço de muito brio, valor e honra.  
Quiz, ainda mal curado dos frimentos,  
Que no Porto já tinha recebido,  
Com instancia servir a sua patria,  
Neste dia de gloria em que morreu.



Tentou o inimigo outro combate  
 Nove dias depois,  
 Mas logo no comêço desistira,  
 Pois fatal presentiu que lhe seria.  
 Em ambos os ataques se estrearam  
 Os novos batalhões ali formados  
 Dos filhos de Lisboa,  
 Os quaes valentemente combateram,  
 Provando á evidencia,  
 Valor, patriotismo, não menores  
 Aos dos seus camaradas portuenses,  
 Que n'esses dias gloriosos imitaram.

Aqui nós fallaremos de um desastre  
 Dos maiores que soffreram nossas armas:  
 E foi a morte triste e tão chorada  
 Do coronel Pacheco, esse valente  
 Que o dez d'infanteria commandava.  
 Ferido gravemente na cabeça,  
 Na baixa da *Areosa*, junto ao Porto,  
 Por balla de fuzil que declinava,  
 E no dia fatal de um de dezembro,  
 No dia immediato fallecia,  
 E, em tres, já se dava á sepultura,  
 Junto ao templo da Lapa,  
 Entre o luto, a tristeza e a saudade,  
 Não só de toda a tropa, mas do povo,  
 Que venerando o benemerito da patria,  
 Chorava amargamente a sua perda.

Do exercito elle foi nobre ornamento,  
 Por sua militar intelligencia,  
 Pelas suas virtudes, seu talento,  
 Honradez, probidade e experiencia.

Serviços fez á patria mui prestantes,  
 Combatendo a favor da liberdade;  
 Esforços empregou sempre constantes,  
 Té que a alma lhe voou á eternidade.

Em valor, sangue frio e perspicacia,  
 Assaz elle mostrou ser eminente,  
 E quando precisou tambem de audacia,  
 Mostrou-a, na verdade, surprehendente!

Nesse *Souto Redondo*, a sua espada,  
 Seus brios, seu valor, nobre ardimento,  
 Nossas forças salvaram da cilada,  
 E com ellas a causa em tal momento.

D'ellas sempre cobrindo a retaguarda,  
 Desde *Souto Redondo* até ao Porto,  
 D'ellas só elle foi anjo da guarda,  
 Tendo estado, por vezes quasi morto,

O dez d'infanteria commandava,  
De bravos mui distincto regimento,  
Nossa força em desordem retirava,  
E o dez a combater com ardimento.

Na frente d'esquadrões que o perseguiam,  
Muitas vezes salvou-se nos quadrados,  
Outras vezes, rebeldes que o seguiam  
De suas cargas foram aterrados.

Á sua morte o exercito vertia  
Lagrimas pungentes de saudade;  
Elle e o povo no tumulto escrevia:—  
*«Pereceu, mas salvou a liberdade!»*

---

Repellido o inimigo de Lisboa,  
Com brilhante vigor de nossas armas,  
Foi depois alojar-se em Santarem,  
E fortemente ali se intrincheirou.  
Lisboa ficou sendo o grande centro  
De nossos movimentos militares.  
Não achando prudente ir atacar  
Aquella posição tão formidavel,

Manobrar pelo flanco do inimigo,  
 Eram então as vistas de Saldanha.  
 Para isto esperava as grandes chuvas  
 Que os campos inundassem fortemente  
     Em torno a Santarem,  
 Porquanto só d'est'arte elle podia,  
 Sem p'riço destacar ingente força,  
 D'essa que o inimigo vigiava.  
 O que elle esp'rava dava-se em janeiro  
 De mil oitocentos trinta e quatro.  
 Deixando logo o duque da Terceira  
     Vigiando Santarem,  
 Partiu co'a outra parte do exercito,  
 No duodecimo dia d'este mez,  
 E pela madrugada, logo em quinze,  
 Caiu sobre Leiria, surprehendendo  
 As forças inimigas, que constavam  
 De mil e quatrocentas baionetas,  
 A par de bem montado esquadrão.  
 D'esta gente mui pouca se escapou,  
 Que não ficasse, ou morta ou prisioneira.  
 Depois d'isso marchou sobre Thomar,  
 Onde entrou co'a maior felicidade,  
     No dia vinte e cinco,  
 Deixando aniquilada n'este dia  
 Grande força a cavallo do inimigo,  
 E tida por melhor do seu exercito.

A este tempo constou que outra derrota  
 Sofrera o inimigo no Algarve.

Em trinta d'este mez já novos louros  
O marechal colhia da victoria.  
Ganhava elle então a acção de Pernes,  
Na qual colheu vantagens importantes,  
Cobrindo-se de gloria o nosso exercito,  
Por actos de bravura inexcedivel.  
Mui poucos dias antes da de Pernes,  
Ganhou Saldanha a acção de Torres Novas.

D'Almoster a batalha tão notavel  
Fôra dada em dezoito de fev'reiro,  
Batalha que augmentou bastante a gloria  
Das tropas liberaes e de Saldanha;  
E dando novo lustre ao nosso nome,  
Da liberdade á causa deu vigor.  
Foi ella que impediu que nós tornassemos  
A ver da capital em frente o exercito,  
Que p'ra tanto se havia preparado.  
A perda do inimigo n'este dia  
Causou admiração, fôra espantosa;  
Em jorros correu sangue entre os rebeldes!  
De ruina completa inda os salvara  
A noite acobertando-os com seu manto.  
Perderam n'esse dia tres bandeiras.

No principio de março receberam-se  
Noticias agradaveis do Algarve.

O seu governador Sá da Bandeira,  
Tendo chegado a Faro,  
Marchou logo d'ali sobre Tavira,  
Onde colheu valiosas munições;  
Passando a Villa-Real, Castromarim,  
Foi, assim, repellindo o inimigo,  
Fazendo-lhe sentir o seu vigor,  
E credito já dando ao seu governo.

Foi elle um dos heroes abalisados  
Que mais serviu a patria agonisante;  
Espada mais valente entre os soldados  
Não houve; e sabia, honrada e triumphante.

Combatendo a favor da liberdade,  
Um braço elle perdeu na lucta ingente,  
Mas corajoso apost'lo da verdade,  
Nem por isso deixou de ser valente.

Altos e dignos cargos exercendo,  
Á patria dedicou a vida inteira,  
Á feia escravidão fero e tremendo,  
Foi dos bravos que honraram a Terceira.

Com título de marquez já premiado,  
Falleceu, a final, de longa idade;  
Seus feitos, por que fôra laureado,  
São uma epopêa á liberdade !

Mais outro heroe, como elle abalisado,  
Em armas e em lettras tão prestante,  
Direito teve aqui de ser cantado,  
Por serie de serviços mui brilhante.

Do duque da Terceira sempre ao lado,  
Os seus sabios conselhos lhe prestou;  
Em gráo subido probo e muito honrado,  
José Jorge Loureiro se chamou.

---

Ao passo que, de dia para dia,  
Crescia sobre modo a nossa gloria,  
Pelos louros colhidos nobremente  
Pelas nossas phalanges tão valentes,  
Por outro lado o nosso ministerio  
Não cessava de dar-nos novas provas  
D'insensato, violento e caprichoso,  
Crescendo cada dia o seu descredito.

O almirante Napier desesperando,  
 Com p'rigosa inacção do ministerio,  
 Tomou a iniciativa arrojadissima  
 De nova expedição, mas *toda sua*;  
                     Tomou então Caminha;  
 Tomou o forte da Insua e Valença;  
 Investindo depois para Vianna,  
 Apod'rou-se igualmente d'esta villa,  
 E a facil adhesão logo se dera  
 D'Arcos de Val de Vez, Ponte do Lima,  
 Barca, e, ainda depois, mais outras terras  
 Do nosso fertil Minho tão gentil.

Sabida como foi logo no Porto  
 Aquella tentativa tão audaz,  
 Saiu Torres então auxiliando-a.  
 Direito a Santo Thyrso marcha logo,  
 Onde encontra acantonado o inimigo,  
 E ali, como na Lixa, o derrotou.  
 Deu esta operação em resultado  
 A posse de Barcellos, Guimarães,  
 Braga, Penafiel e outras terras  
                     Do nosso bello Minho,  
 Que ficou logo limpo dos rebeldes.

Os louros que colheramos em março,  
 No mez d'abril ainda proseguiram.



O duque da Terceira, que tomara  
O commando do exercito do Porto,  
Em onze d'este mez passava o Tamega,  
E n'esse mesmo dia chega á Regoa,  
Repellindo em completa debandada  
O resto d'essas forças inimigas  
Que haviam escapado dos ataques  
Do Minho na provincia.  
Entrou em Villa-Real no dia treze;  
Durante a sua marcha,  
As terras principaes do alto Douro  
Foram logo acclamando  
A carta e a rainha.

Repellidos, assim, em Traz-os-Montes,  
Os rebeldes passaram logo o Douro  
E entram então na Beira derrotados.  
O duque da Terceira em vinte e dois  
Marchava p'ra Lamego e ali entrava;  
E d'aquella cidade participa  
Achar-se Almeida livre, aonde os presos,  
Juntos á guarnição d'aquella praça,  
Tinham a liberdade proclamado.

Um successo politico notavel  
Despontára na Hespanha, n'este mez,

Que bastante influiu em nossa causa:  
E foi a nomeação de um ministerio  
De gente que presava a liberdade,  
E o reconhecimento da rainha,  
Por quem ainda vertiamos o sangue,  
Contra as hostes fieis a D. Miguel.  
Com este acto approved em continente,  
Pela França e tambem por Inglaterra,  
Se deu por tanto o golpe decisivo  
Na usurpação d'Hespanha e Portugal,  
Porque d'elle tambem se seguiu logo  
D'aquellas duas côrtes o auxilio  
Que a estes dois paizes prometteram,  
Para a paz, tão precisa, então gosarem.

Finalmente chegou o mez de maio,  
O mez em que devia resolver-se  
O problema tenaz da usurpação.  
Em oito d'este mez, já em Coimbra  
Entrava o nobre duque da Terceira.  
Na Figueira da Foz, no mesmo dia,  
O almirante Napier dava entrada.  
No dia dezeseis achou-se o duque  
Co'a sua divisão junto a Thomar,  
Em um logar chamado—*Asseiceira*—,  
Onde estavam postados os rebeldes  
Das provincias do norte retirados,  
E outros de Santarem tendo saído.  
O duque da Terceira os atacara,

E fazendo-os perder a posição,  
Aliás mui vantajosa, que occupavam,  
Os pôz na mais completa debandada,  
Com mil e quatrocentos prisioneiros;  
Sessenta officiaes e oito peças;  
Com muitas munições, quatro bandeiras,  
E, em mortos, uma perda consideravel.  
Napier ao mesmo tempo já forçava  
A guarnição de Ourém a entregar-se,  
De novecentos homens equipados.  
E estas perdas, quasi simultaneas,  
Por tal modo aterraram os rebeldes  
Que occupavam ainda Santarem,  
Que tomados de medo e desesperados,  
Largaram essa forte posição,  
Na manhã de dezoito d'esse mez.  
Em seguida perderam logo Abrantes,  
Ameaçada pelas forças hespanholas,  
Que desciam então da Beira Baixa,  
Até onde se tinham entranhado,  
Ao infante D. Carlos perseguindo.  
Como fossem caminho do Alentejo,  
Nossas forças, em duas divisões,  
Commandada a da esquerda por Terceira,  
E a outra pelo conde de Saldanha,  
Rapidamente passam logo o Tejo,  
E correm velozmente ao inimigo,  
Não só p'ra lhe cortar a estrada d'Elvas,  
Mas para lhe tomar do mar as costas,  
Mettendo-os entre as duas divisões.  
Ferira-os por tal modo esta manobra,  
Que já desconcertados e confusos,

Para Evora então elles marchando,  
Prompta morte politica encontraram,  
Porque logo no dia vinte e quatro  
Tiveram de pedir um armisticio  
Ao nobre e valentissimo Saldanha,  
Quando o conde ia já cair sobre elles,  
E na frente tambem os perseguia  
O audacissimo duque da Terceira,  
Mas foi-lhes recusado o armisticio,  
E achando-se então em tal apuro,  
Enviaram p'ra logo um general,  
                    No dia vinte e seis,  
Dizendo, que as reliquias do exercito  
Se entregavam nas mãos dos vencedores,  
E rogava o infante a concessão,  
De poder embarcar-se logo em Sines,  
Da Gran Bretanha em vaso que o esp'rava.  
No mesmo dia fez-se a convenção,  
Para a qual já se achavam com poderes:  
Saldanha e o nobre duque da Terceira,  
Sendo completa a entrega dos rebeldes.  
No meio d'esquadrões que o escoltaram,  
D. Miguel embarcava já em Sines,  
No sempre memoravel um de julho,  
Por entre as maldições d'aquelle povo  
E os vivas fervorosos levantados  
À rainha e ao duque de Bragança.  
À carta e juntamente ao nosso exercito.

Era assim que findava em tal dia  
Esse drama politico ingente,  
Que as entranhas da patria sorvia,  
Em abysmo horroroso, imponente.

Foi atroz essa pugna gigante,  
Que accendeu entre irmãos um tyranno,  
Mas a patria eil-a já triumphante  
De um poder insensato, inhumano.

Graves crimes de um lado incendidos;  
Homens livres gemendo innocentes;  
De outro lado, actos mil exercidos  
De virtude e clemencia esplendentes.

De prazer a nação exultava,  
Que ha seis annos gemia esmagada;  
Seu martyrio inaudito findava,  
Já se achava a final libertada.

---

Prodígios de valor, acções brilhantes  
Os portuguezes livres praticaram;  
Nas horas arriscadas, palpitantes,  
Ao templo do Heroismo se elevaram.

Em masmorras geram innocentes,  
Porque livres na patria qu'riam ser;  
Dos Albuquerque dignos descendentes,  
Homens são de quebrar e não torcer.

Horrores da emigração elles soffrendo,  
Os brios inda mais se lhe exaltavam;  
Quanto mór soffrimento e mais tremendo,  
Mais provas de valor ao mundo davam.

Quatro vultos na luta assás terrivel  
Mais heroes por seus feitos se tornaram;  
Sem elles a victoria era impossivel,  
Por seus meritos elles a ganharam.

Foram estes o duque da Terceira,  
Cuja fama em bravura foi tamanha:  
Outro fôra o marechal, o gran Saldanha,  
Que a patria chorará eternamente,  
Sem o qual todo o esforço era impotente;  
E foi Napier, primor da Gran Bretanha,  
Co'o titulo de conde premiado,  
Depois da sua ultima façanha.

---

Mas fôra D. Pedro o heroe d'este drama,  
O genio da patria, salvando-a do abysmo:  
Partindo de longe nas azas da Fama,  
Ao mundo admirado provara heroismo.

A vida arriscando em acções, em combates,  
À frente das tropas, a espada empunhou:  
É sempre o primeiro que acode aos rebates,  
Foi sempre o primeiro que a brecha assaltou.

As linhas percorre animando os soldados,  
Os p'rigos maiores, com frieza os encara:  
Esforços emprega, em tal gráo elevados,  
Que exemplo imponente no mundo deixara.

Com nobre ardimento nascido no peito,  
Ardendo em desejos de a patria salvar,  
Em vez de descanso e repouso no leito,  
Té mesmo a cavallo se viu dormirar.

Notaveis prodigios que as tropas fizeram,  
Que o orbe assombraram, que foram pasmosos,  
Nas lides do heroe sua causa tiveram,  
Que fazem do mundo os heroes invejosos.

¶ Mas quando já tinha o paiz libertado,  
Com esses esforços, prodigios incriveis,  
De lides tão arduas já gasto e cansado,  
Seus dias tão uteis já são impossiveis.

Um anno, se tanto, de vida tão cara,  
Tão gasta nas lides em que se empenhou,  
Os louros mais nobres da gloria gozara;  
Exhausto de forças, sua luz se apagou.

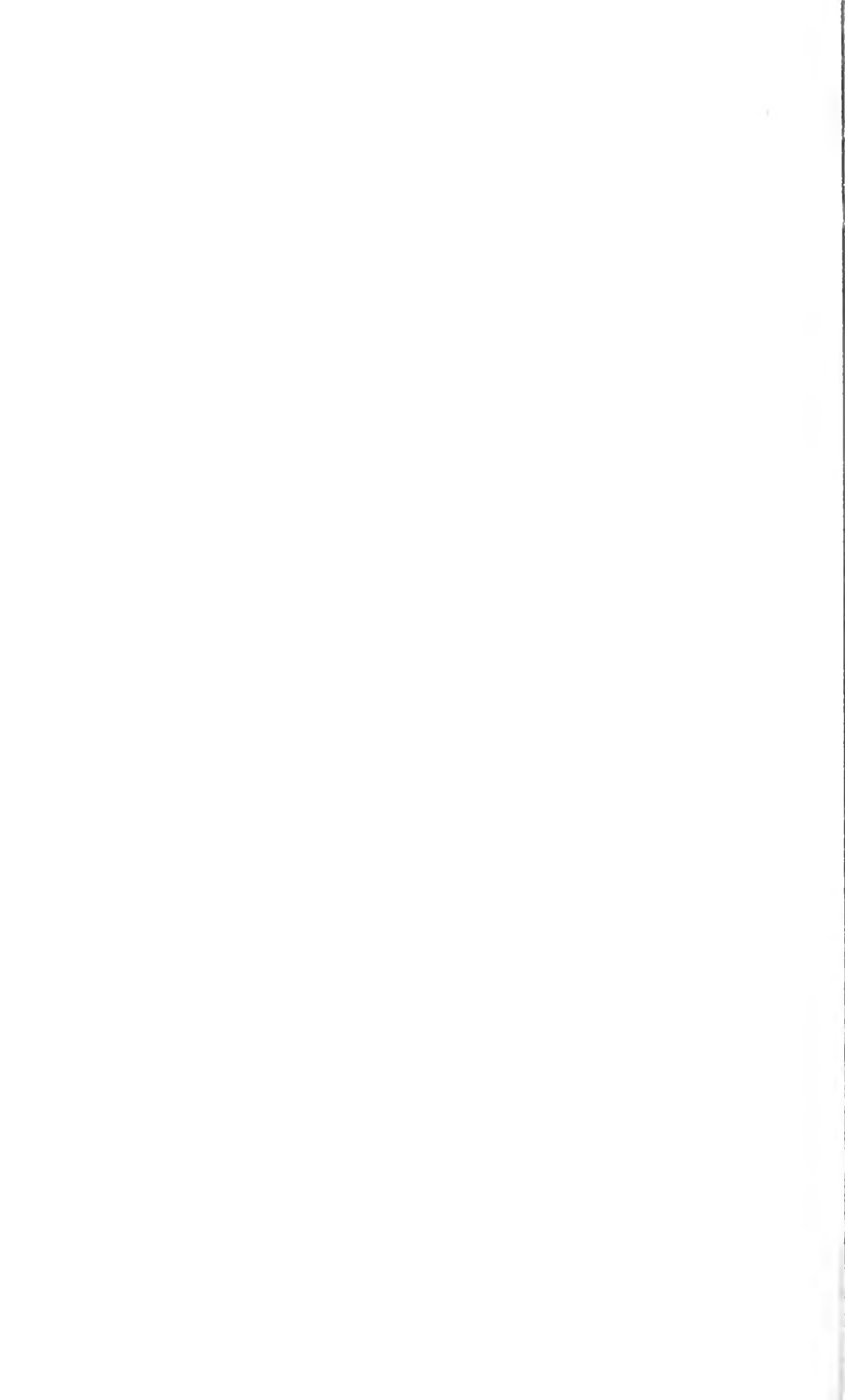


Nos filhos da patria, e em cada soldado,  
Gravada no peito a memoria deixou,  
A um d'esses valentes saudando abraçado,  
Salvando a nação, já contente expirou!

Se á terra baixara seu corpo lethal,  
Legando á nação da saudade o martyrio,  
Trocando-lhe as galas p'lo crepe e o delirio,  
Não morre jamais sua gloria immortal.

Em nossa patria lucta tão gigante  
Jamais se viu em nova ou prisca idade,  
Pois fôra a pugna atroz e palpitante,  
D'escravos a luctar co'a liberdade!

FIM DO IX E ULTIMO CANTO.



# NOTAS



## NOTAS

(<sup>1</sup>) Actualmente barão do Monte Brazil.

(<sup>2</sup>) Expressando-me d'este modo a respeito da nação ingleza, parecerá talvez que lhe tenho odio; e é por isso que desejo com esta nota destruir essa idéa, declarando que me refiro unicamente ao governo inglez d'aquella epoca, que tão obnoxio foi ao partido liberal do nosso paiz.

Tenho por certo que sobre o povo de qualquer nação não peza a responsabilidade dos actos iniquos do seu governo.

(<sup>3</sup>) Foi feito no Porto barão da Serra do Pilar, e falleceu sendo visconde do mesmo titulo.

(<sup>4</sup>) Falleceu de avançada idade, sendo conde de Campanhã.

(<sup>5</sup>) Estas lanchas de desembarque foram-lhe enviadas d'outras ilhas dos Açores, como: Faial, Pico, S. Jorge e Graciosa.

(<sup>6</sup>) Morreu sendo conde de Torres Novas.

(<sup>7</sup>) Foram commandados pelo seu bravo alferes Moura Coutinho, e acompanhados pelo capitão, quartel mestre general, Balthazar de Almeida Pimentel (que foi mais tarde conde de Campanhã) e pelo alferes, conde, e hoje marquez de Ficalho. Foi, sem duvida, ao incrível arrojo e á coragem admiravel d'aquelle punhado de bravos que se deveu toda a glo-

ria d'aquelle dia, pois, a não ser esse feito, as forças liberaes iam ver-se dentro em pouco cercadas e envolvidas entre dois fogos do inimigo, o que daria de certo funesto resultado.

(<sup>8</sup>) Era capitão d'artilheria e um dos primeiros emigrados que procuraram a ilha Terceira.

(<sup>9</sup>) Nuno Brandão de Castro era então alferes do exercito. Tinha-se-lhe confiado o commando do forte de Santa Catharina, que elle sustentou com admiravel bravura. Como a guarnição d'aquelle forte constasse na maior parte de artilheiros da costa, gente bisonha e sem nenhuma educação militar, não inspirava por isso toda a confiança ao alferes Brandão, o que fez que este tomasse a resolução de fechar a porta do forte, guardando em si a chave. Outrotanto fez o alferes Simão Antonio de Albuquerque e Castro no forte do Porto, que commandava.

Nos outros fortes, commandados, não por officiaes, mas por soldados, sendo um de artilheria, e dois do batalhão de voluntarios, cujos nomes, para gloria sua, aqui repetimos: José Paulo Machado, José Peixoto da Silva e Antonio Augusto da Costa Ripper, desenvolvia-se não menor coragem e valentia, que fazia honra aos melhores artilheiros de profissão.

(<sup>10</sup>) Não se confunda este, já ha muito fallecido, e que foi commandante de lanceiros da rainha com o que é actualmente director da secretaria da guerra.

(<sup>11</sup>) Foi feito, pelos seus valiosos serviços, barão de S. Cosme.

(<sup>12</sup>) Era um dos officiaes do quatro d'infanteria que tentaram a bem conhecida revolução d'aquelle corpo, em Lisboa, durante o governo usurpador, e que, sendo mallograda, custou a vida a muitos d'aquelles bravos, que morreram enforcados, podendo elle evadir-se e emigrar para a ilha Terceira.



Preço ..... 800 réis, moeda forte

---

Prompto a entrar no prelo:

## SORRISOS E SAUDADES

Um volume de poesias  
do mesmo auctor.





